

REVISTA DA SEMANA

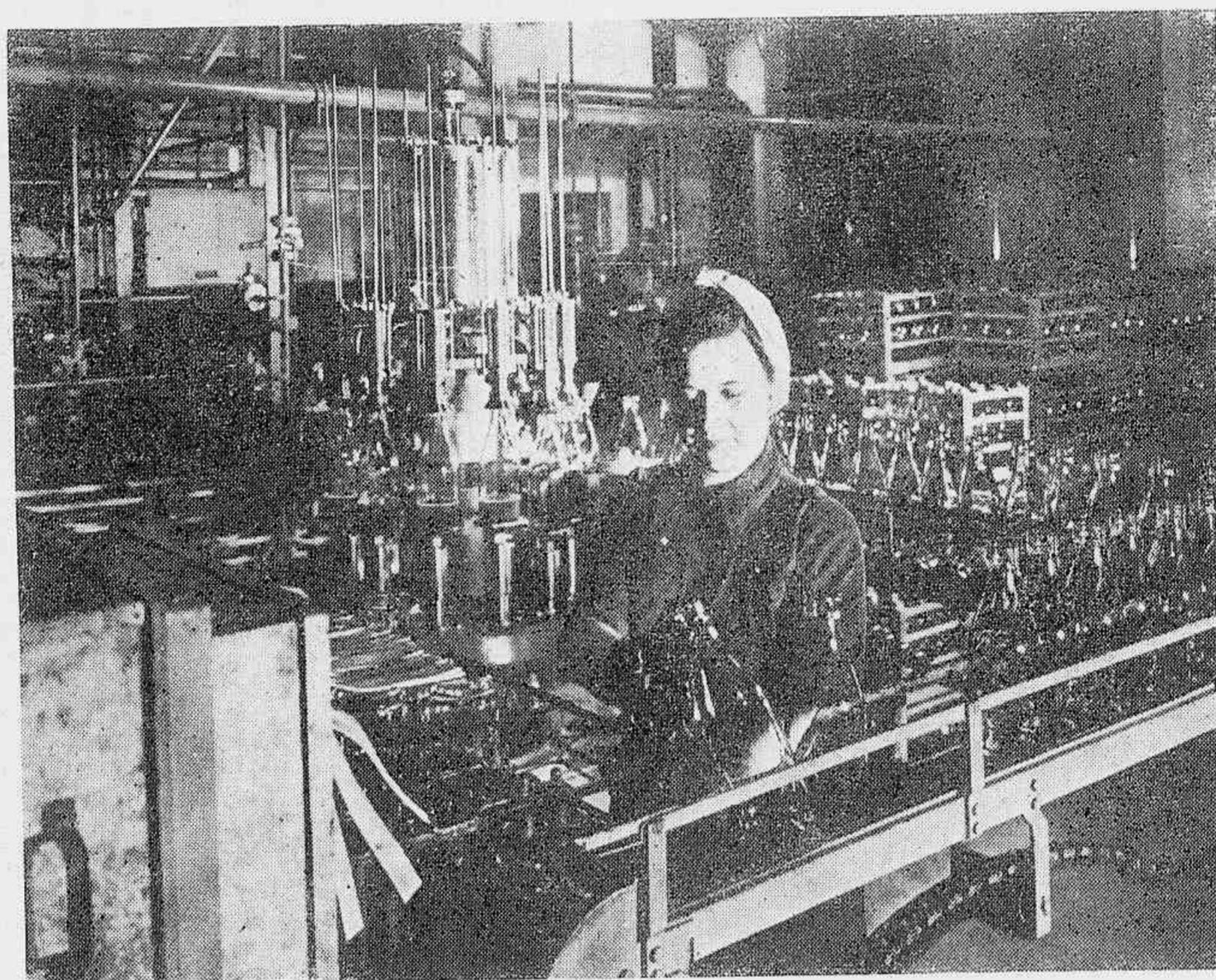
N.º 8

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

21-2-48



O ANO CIENTÍFICO



Este e outros assuntos enriquecem as páginas do ALMANAQUE EU SEI TUDO, para 1948, que está à venda.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, — os seus leitores conhecerão o que há de mais moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda, através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes, e um calendário completo para 1948.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL

SEM AUMENTO DE PREÇO

Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

Histórias do jôgo do bicho

nosso grande Murilo Mendes, no delicioso divertissement, entretanto tão sério, que é sua *História do Brasil*, dá esta definição do homo brasiliensis: «O homem é o único animal que joga no bicho». E tem certamente razão. Creio que daria mesmo um ensaio, esse tema do jôgo do bicho. Primeiro, nas suas relações com a unidade nacional. Muito mais do que o falecido senador Getúlio Vargas, de quem tanto se apregoou que unificara o país, pode-se dizer que o jôgo do bicho é, senão um fator, pelo menos um sintoma da unidade nacional. Menino ainda, na minha cidade de Teresina, via as severas regras de moralidade paterna condenarem Jeremias e outros ricos bicheiros; mas via criados, vaqueiros, marceneiros, serventes de pedreiro e soldados de polícia jogando no bicho. Vim depois morar nesta cidade, que tanto amo, e que é, bem o sabeis, paraíso de banqueiros, cidade em que mulher de senador também faz sua fezinha no bicho, e se fôra menos rico e um pouco mais carioca, também de certo compareceria ao poste da esquina o sr. Mário de Andrade Ramos. Mas da primeira vez que saí do Rio para a montanha fluminense, na zona rural de Miguel Pereira, que depois os egressos de cidades europeias conquistaram, meu querido e saudoso amigo Marcelo Rizzi mostrou-me, certa tarde, uma figura que se movia pelas estradas, solene e nítida, muito recortada contra o céu e as árvores, como para ser bem vista de bichos e homens. Tinha alguém ao arado: falou com ele, lá no fundo do vale. Subiu depois, abriam ruas na montanha: falou com os que as abriam. Na casa do grande e forte lombardo Bonardi, operários preparavam argamassa e lidavam com tijolos: falou com eles. Quem era aquêle sér onipresente, acolhido com abraços e exclamações? Seria um vereador, seria o enviado de alguma seita religiosa, seria o filho do chefe político? Era, já sabeis, o bicheiro local. Compreendi então que onde ainda não chegara a escola, já chegara o bicho. O jôgo dos pobres, o jôgo que permite jogar apenas um tostão e facilita as combinações engenhosas, era mais poderoso que o Estado republicano, ia pelo menos mais longe. E reli os versos em que Murilo Mendes conta a morte de Rui Barbosa:

«Um dia, velho, morreu.
O país chorou a perda
De seu filho amado e ilustre;
A consternação foi geral.
Sobretudo entre os bicheiros:
No dia da sua morte
Deu a águia, todo mundo
Jogara nela... Que azar!»

Não é somente a sátira do poeta: foi verdade também. Seria imprevisão? Seria esperteza dos bicheiros para confirmar a lenda popular, que os faz modelos de honestidade? («É o jôgo mais honesto do mundo: sem um documento, sem nada, se você tirou cem contos recebe os brutos na mesma hora contra um papelzinho insignificante», quantas vezes já ouvimos isso?) Ou seria realmente azar dos banqueiros no jôgo limpo?

O mesmo não aconteceu — se sabe e lembrava João Ribeiro numa das suas conferências sobre folclore — com o governo italiano, que, ao morrer Pio IX, ganhou quatro milhões de liras: toda a gente romana perdeu o dinheiro que jogara nos números do papa prisioneiro: 7 (dia da morte), 32 (anos de pontificado) e 86 (idade do morto). Rodou o loto oficial em proveito do Tesouro...

No fundo, o povo de Roma perdeu porque bem quis, porque assim quis servir à Pátria. Cada viciado em jôgo ilícito, inclusive no bicho, se torna, com o correr do tempo, um técnico respeitável; mas muitas vezes não consegue resistir ao impulso do palpite. Contarei um caso, e caso autêntico, para exemplo. Um amigo meu, jornalista de maliciosa inteligência, foi nomeado para uma repartição onde já encontrou o mano, também jornalista e escritor; e no dia mesmo de sua posse teve, no fim da tarde, um pequeno e instrutivo debate com o irmão, que perdera no jôgo do bicho algumas dezenas de cruzeiros (eu ia escrevendo mil réis e estava certo), por obediência a um imperioso, irresistível palpite, nascido em sonhos, confirmado num desastre de rua pelo número simultâneo do bonde e do automóvel (que trabalho para furar a multidão e anotar os números! E que júbilo ao verificar que eram idênticos e mantinham o palpite noturno!). Durante toda a manhã, os mais diversos detalhes o fizeram perseverar no mesmo número. Recebeu jornais da província, em que um velho senador era chamado de «jacaré já sem dentes, que substituiria o prazer de derramar sangue humano nas crueldades que determinava pelo de engolir os dinheiros públicos em negociatas inomináveis»; um cartaz de cinema apresentava Tarzan em luta contra sáurios gigantescos; uma vitrina de loja, sapatos de crocodilo; e como passasse no largo da Carioca e visse a grande derrubada das árvores que ali se fez, imaginou qual seria a alegria do Prefeito se o jogasse na Amazônia, com milhares de alqueires de floresta compacta a pôr abaixo; e a idéia da floresta amazônica levou-o ao grande rio e seus afluentes, todos eles, até o mais ínfimo, de jacarés povoados. Não resistiu. Sabia da circunstância negativa, só conhecida dos iniciados, mas ou se esqueceu ou julgou que a sorte estivesse lhe entregando, nas fauces carnívoras, a fortuna que tardava. Jogou e, como já disse, perdeu. Meio conto de réis e a humilhação de perder como se fosse um ignorante das regras do mistério. Foi o que disse o mano, revelando aos presentes um detalhe secreto, deles desconhecido mas de capital importância, o detalhe contra o qual se haviam esborrado os palpites fraternos:

— Feliciano (ponhamos Feliciano), Feliciano, você é burro mesmo! Bem feito! Onde é que você já viu jacaré dar em segunda-feira?...

ODYLO COSTA, filho (Especial para REVISTA DA SEMANA)

NESTE
NÚMERO

COLABORAÇÃO:

Histórias do jôgo do bicho (Odylo Costa, filho) ...	3
Hamlet a 40 graus à sombra (Herman Lima)	26

BIOGRAFIA:

A vida de Moisés (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) ...	25
---	----

CARICATURA:

Bom humor ...	12/13
---------------	-------

REPORTAGENS:

Forças novas na política brasileira (Demóstenes Varela) ...	6/11
---	------

No rádio onde não se ouvem anúncios (Nelson Vainer) ...	14/16
---	-------

Carmen Miranda está na Metrol (Luís Seriano) ...	18/19
--	-------

Um monumento do Brasil Antigo (Pedro Neves) ...	30/34
---	-------

As grandes obras sociais ...	30/23
------------------------------	-------

CONTOS:

A rainha do rancho (R. Magalhães Junior) ...	17
A autoridade (Sebastião Fernandes) ...	24

Samba (Castro Soromenho) ...	28/29
------------------------------	-------

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista ...	4
-------------------------	---

O Mundo Marcha ...	5
--------------------	---

Gente de Rádio ...	27
--------------------	----

Nos bastidores femininos ...	35
------------------------------	----

Música ...	32
------------	----

Modas ...	38/43
-----------	-------

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty) ...	35
--------------------------------------	----

O espírito feminino através dos tempos ...	36
--	----

A personalidade da semana (Yvonne Jean) ...	41
---	----

Muro das lamentações ...	40
--------------------------	----

Mães e filhos (Zóia de Laet) ...	37
----------------------------------	----

Week-end na cozinha ...	44
-------------------------	----

Caixa de ressonância ...	46
--------------------------	----

FOLHETIM:

«Um porto remansoso» (Olive Higgins Prouty e George Tetzl) ...	57/58
--	-------

ILUSTRAÇÕES:

Armando Pacheco, Anna Zagorska, Percy Deane e Orlando Mattos.

NOSSA
CAPA

Maria Della Costa, que se distinguiu, primeiro, como modelo, tomando parte nos desfiles de elegância dos cassinos e, depois, como atriz amadora, cursou o Conservatório de Arte Dramática de Lisboa e procura, agora, aplicar no cinema nacional seus predicados artísticos, sua beleza e fotogenia. Ela é a intérprete central da comédia esportiva "O cavalo número 13", fotografada por George Fanto e dirigida por Luís Barros. Na nossa capa, ela aparece em uma cena dessa película.



asemana Em Revista

OS "MAFUÁS" NO CENTRO DA CIDADE



O prefeito visitou há tempos o mafuá que funciona na avenida Passos e achando-o incompatível com o relativo sossego que deveria existir para os moradores das adjacências determinou o seu fechamento. A empresa L. Dias recorreu à Justiça, pretendendo provar que a barulheira que faziam os cíto-falantes e os apre-gadores das barracas até quase à meia-noite era a coisa mais inocente do mundo. A Justiça deu ganho de causa ao prefeito e a vizinhança pôde, enfim, dormir em paz. Já tinham feito vários abaixos-assinados ao chefe da polícia do Distrito Federal. Tudo em vão. Foi preciso a presença do senhor Angelo Mendes de Moraes para que terminasse o abuso. Essas considerações nos vêm ao espírito porque a própria Prefeitura acaba de dar licença para um parque de diversões idêntico ao que foi fechado. Novamente em centro residencial, no campo do Russell, encostado áquelas dezenas de edifícios de apartamentos. Onde está o critério do caso? Tão barulhento quanto o outro será este mafuá da praia do Russell, talvez mais, pois o número de aparelhos de diversões e de barracas é maior que o da avenida Passos. Todos aplaudiram a ação do prefeito quando deu um pouco de tranquilidade às famílias moradoras próximo ao parque de diversões fechado, que vinham sendo martirizadas há mais de um ano. Como se pode compreender que a Prefeitura permita que outras centenas de cidadãos que têm direito ao repouso noturno

se vejam impedidos de gozá-lo? Isto é mais estranhável porque há tempo funcionou na praia do Russell um parque de diversões, quando a União Nacional dos Estudantes armou no local um teatro ao ar livre. Depois de alguns meses choveram protestos dos residentes. Tal foi o clamor que a UNE foi obrigada a transferir o inóportuno parque para outro local, passando para a avenida Teixeira de Castro, em frente ao Campo do Botafogo. Novamente agora, acobertados pela extemporânea Exposição de Puericultura do Departamento Nacional da Criança que se fará no local, os empresários de mafuás conseguiram armar ali suas barracas de caçaniqueis. Por que não organizaram a tal exposição nos térreos no Ministério de Educação, local de fácil acesso para o público? Por que gastaram tanto dinheiro na construção do "stand" colossal quando poderiam economizar se aproveitassem uma dependência do Ministério a que pertence aquele serviço? Naturalmente que o concessionário da empresa de diversões que funciona na Praia do Russell paga um ótimo aluguel pelo terreno ocupado. Dizem que à União Nacional dos Estudantes, o concessionário pagava dois mil cruzeiros diárias. Quem arrecada a "gaita" dêsse novo arrendamento? Que ligações há entre aquilo e o DNC? De qualquer maneira não se justifica que a Prefeitura feche um mafuá como perniciosa à tranquilidade pública e permita, quase à mesma hora, que se abra um outro, em local semelhante. Por que roubar às crianças o gramado da Praia do Russell para os seus folguedos, nesta cidade, em que jardins e "play-grounds" são artigos de luxo? A permissão dada pelo Departamento de Diversões da Prefeitura é inconcebível e nós esperamos que o senhor prefeito confirme o seu alto critério de justiça, impedindo o funcionamento do parque-barulheira do Russell, tal como fez com o da avenida Passos.

O TEATRO NACIONAL VAI



Lina Abranches, Maria Bertha Bivar, etc. Nada mais natural que, indo a Portugal, essa companhia quisesse servir-se de uma empresa brasileira de navegação, o Lloyd Brasileiro, obtendo desta vantagens razoáveis, como, por exemplo, um abatimento nas passagens, autorizado pelo governo. Essas facilidades, em matérias de passagens para

PASSEAR PELA EUROPA...

companhias brasileiras, têm sido dadas pela Estrada de Ferro Central do Brasil, pelas companhias nacionais de navegação e, igualmente, por um organismo burocrático, um serviço oficial do Ministério da Educação, o S. N. T., que anualmente distribui subvenções a título de "auxílios para viagens". Entretanto, em todas as portas em que tem batido, a companhia Eva Todor tem recebido, como única resposta, as palavras "não pode ser", "indeferido", "não há verba", etc... O diretor geral do Lloyd Brasileiro, comandante Amaral Peixoto, afirmou não poder fazer nada, porque a Comissão de Marinha Mercante não permite... No ano de 1947, dera doze passagens gratuitas, nos navios do Lloyd, em casos de extrema necessidade, e a C.M.M. agora quer que ele pague as passagens... Um requerimento ao general Eurico Dutra, presidente da República, foi formulado e o desacho ainda não saiu. Pode ser despachado favoravelmente... Pode também não ser. O caso é que se trata de quatrocentos mil cruzeiros de passagens, — mas, com 50% de desconto, o Lloyd Brasileiro arrecadaria duzentos mil... O que não seria mau, além de ajudar um elenco a levar nosso teatro além das nossas fronteiras, fomentando o intercâmbio artístico com Portugal. A propósito, — devemos assinalar que, há dias, partiu para Lisboa o secretário daquela companhia, — e no navio do Lloyd em que ele seguiu era o único passageiro de primeira classe! Toda a primeira classe estava vazia, mas mesmo assim fazem no Lloyd tantas dificuldades como se ela estivesse permanentemente atropelada!

A NOVA "SEMANA DO TRÁFEGO" E ALGUMAS REFLEXÕES JA' VELHAS...

Vamos entrar segunda-feira próxima na "Semana do Trâfego". Para o carioca, pedestre ou automobilista, serão seis dias diferentes, graças às providências tomadas pela Inspetoria de Trânsito em colaboração com a Prefeitura. O carioca ouve durante esses dias conselhos, ensinamentos e informações a respeito de como atravessar uma rua, da necessidade de obediência ao sinal e de outras coisas úteis. Ouviu sorrindo e, passada a semana, esquece tudo aquilo. E, no entanto, uma das coisas mais desorganizadas do Rio é o trâfego. Problema que a Inspetoria não consegue solucionar e para o qual nem o pedestre nem o automobilista contribuem. As vezes, dizem que o problema foi resolvido, como aconteceu no princípio do ano, quando proibiram os lotações particulares. Mas é tudo balela. Entretanto, como o exemplo deve vir de casa, deve ser a própria Inspetoria de Trânsito a primeira a aprender com a "Semana do Trâfego". E se ela não sabe como, nós vamos sugerir-lhe algumas medidas a bem do descongestionamento urbano. Primeiro que tudo, usando da máxima severidade na aprovação dos candidatos a motoristas, sejam da classe de profissionais ou amadores. Sabemos que o senhor Edgard Estrela é o único exigente na banca examinadora. Com ele não

passam os "barbeiros" ou os empistolados. Se o exame fosse rigoroso, quantos desastres seriam evitados! Em 1947 houve um acréscimo de 1.248 desastres em relação a 1946. Em segundo lugar, deve cessar a licença dos que abusam ostensivamente dos regulamentos do trâfego. Terceiro: colocar mais sinais luminosos nos pontos de cruzamentos, inclusive ao longo da Avenida Atlântica, e em postes mais altos, como reclamam os choferes. Selecionar melhor o seu corpo de inspetores. Todo o motorista prefere encontrar em um cruzamento um luminoso automático do que um perrengue guarda, que mal entende de circulação de veículos, mão e contra-mão. Quando o escoamento se embarca em determinado logradouro pode-se contar na certa que substituirão o "luminoso" por um guarda de poucas luzes. Isso se conseguirá com uma perfeita escola para inspetores de trâfego, coisa que estamos longe de possuir. E, finalmente, como principal para a moralização e prestígio da classe e consequente respeito pelos seus regulamentos, é necessário acabar com o regime do "mostre a sua carteira". O motorista infringiu um regulamento. O guarda apita. O chofer manhosamente dá a volta e mete a conversa no guarda. "Mas seu guarda, o que que há..." — "Mostre-me a sua carteira?" — diz esse. O camarada entrega-lhe a carteira dentro da qual juntou antes uma peleja de cinco, dez ou vinte cruzeiros, conforme a infração. O guarda olha rapidamente a carteira e... bem, qual o motorista amador ou profissional que não conhece esta "escrita"? Para acabar com isto é preciso dar aos inspetores um ordenado decente e uma fiscalização rigorosa. Enquanto não se moralizar a classe dos mantenedores da ordem do trâfego, não será resolvido o problema do trânsito.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHÃES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 8 — 21-2-48

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguilar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires. Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porto simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00
O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.
EM SAO PAULO — Vendida a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 97 — Tel. 4-1569; — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2º andar, sala 217. Telefone 6-6718



HENRY Wallace, candidato à presidência dos Estados Unidos pelo Partido Trabalhista, em seu último discurso declarou que "há um grande número de militares em posições políticas decisivas no Departamento de Estado e que esses homens são incapazes de transmitir uma mensagem de paz ao mundo, tal como são incapazes de educar a juventude"... O general George Marshall, secretário de Estado, por sua vez declarou não haver mais possibilidade de negociações com os russos sobre as mais importantes questões da Europa... Os pôrtes do governo estadonovista continuam a aparecer. Ainda agora o senhor Alberto Whately, em carta ao presidente da República, acusou o extinto Departamento Nacional do Café de distribuir desonestamente o café conseguido dos agricultores à custa da "quota de sacrifício" e cita o caso da entrega a dois aventureiros de 81.597 sacas de café a pretexto de propaganda da rubiácea no Oriente. Este lote foi vendido na praça de Santos e proporcionou aos dois espertalhões um lucro de mais de vinte e três milhões de cruzeiros. Seriam apenas os dois a ganhar com essa "mamata"?... O Ministério da Agricultura gastou dezoito milhões de cruzeiros combatendo os gafanhotos, mas os acídeos não tomaram conhecimento do emprêgo dessa verba e continuam devorando a lavoura sulista, segundo as últimas notícias chegadas do Rio Grande do Sul... Os americanos da Universidade da Califórnia realizaram o sonho dos alquimistas da idade média fabricando ouro puro de platina e íridio. Até os metais nobres terão que se socializar em breve. O mundo marcha... General Dutra, atenção! Telegramas do Rio Grande do Sul anunciam que os diretores do poderoso "trust" da carne no Brasil — Swift, Armour e Anglo — conferenciaram com os diretores do Instituto de Carnes daquele Estado afim de obter autorização para exportar carne para a Europa. Se conseguirem isso, ficaremos sem a dita. Não o consinta, general... A Associação dos Livreiros da Argentina promulgou a edição portenha do livro de Erico Verissimo, "Caminhos Cruzados", sob a alegação de que o livro é pornográfico. Medo de concorrência do patrício, nada mais... Dados que entristecem, conseguidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Das 1.667 cidades brasileiras sómente 351 possuem serviço de esgotos e apenas 663 contam com abastecimento d'água. No Maranhão, até 1945, sómente a capital possuía serviço de esgotos e em todo o Estado apenas três cidades possuíam abastecimento d'água... O "leader" da maioria da Câmara Federal, senhor Acurjão Torres, há tempos declarou que votaria contra o aumento de salário dos jornalistas. Atualmente esse "leader" anda atarefadíssimo na Câmara para conseguir número legal de parlamentares que aprovem o aumento geral dos militares e funcionalismo... O governo soviético proibiu a execução em tóda a Rússia de "swings" e foxes sob a alegação ridícula de serem tais músicas bárbaras e indicadoras da decadência burguesa. Positivamente, comunistas e democratas não dançam pela mesma música... Na cidade de Passau, Alemanha, o povo está comprando nos açouques carne de cachorro, na falta de carne de cavalo... O Chile está tratando da ocupação das ilhas de Graham e de Greenwich, sem se importar com os protestos da Inglaterra. Ninguém mais se amedronta com as ameaças britânicas... Técnicos norte-americanos afirmaram em Washington que, possivelmente na próxima conferência inter-americana a reunir-se em Bogotá, os Estados Unidos conseguirão dos governos latino-americanos meios de explorarem os seus campos petrolíferos. O impasse entre o governador do Piauí e a Câmara Legislativa daquele Estado continua. Enquanto os deputados eleitos não se resolvem a trabalhar, o povo piauiense continua a pagar impostos e... os seus subsídios! O Instituto Nacional de Estatística de França apurou que a principal causa do desequilíbrio econômico do país é a super-lotação nos setores do comércio e escritórios. O mesmo mal do Brasil. Lá, como aqui, a lavoura está cada vez mais precisando de braços... "Constitui malefício para ser evitado a proliferação dos partidos, muitos deles conduzindo à vida efêmera o que deveria representar sólido e homogêneo instrumento de colaboração, etc..." — Palavras do presidente Dutra aos paranaenses e carapuça de número exato para a cabeça do senador Vitorino Freire, fundador do "efêmero" PST... O Paraguai instituiu um novo tipo de eleições "democráticas". Existe apenas um partido e um só candidato. Há uma grande torcida para saber quem vencerá... Os "comandos" continuam desmascarando os envenenadores e exploradores do povo. Foram fechados na última semana o "Restaurante da Brahma", a "Confeitaria Lallet" e o "Palácio de Cristal", na Lapa, que de palácio só tinha o nome e os preços... Reunir-se-ão em Porto Alegre diversos técnicos para estudar os problemas rodoviários nacionais. Senhores técnicos, banqueteiem-se menos! Não há problemas, mas um problema; a falta de estradas... Perón reafirmou a atitude da política externa argentina declarando em assembléia de seu partido que o país não se encontra na órbita da política de Washington nem na de Moscou. Primeiro os interesses próprios da Argentina... O governador interino de Pernambuco, senhor Otávio Correia gastou uma verba de trezentos mil cruzeiros para recepcionar festivamente o governador eleito, senhor Barbosa Lima Sobrinho, que, enfim, tomou conta do posto. Seria mais útil se tivessem aplicado essa verba no combate às mazelas que afligem o povo pernambucano. O tempo não está para essas visagens dispendiosas... A estatística do Hospital do Pronto Socorro mostra bem o que foi o entusiasmo carnavalesco no Rio este ano. Foram socorridos nada menos de mil e quinhentos feridos e vinte pessoas faleceram em consequência direta ou indireta da folia... "Divórcio", no Serrador e "Hamlet" no Fenix sobreviveram ao Carnaval e continuaram a ser representadas. Bibi Ferreira, com Alma Flora e Palmeirim Silva, apresentarão na quarta-feira "A Pequena Catarina", de Régis Groux e Jacques Thery. Quanto a Pascoal Carlos Magno, pretende levar por mar marítima ao norte do país a mais arrojada caravana artística que já se pensou nesses Brasis. Avante, Pascoal!... Por hoje é só... Até sábado...



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quarda agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projetos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o inicio da adolescência constitue por isto mesmo uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se oporam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—esposa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicológicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam—e cujos desarregos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso—são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gestelra* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjoos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, podem ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gestelra*.

A ação que o *Regulador Gestelra* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gestelra* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

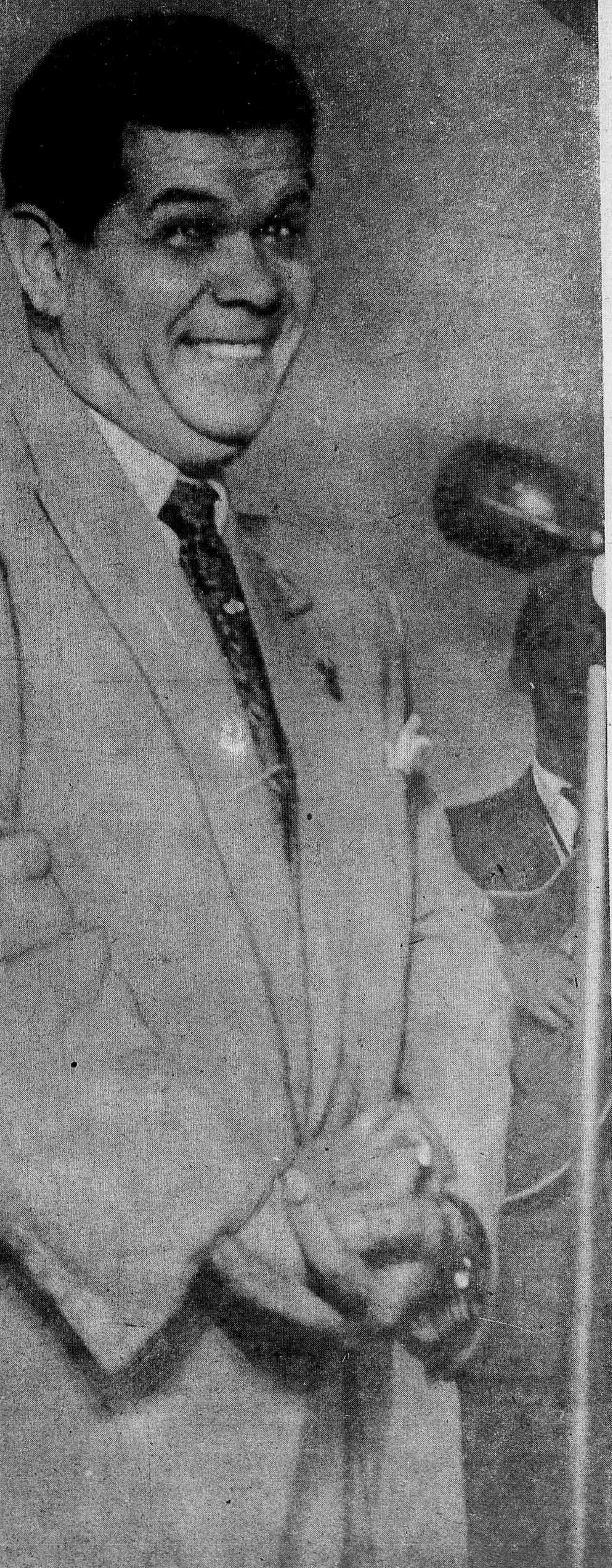
2 — Os contos devem ser inviolavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



FÔRÇAS NOVAS NA POLÍTICA BRASILEIRA

O rádio, o teatro, a música ligeira e o futebol projetam nas altas esferas partidárias uma dezena de figuras cuja popularidade alicerçou brilhantes triunfos — Um deputado federal, dois deputados estaduais e vários vereadores no Rio, Minas e São Paulo — Oscarito, candidato a senador?

Reportagem de DEMÓSTENES VARELA
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

DEPOIS de destruída a ditadura que, durante tantos anos, envenenou o ambiente nacional, alguns dos complacentes políticos de outrora, desses que se acomodavam ao troco de qualquer vantagem, verificaram, com surpresa, que não podiam mais capitalizar o transitório prestígio passado. Nas eleições, o público voltava-lhes as costas, esquecido dos papéis feios ou bonitos que eles haviam feito nos dias de outrora. E votavam, — não nos velhos deputados e senadores de outros tempos — mas, imaginem! em um simples locutor de rádio! Pela primeira vez, forças novas começaram a preponderar em nossa política, — forças antes desprezadas, ou inexistentes, mas agora, ativas, operantes. Algumas das figuras que triunfaram nas eleições se têm revelado à altura de sua missão. Outras, entretanto, por enquanto são apenas pitorescas. Mas, — já perguntava Fradique Mendes, — que seria do mundo sem o pitoresco?

UM DEPUTADO FEDERAL QUE VEIO DO RÁDIO

Quem alertou os partidos políticos sobre as possibilidades do rádio, como veículo de captação de votos, como instrumento eleitoral, foi o sr. Manuel Victor, candidato, em São Paulo, ao mandato de deputado federal, por um partido praticamente inexistente: o Democrata Cristão. A realidade não era o partido, — e sim o programa de rádio, ouvidíssimo, que o candidato mantinha na Rádio Bandeirante, sob o título de "Hora da Ave Maria". Além desse programa, Manuel Victor fazia outro, romântico, "Serenatas e mantilhas", sem ser, no entanto, na expressão lata da palavra, um "profissional" do rádio. Isto porque é, — e continua a ser, — um alto funcionário do Banco do Brasil, onde, até ser eleito, continuava a prestar serviços. Manuel Victor nasceu em Juiz de Fora, a 25 de maio de 1898, estando, pois, às portas dos cinquenta anos. Jovem ainda, foi para São Paulo, onde fez o curso de humanidades, diplomou-se em Direito, iniciou sua vida radiofônica, conquistou popularidade e, finalmente, foi eleito deputado, em pleito renhido.

Tendo feito parte da Assembléia Constituinte Nacional, continua agora, na Câmara dos Deputados, a desempenhar o seu mandato, tendo se desligado do Banco do Brasil, onde já prestou 18 anos de serviços, mas não do rádio, pois, quer chova, quer faça sol, às 18 horas está em seu escritório, com uma linha telefônica à sua disposição, comunicando-se com os rádio-ouvintes, — sua esperança de vir a ser reeleito para uma nova legislatura...

Em São Paulo, não faltou quem lhe quisesse seguir o exemplo. Multiplicaram-se as candidaturas de gente de rádio, em vários pleitos, algumas delas com êxito... E no Rio, também...

E' DE NITERÓI O "SPEAKER"-DEPUTADO DE SÃO PAULO

Um dos que imitaram o exemplo de Manuel Victor foi Manuel da Nóbrega, este um autêntico profissional do rádio e, — singular circunstância, — antigo colega daquele na profissão bancária.

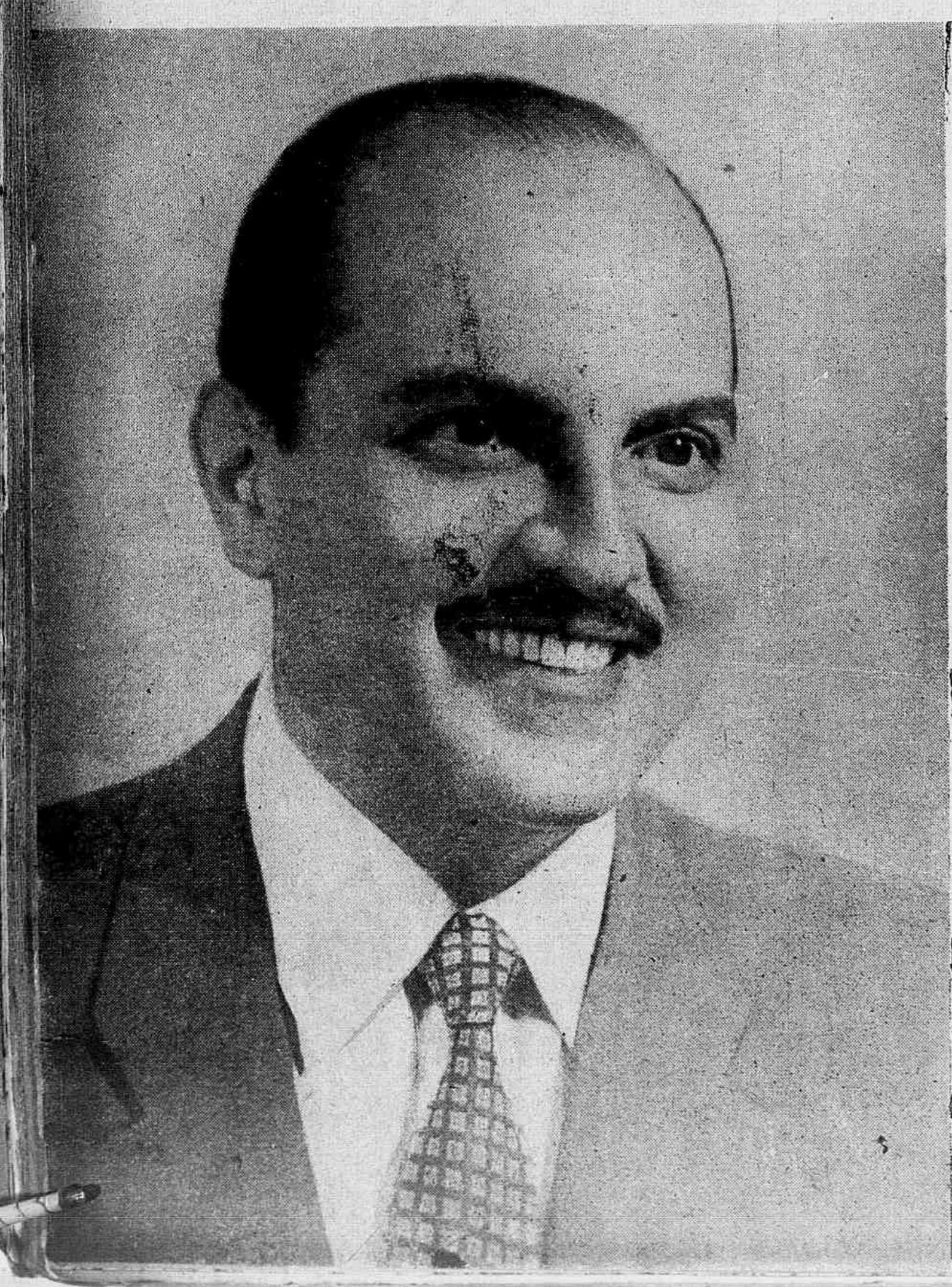
Manuel da Nóbrega nasceu em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, a 18 de fevereiro de 1913, filho de Francisco de Nóbrega e d. Maria Leonette da Silva Nóbrega, ambos portugueses. Depois de cursar o Instituto Lafayette, do Rio de Janeiro, conquistou o diploma de perito-contador. Durante alguns anos foi bancário e chegou a exercer as funções de assistente da gerência do Banco Financial Novo Mundo, em sua Agência de Copacabana. Ingressou no rádio, como profissional, em 1937, na Ipanema, e aí ascendeu ao posto de locutor-chefe. Passou-se, depois, para a Tupi carioca e, em seguida, atuou na Tupi paulista. Em 1945, achava-se na Rádio Cultura de São Paulo, quando, a convite do governo dos Estados Unidos, visitou aquele país, ali se demorando cerca de quatro meses. Atualmente pertence ao "cast" da Record, de São Paulo, e, entre outros, apresenta um programa juntamente com seu filho Carlos Alberto, que conta doze anos de idade. Concorreu às eleições para a Assembléia Legislativa de São Paulo,

A esquerda: o ator cômico e "broadcaster" Waldomiro Lobo, hoje vereador do PTB em Belo Horizonte. A direita: Sagrônio de Scuvero, que se fez eleger pelo PR (não confundir com as baixas caça-níqueis...) e derrotou seu ex-nôivo, Claudio Mancini, hoje suplente do PSD





Em cima: Ary Barroso, locutor esportivo e vereador carioca, e Benedito Mergulhão, seu colega de representação, autor e locutor do programa "Astros e ostras". Em baixo: Manuel da Nóbrega, deputado estadual paulista, e Nicolau Tuma, vereador em São Paulo, — ambos radialistas na terra bandeirante.



em janeiro de 1947, sob a legenda do Partido Social Progressista e obteve nada menos de 39.778 votos, com o que é o deputado que maior número de sufrágios conseguiu em todo o Brasil. É autor teatral e teve uma peça representada por Procópio Ferreira: "O Incrível Dr. Bonnet".

UMA EX-ATRIZ NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE SAO PAULO

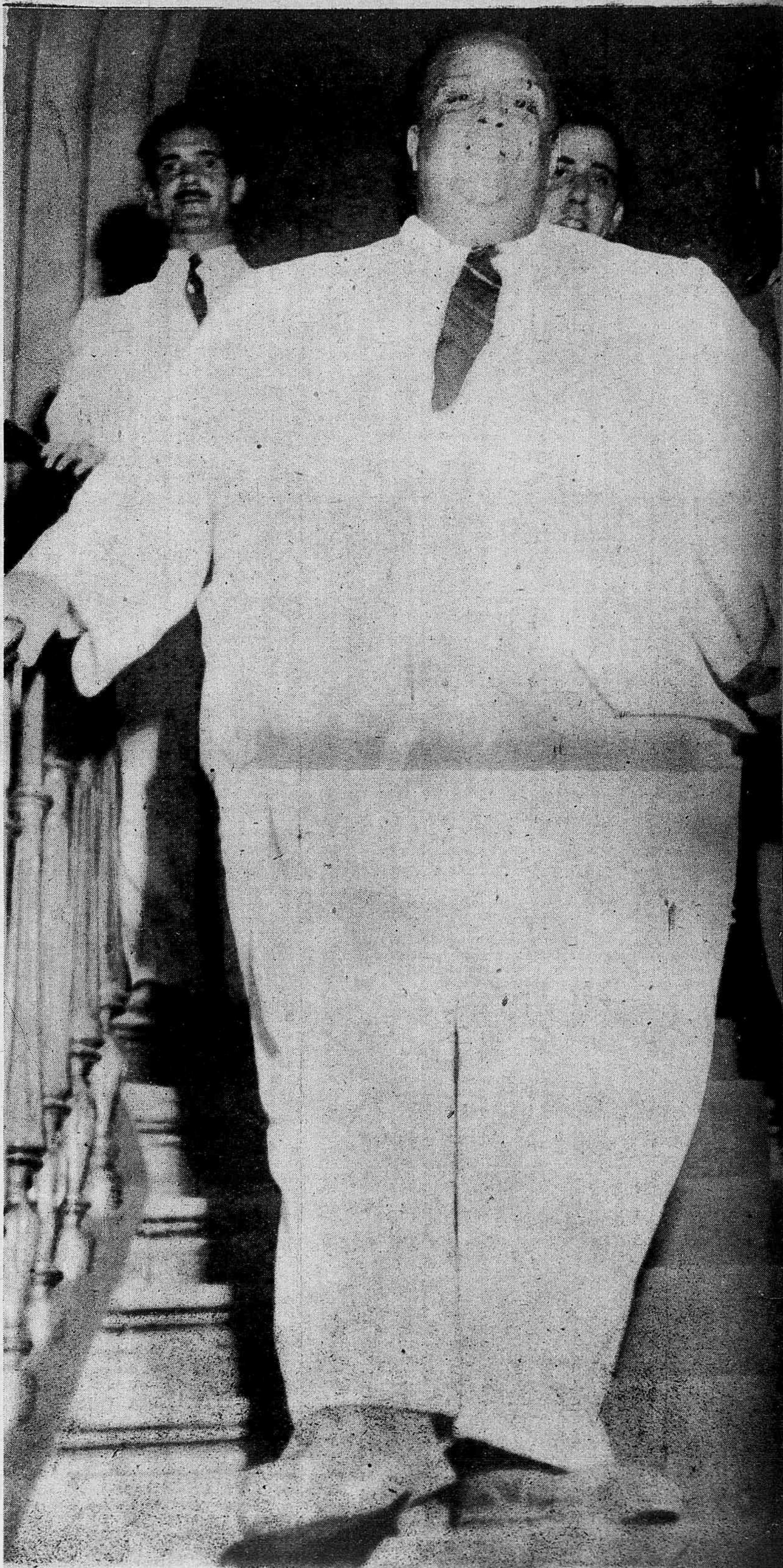
Neste capítulo, sei que não estou trazendo para essas colunas novidade alguma, pois REVISTA DA SEMANA já se ocupou do caso de Conceição Santamaría. Em todo caso, ela não pode deixar de figurar nesta reportagem e aqui vai uma sucinta biografia da operosa e encantadora deputada paulista.

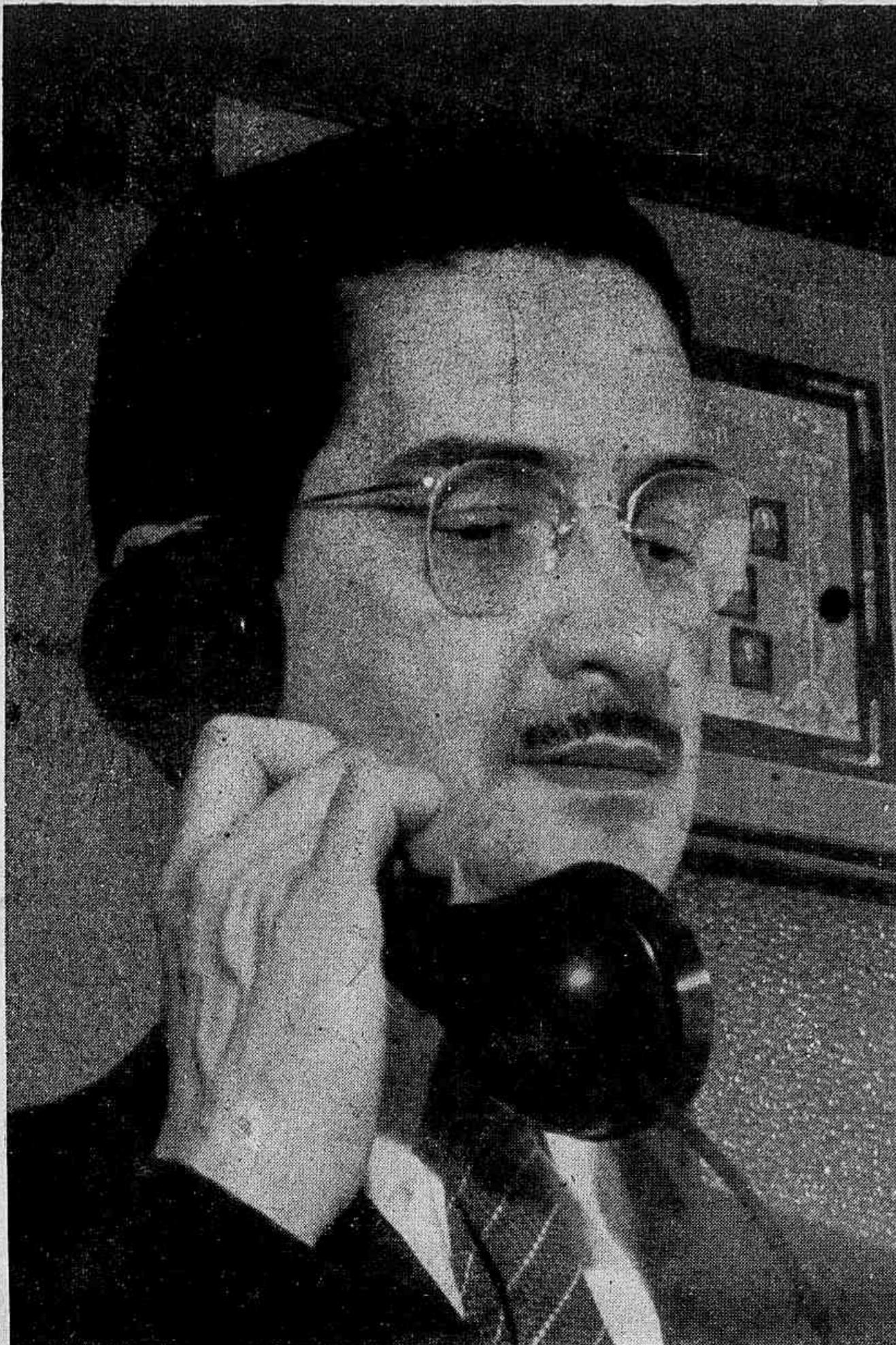
Conceição Neves Santamaría, que o Brasil inteiro conhece melhor pelo pseudônimo artístico de Regina Maura, com o qual, durante alguns anos, se apresentou ao lado de Procópio Ferreira, realizando algumas das mais notáveis "performances" já alcançadas em palcos do país, nasceu em Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais, a 17 de outubro de 1908, filha de Manuel da Costa Neves e d. Maria do Espírito Santo da Costa Neves. Cursou os colégios "Stela Matutina" e "Santa Catarina", ambos daquela cidade mineira. Fez o curso de samariana da Escola da Cruz Vermelha Brasileira. Foi atriz da Companhia Procópio Ferreira, de 1929 a 1933. Casou-se, depois, com o ilustre médico dr. Mateus Santamaría. Durante a última guerra, foi diretora da Cruz Vermelha Brasileira, filial de São Paulo. É fundadora da Associação Paulista de Assistência ao Doente de Lepra, cuja presidência exerce pelo sufrágio da totalidade dos internados em todos os cinco leprosários do Estado de São Paulo. Concorreu ao pleito de 19 de janeiro de 1947, como candidata a deputado estadual, sob a legenda do Partido Trabalhista Brasileiro. Obteve o segundo lugar entre os eleitos por essa legenda e o quarto lugar na votação geral.

NICOLAU TUMA, O "SPEAKER"-VEREADOR DE SAO PAULO

Nicolau Tuma, um popular locutor esportivo, foi eleito vereador, em recente pleito, na capital bandeirante.

Nicolau Tuma nasceu em Jundiaí, Estado de São Paulo, a 19 de janeiro de 1911. Fez os estudos primários na Escola São Francisco Xavier e no Grupo Escolar Prudente de Moraes, ambos de sua cidade natal. Em 1920, sua família transferiu-se para a Capital Paulista e, ali cursou ele o Colégio Oriental, o Instituto de Ciências e Letras e o Liceu Rio Branco. Fez o curso secundário, pelo regime de exames parcelados, no Ginásio do Estado, da Capital de São Paulo; concluindo-os em 1925, com apenas 14 anos, matriculou-se na Faculdade de Medicina, porém como ouvinte, isto por falta de idade legal. Em 1927, desistiu da Medicina e matriculou-se na Faculdade de Direito, integrando a turma de calouros do centenário daquele tradicional estabelecimento de ensino superior. Em 1928, tentou-o o jornalismo e ingressou na redação do "Diário Nacional". A seguir, participou de um concurso de locutores da "Rádio Educadora" e ali iniciou sua carreira radiofônica, a 8 de julho de 1929, quando se encontrava no terceiro ano do curso jurídico. Colando gráu, como bacharel em Direito, a 7 de setembro de 1931, seguiu para Rio Claro, uma cidade do interior paulista, no firme propósito de ali exercer a advocacia. Isto, porém, não durou muito e, em junho de 1932, retornou ele ao rádio, para fazer-se ouvir ao microfone da "Record", de S. Paulo. Alguns dias mais, deflagrada a Revolução Constitucionalista de 1932, desempenhou papel de relevo na campanha radiofônica então levada a efeito e na qual pela primeira vez em todo o mundo foi o rádio utilizado como arma auxiliar de guerra. Foi Nicolau Tuma o pioneiro das irradiações de pugnas esportivas, com descrição 100% fiel dos acontecimentos, a tudo acompanhando nos menores detalhes. A propósito, não será demais lembrar que, em 1934, ao irradiar Tuma a 2.ª Corrida da Gávea, disse Benjamin Costalat ter podido acompanhar de sua cama de enfermo os vários lances da competição, tudo muito ao vivo, como se a tudo estivesse vendo, graças à meticulosa fidelidade da narrativa do locutor. Foi, também, o principal organizador de toda a parte artística, informativa e cultural da "Rádio Difusora de São Paulo" e a ele se deve muito do fastigio de que ainda hoje goza a "Rádio Cultura de São Paulo", da qual foi supervisor, diretor comercial e locutor principal. Em 1947 retornou à "Difusora", para exercer a superintendência daquela emissora, que acabava de instalar seus serviços de ondas curtas; ali, também, foi o organizador dos programas informativos dos acontecimentos brasileiros e destinados especialmente ao exterior. Um ano depois, assumiu a direção da "Rádio Educadora do Brasil", do Rio de Janeiro, logo a seguir transformada em "Rádio Tamoio"; nessas funções, teve oportunidade de inaugurar os serviços de ondas curtas dessa estação e, bem assim, dar-lhe um lugar de grande relevo no "Broadcasting" do país. Foi Nicolau Tuma quem criou o serviço de informações para os pracinhas da FEB — serviço esse inaugurado pelo então ministro da Guerra, general Can-robert da Costa e através do qual as famílias dos nossos expedicionários a eles enviavam as suas mensagens. Em 1945, retornou a São Paulo e assumiu a direção comercial da "Rádio Bandeirante". Passando essa emissora a outros proprietários, Tuma voltou à "Record", e, nesta emissora, chefia o Departamento de Publicidade e faz vários programas. Foi candidato a deputado estadual, no pleito de janeiro de 1947, mas não conseguiu ser eleito. Nos últimos prélrios eleitorais, entretanto, foi eleito





A esquerda: Manuel Victor, o locutor da "Hora da Ave Maria", foi eleito deputado federal por um partido praticamente inexistente; o PDC. A direita: aqui está o futebolista mineiro Kafunga, fazendo sua estréia na tribuna da Câmara Municipal.

vereador à Câmara Municipal de São Paulo, como candidato da União Democrática Nacional. Nesse posto, já está desempenhando atividade das mais profícias, em defesa dos interesses coletivos.

NO RIO DE JANEIRO, SAGRAMOR DE SCUVERO DERROTOU O EX-NOIVO

No Rio de Janeiro, por ocasião das eleições para vereadores, surgiram várias candidaturas radiofônicas. De algumas, ninguém tomou conhecimento. Outras, se malograram. Mas vários saíram vitoriosos. E entre os vitoriosos fulge o nome de Sagramor de Scuvero, que, embora "queremista", foi por um desses altos mistérios da química eleitoral candidata, não do PTB, mas do PR! Entre outras particularidades, Sagramor de Scuvero era um elemento recém-vindo de São Paulo para a Rádio Clube do Brasil, de onde passou para a Mayrink Veiga e, depois, para a Rádio Globo. Descendente de italianos, Sagramor de Scuvero tem indiscutível talento radiofônico e seus programas, "O mundo não vale o seu lar",

"Problemas de sua vida" e "Conversa em família" a situaram no primeiro plano do nosso "broadcasting". Em 1944, Celestino Silveira noticiava, em nosso número de 10 de agosto, o noivado de Sagramor com o locutor e médico Claudio Mancini. Ambos se diziam felicíssimos, mas, como tantas vezes acontece, o casamento não se realizou, desposando Sagramor outro colega de profissão, o "rádio-writer" Miguel Gustavo. Mas depois, nas eleições, Sagramor de Scuvero, como candidata a vereador pelo PR, derrotou o ex-noivo, Claudio Mancini, que é hoje um simples suplente do PSB...

Braço é braço! — como se dizia antigamente.

ARY BARROSO E BENEDITO MERGULHÃO TAMBÉM VIERAM DO RÁDIO

Do rádio também vieram Ary Barroso e Benedito Mergulhão, o primeiro da UDN, e o segundo do PTB, embora eleito, por engano do PR, sob a legenda desse partido, com o qual não se dava e continua a não se dar... Ary Barroso é um veterano do rádio, como locutor esportivo e realizador de programas de calouros. Sendo também bacharel, nem por isso deixou de compor músicas carnavalescas e revistas teatrais. O êxito fulminante de "Aquarela do Brasil" levou seu nome ao estrangeiro. Hollywood chamou-o. Deu-lhe contratos vantajosos e a 20th Century Fox encomendou-lhe as músicas para uma película que jamais foi filmada. O autor de "Boneca de Pixe" e de "Dá nela" fez propaganda eleitoral de modo "sui-generis", pondo na rua uma verdadeira escola de samba, — que podia ser também tomada como um "rancho" carnavalesco, cantando suas próprias composições. Resultado: foi um dos mais votados da chapa da UDN.

Benedito Mergulhão foi, por seu turno, eleito principalmente por causa do seu extinto e desabulado programa radiofônico "Astros e ostras".

Candidatos derrotados: César Ladeira, da Mayrink Veiga, quando quis ser deputado federal, e José Luis Calazans (Jararaca), quando se candidatou a vereador pelo extinto PCB...

EM MINAS GERAIS, BRILHAM DOIS LOCUTORES, UM ATOR E UM FUTEBOLISTA

Voltemos, agora, nossas vistas para a capital das Alterosas. Ali foram eleitos dois locutores: Babaró e Pachequinho; um ator cômico: Waldomiro Lobo; e um futebolista: o popularíssimo Kafunga. Há, portanto, grande variedade na representação que a jovem capital

mineira mandou ao Legislativo local. Porque, ao lado dessas figuras populares, há também os senhores sérios, severos, de colarinho engomado, — representantes de uma coisa que vai desaparecendo a todo galope: o espírito conservador, o tradicionalismo mineiro... Pois não é dali, das Alterosas, que nos vem esse exemplo singular?

Vejamos, agora, quem são os representantes das novas forças políticas na Câmara Municipal de Belo Horizonte...

WALDOMIRO LOBO, ANTIGO CÔMICO DO RECREIO, REPRESENTA O PTB

Quando conhecemos Waldomiro Lobo, esse popular ator fazia parte do elenco do Teatro Recreio, na revista "Rumo ao Catete". Fazia uma caricatura do então governador Juracy Magalhães, vestido de baiana, reboiando-se todo e cantando, em resposta a um ator que lhe perguntava:

"P'r'onde vai esse bonde, seu Juracy?"

E Waldomiro Lobo, bem meloso, derretendo-se todo:

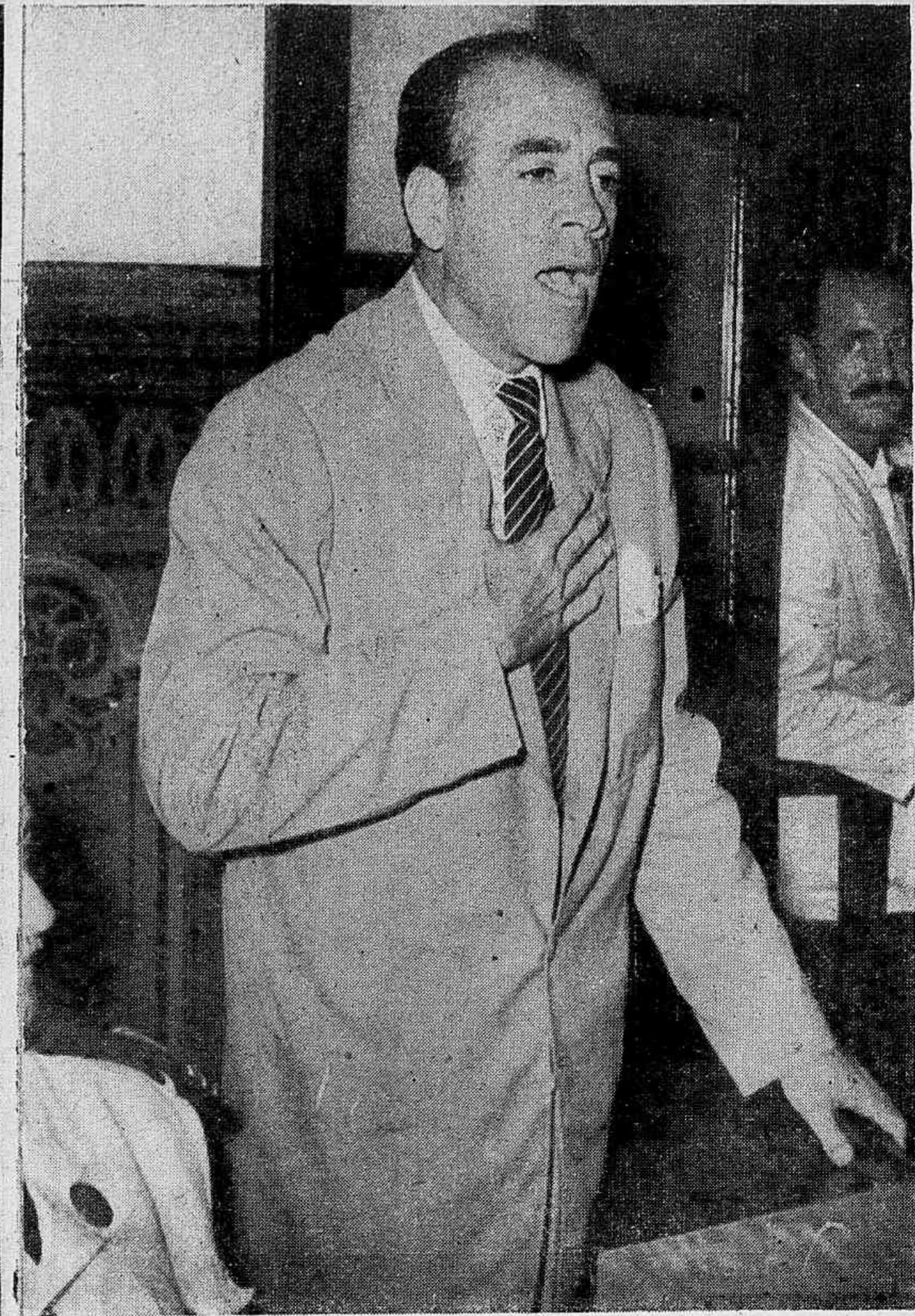
— "Vai p'r'o Catete! Vai p'r'o Catete!"

Era uma revista precursora do "queremismo". Agora, encontramos Waldomiro Lobo de novo representando, não mais a revista, nem a comédia, mas o drama "queremista", o drama de um sebastianismo ingênuo, que vai se dissolvendo aos poucos...

Hoje é vereador pelo PTB. Popular artista de rádio e comerciante (tem casa de rádio, discos e músicas), continua com as mesmas atividades. Na Câmara e fora dela vem se revelando um vereador desabusado. Em discurso, na Câmara Municipal, declarou que, sendo autor da marcha "Marmiteiro", cuja música, popularizada, levou o Borghi a explorar a expressão, e tendo lutado pela candidatura Dutra, é, assim, responsável pela eleição do atual presidente, coisa de que se arrepende, hoje. Acusado de "queremista", na Câmara, negou, porém, que o fosse, declarando-se, sim, getulista. E fez a seguinte distinção: Getulistas eram os amigos de Getúlio, os que não aceitaram empregos e que queriam, inclusive, que o ditador abandonasse o posto e se candidatassem a presidente. Queremistas eram os que viviam à sombra da ditadura, sempre enriquecendo e que desejavam que o Getúlio continuasse ditador para continuarem gozando da marmelada. E' autor da marcha "Que é que há com o teu perú?" e "Mula Manca". E' popular, ligado aos problemas do povo e procura acertar. Tem 42 anos.

(Cont. na pág. 56)

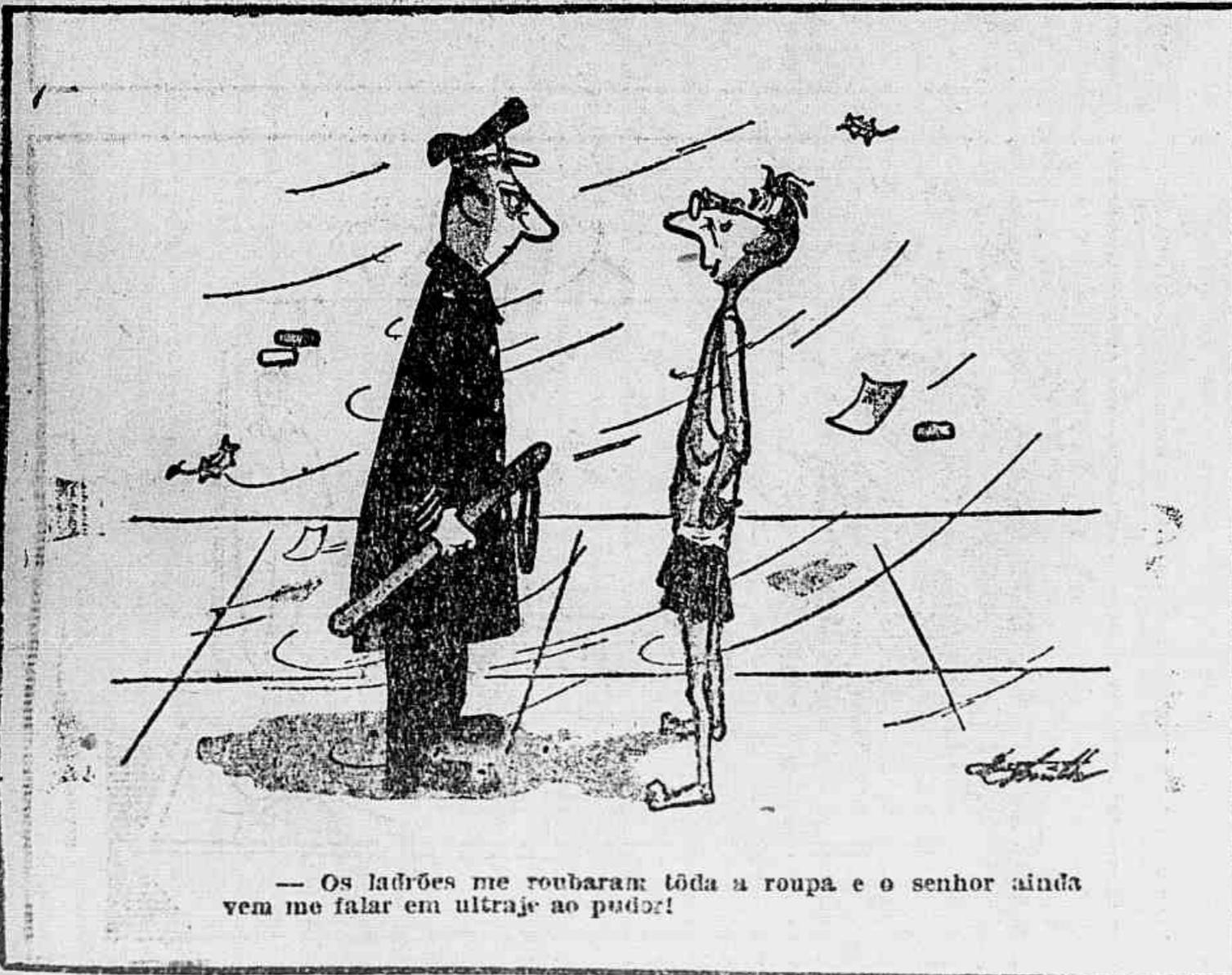
A esquerda: Conceição Neves Santamaría, que, no teatro, usou o nome de Regina Maura. Ela é uma operosa e brilhante deputada estadual paulista. A direita: ai está Pachequinho, considerado o "Barreto Pinto" da Câmara Municipal de Belo Horizonte. E' um vereador do PTN. Não posou de cuecas, mas posou assim, agarrado a "uma dona bôa", de capa de revista...

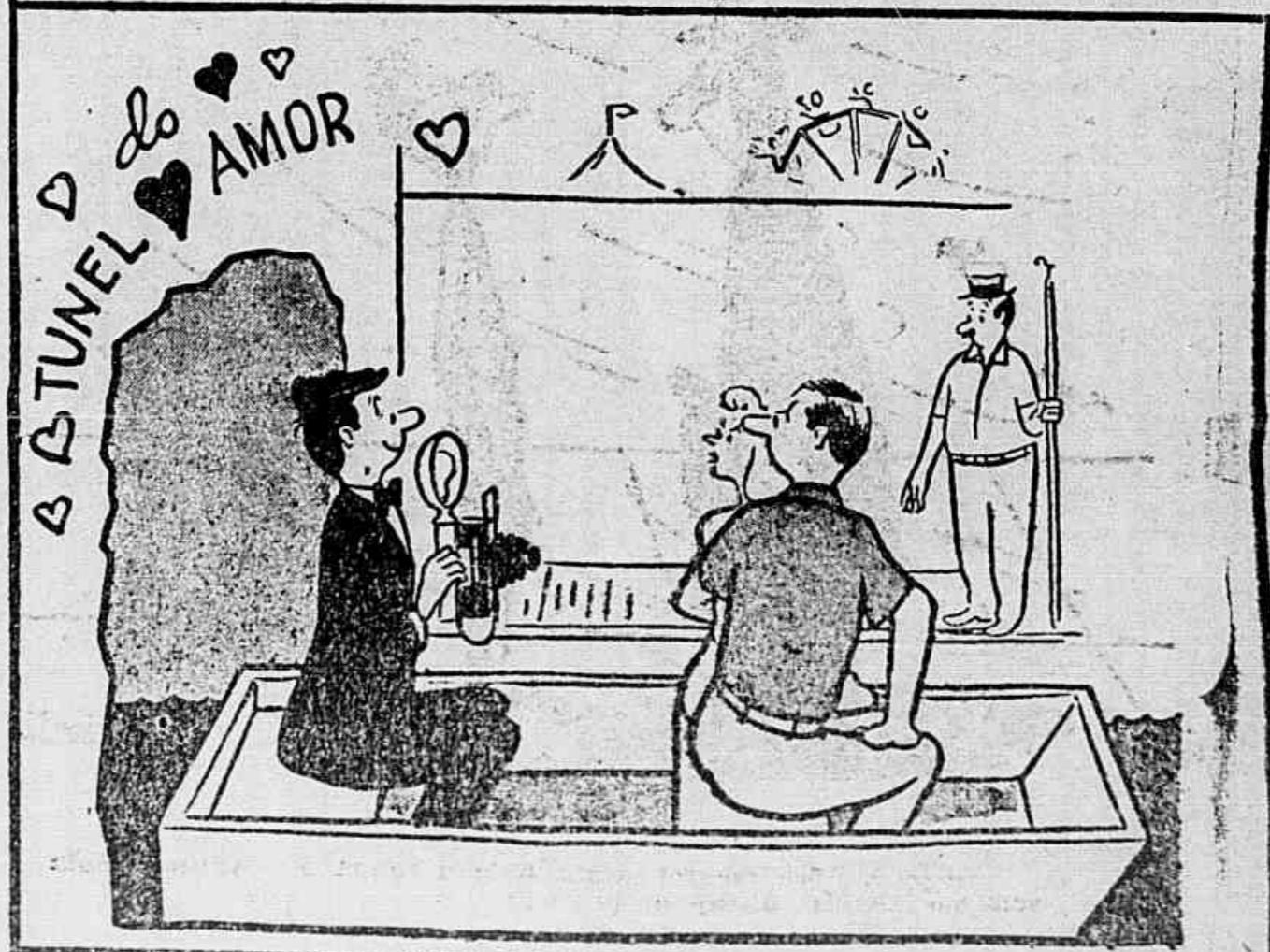
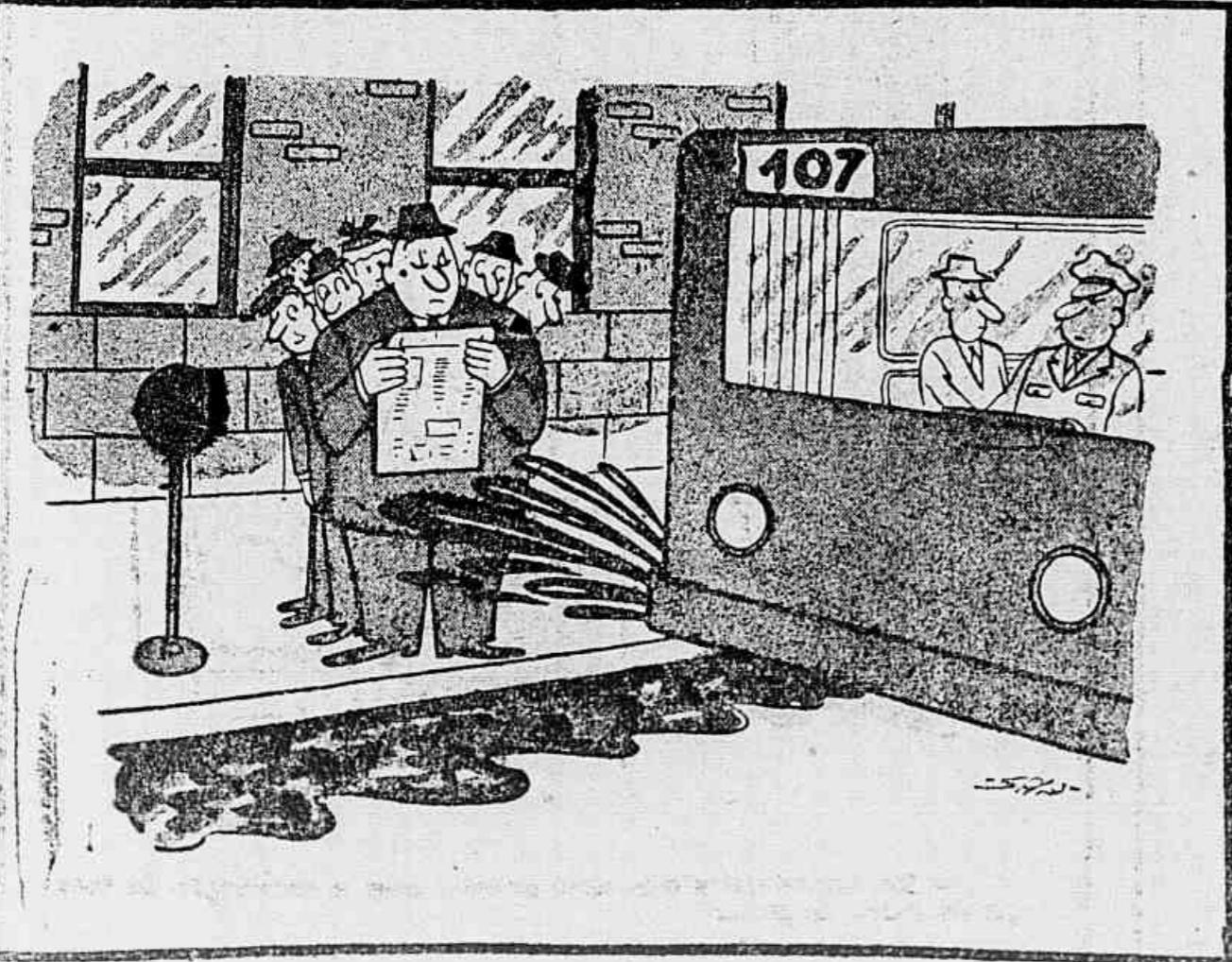
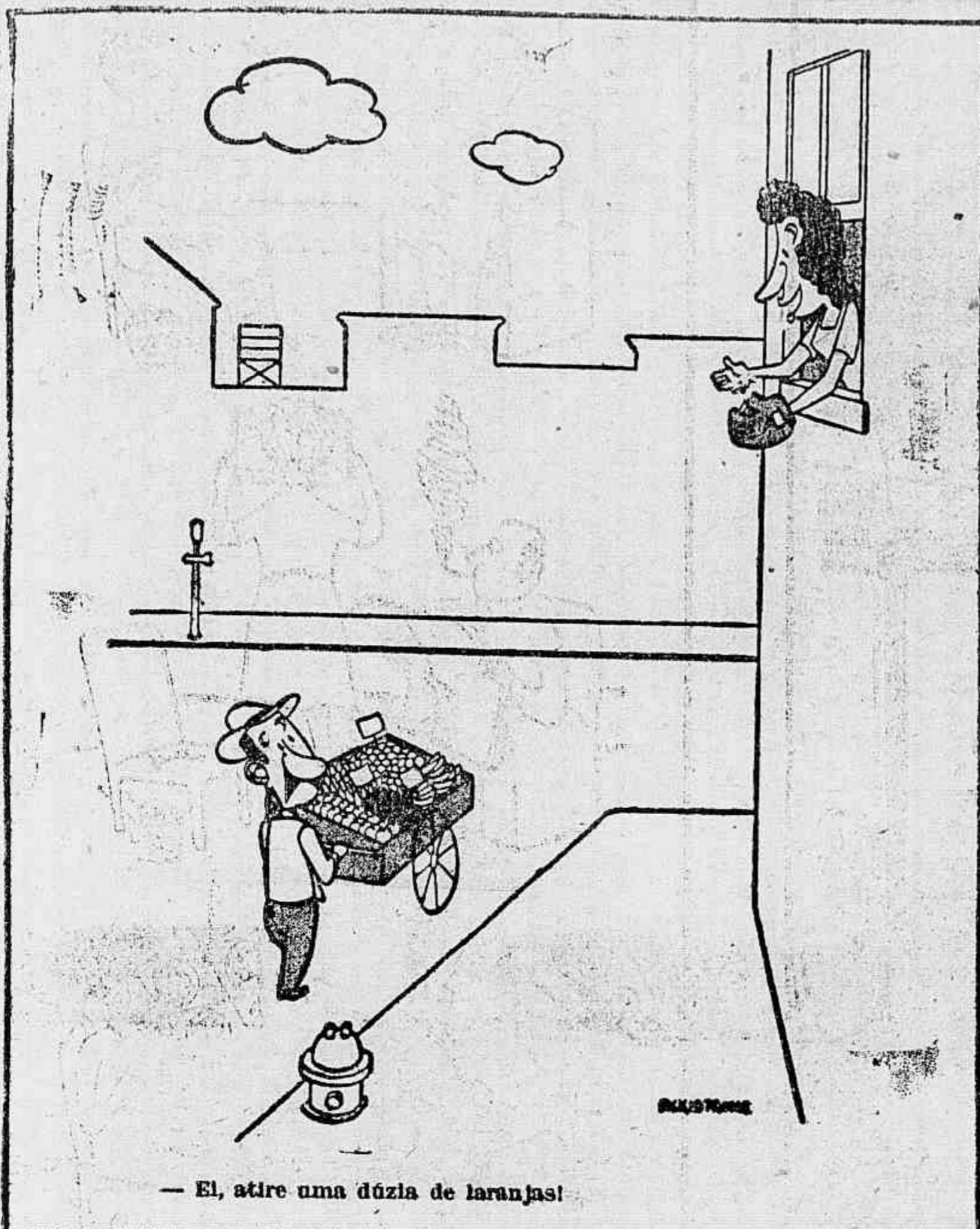


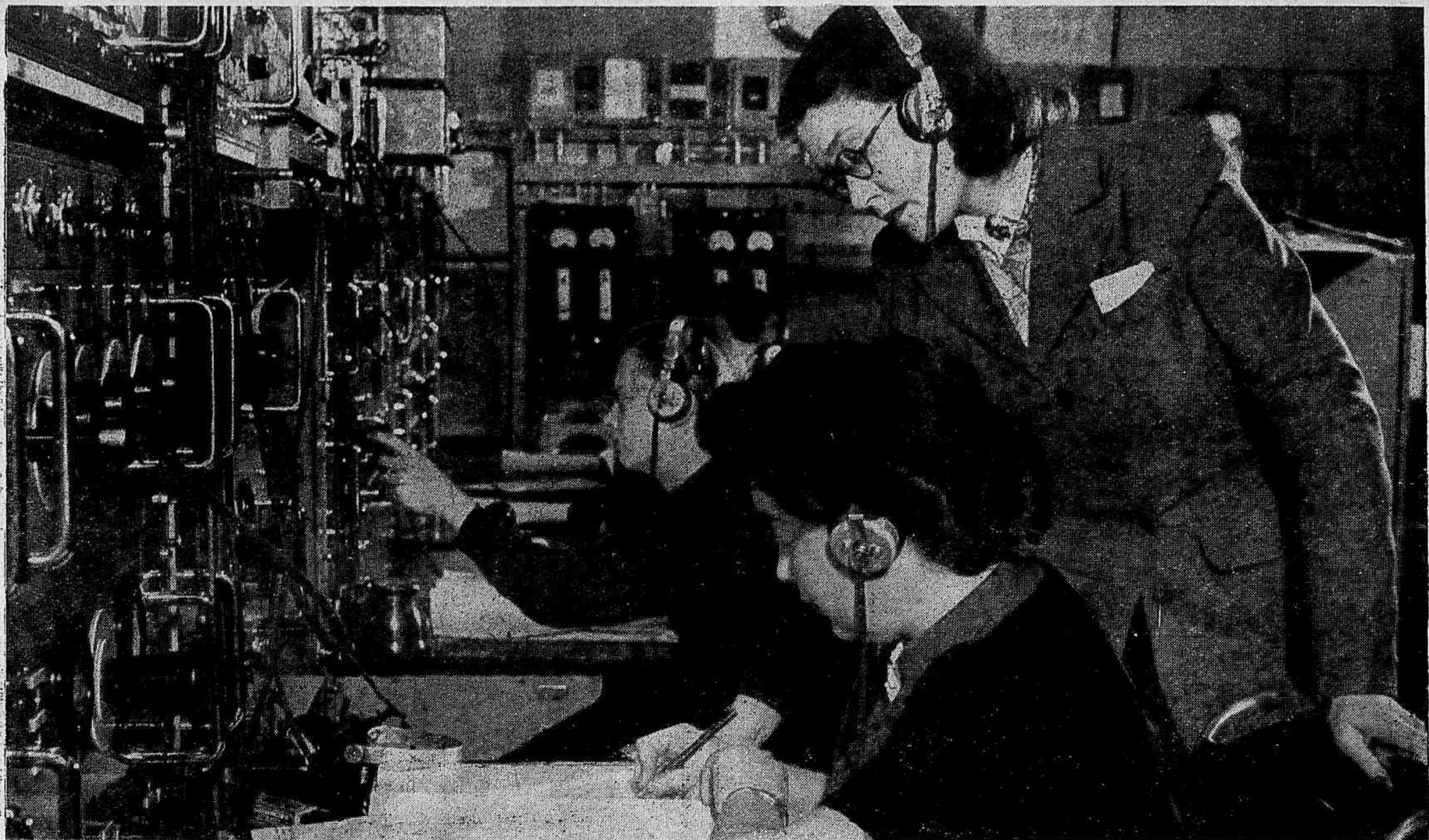




BOM HUMOR







O controle técnico da B. B. C. é exercido, em grande parte, por peritas do sexo feminino, zelosas e eficientes. Elas põem a grande estação londrina em contacto com o mundo.

NO RÁDIO EM QUE NÃO SE OUVEM ANÚNCIOS...

UMA VISITA À "BRITISH BROADCASTING CORPORATION" — COMO A FAMOSA RÁDIO-EMISSORA SE MANTEM HA' UM QUARTO DE SÉCULO SEM PROPAGANDA COMERCIAL — ONDE CERCA DE 11.000 PESSOAS GANHAM O "PÃO NOSSO DE CADA DIA" — OS VARIADOS SERVIÇOS E OS PROGRAMAS DA B. B. C. — BABEL DE 45 LÍNGUAS — POLVO RADIOFÔNICO — OS GRANDES SERVIÇOS PRESTADOS À HUMANIDADE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL — A B. B. C. TRABALHA PELA PAZ SÔBRE A TERRA — OUTRAS NOTAS

Reportagem de NELSON VAINER (Enviado especial de REVISTA DA SEMANA à Europa)

LONDRES — Fevereiro — (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil) — A "British Broadcasting Corporation", famosa no mundo inteiro pela abreviatura de B.B.C. e que tantos e tão relevantes serviços prestou à humanidade durante a segunda guerra mundial, comemorou em novembro passado o seu 25.º aniversário.

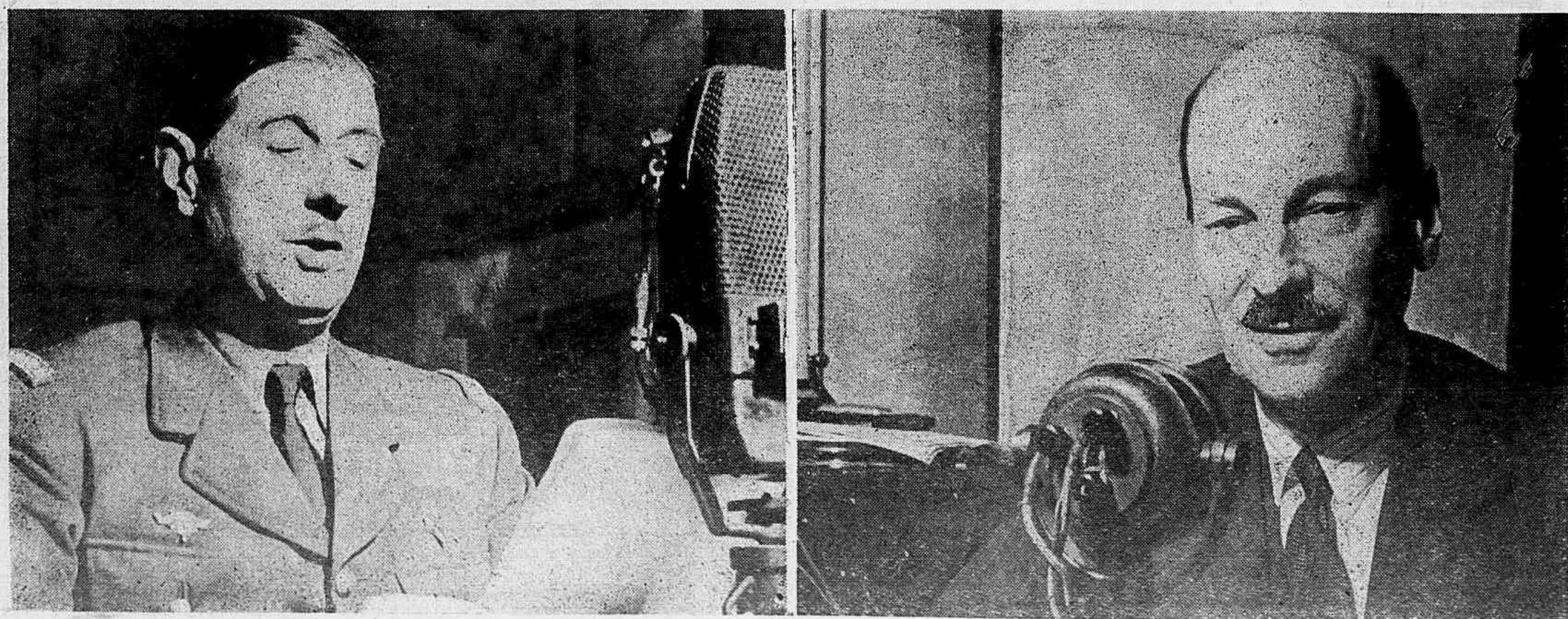
Certamente essa data não passou desapercebida até mesmo nos mais lon-

RÁDIO SEM ANÚNCIO...

Mas será isso possível? E', sim... E é isso o que nos conta Nelson Vainer, nesta reportagem, enviada de Londres. Para o ouvinte brasileiro, que à hora do almoço e do jantar é assediado por tôda a sorte de reclames de mil e um produtos farmacêuticos para moléstias mais ou menos secretas, que não pode ouvir um concerto inteiro sem ser sacudido pelos anúncios de uma liquidação a preços a-lu-ci-nan-tes, tal coisa há de parecer inverossimel. Mas é o sistema que vigora não só na Inglaterra, como na França e na Itália, onde o rádio é um monopólio do Estado, usado com finalidade unicamente recreativa e cultural, sem nenhum traço de comercialismo...

ginhos recôncavos do globo onde a voz de Londres penetra através dessa poderosa rádio-emissora, e nós, que aqui estamos em missão jornalística, temos agora o feliz ensejo para contar aos nossos leitores o que vimos nesse grandioso empreendimento britânico, o que a B. B. C. fez durante o quarto de século da sua existência, o que faz atualmente e o que pretende realizar no futuro.

Em baixo: o general Charles De Gaulle, quando exilado em Londres, e o primeiro ministro inglês, sr. Clement Attlee, chefe do Partido Socialista (British Labour Party), ambos falando na B.B.C.



NA SEDE DA FAMOSA EMISSORA

Antes da nossa saída do Brasil, o senhor John Brittan, diretor da sucursal da B.B.C. no Rio de Janeiro, ciente de que iríamos a Londres, sugeriu que visitássemos à famosa emissora londrina. E, para esse fim, deu-nos uma carta de apresentação, dirigida ao diretor geral da B.B.C., sr. N. Zimmern.

O senhor Zimmern recebeu-nos em Aldenham, nas proximidades de Londres, onde funciona uma das maiores estações transmissoras da B.B.C., colocando-se inteiramente à nossa disposição. Grande foi a nossa alegria quando ele designou para cicerone o jornalista brasileiro J. C. Ribeiro Penna, que integra o pessoal da seção Latino-americana da B.B.C., e que exerce também a função de correspondente em Londres de dois órgãos da imprensa paulistana.

No dia seguinte, em companhia de Ribeiro Penna, percorremos todas as seções da B.B.C. e essa peregrinação roubou-nos um dia inteirinho, com pequenos intervalos para as refeições nos restaurantes mantidos pela notável rádio-emissora.

As oito horas em ponto, estávamos diante do edifício onde a "British Broadcasting Corporation" funciona. É um prédio novo, construído em forma de navio, com vários andares, situado no fundo da Regent Street, num dos maiores e mais movimentados centros da Capital britânica. Sua construção é sólida e, cá entre nós, creio que nem a bomba atômica poderia com ela...

Enquanto percorriamos todas as seções, Ribeiro Penna foi explicando tudo que nos interessava, citando dados e fatos. Disse-nos o nosso velho colega que a B.B.C. emprega atualmente cerca de 11.000 pessoas! Irradiando diariamente dezenas de boletins em língua inglesa e mais de cem em línguas estrangeiras, além de inúmeras cartas informativas, o número total de horas de irradiação pode ser assim dividido: 68,5 horas por dia para o exterior; 39 horas por dia para a Europa e 39,5 horas para a Grã-Bretanha.

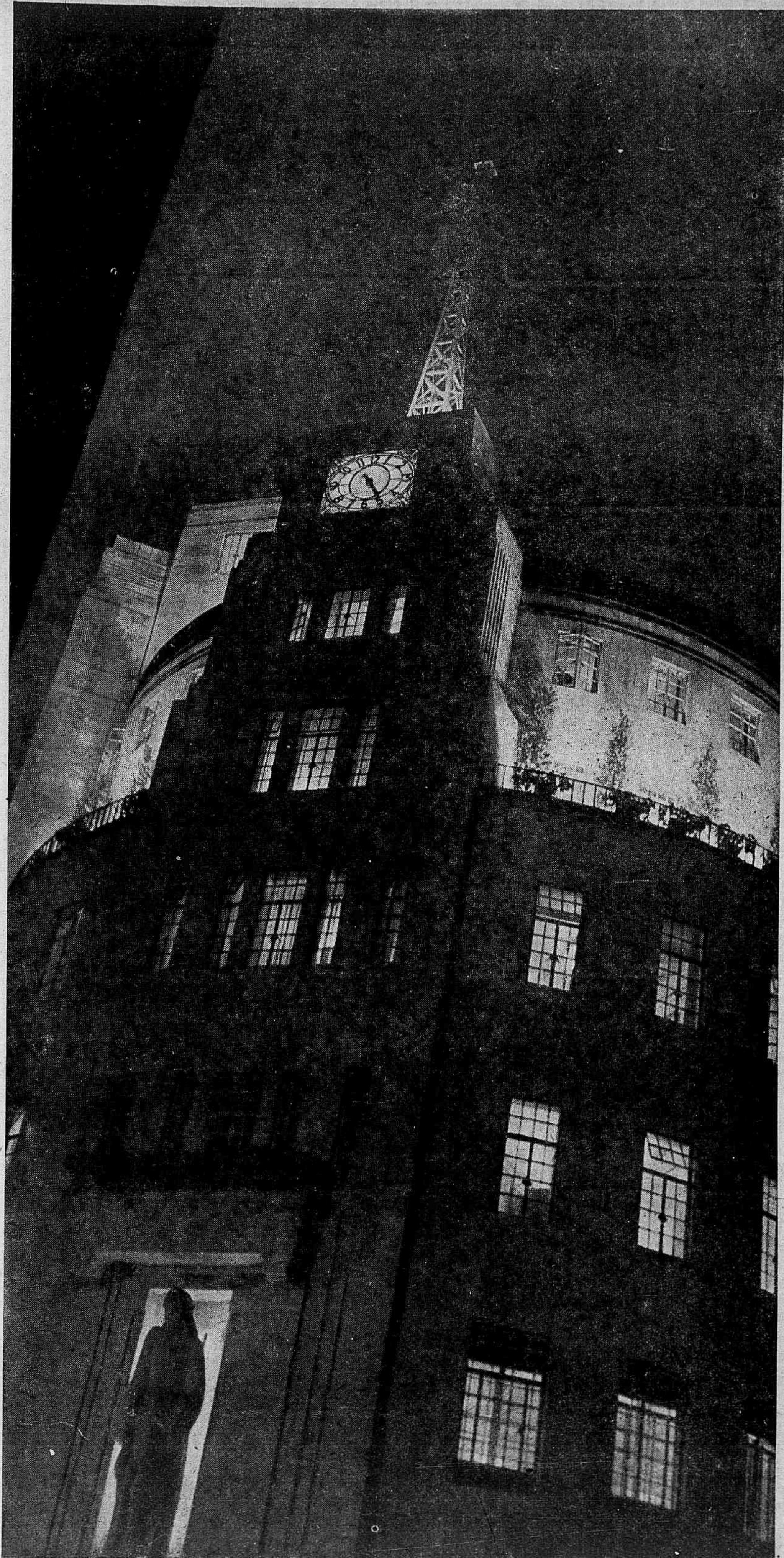
Além dos nove serviços regionais, a B.B.C. tem vários outros serviços diários, entre os quais se destaca o de Televisão, sem dúvida sua mais ousada inovação depois da última guerra. Dirige, também, além de nove serviços para o exterior, o Serviço Europeu, para vinte países do velho continente, irradiando os seus programas em nada menos de 45 línguas!

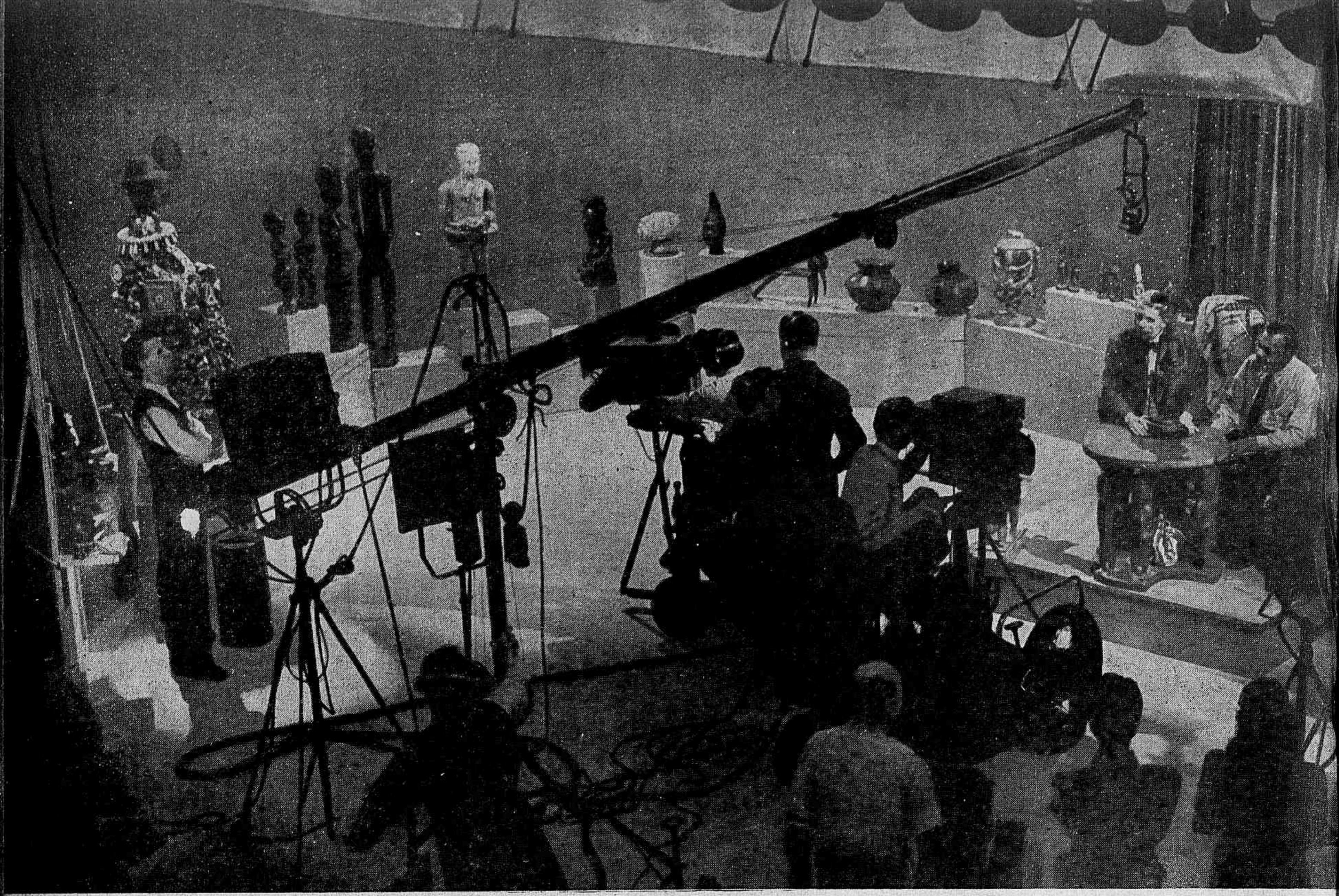
Em que consistem os programas da B.B.C. para o exterior? Eis uma pergunta à qual não é muito fácil de responder. Isto porque os serviços em questão são tantos que realmente não sabemos por onde começar. Salientaremos, portanto, os mais importantes quer pela sua causa como pelas suas consequências.

POLVO RADIOFÔNICO

A B.B.C. é antes de tudo um polvo radiofônico, único na Grã-Bretanha, cujos tentáculos, em forma de estações distribuídas em todo o território britânico, entrelaçam todos os países do mundo, deliciando-os com seus variados

A torre da televisão da BBC, no alto de seu edifício, em Londres





Uma transmissão pela televisão, na B.B.C., a estação que monopoliza a radiofonia na Inglaterra, sob o controle do Estado.

programas sem publicidade comercial, organizados e dirigidos por grandes artistas e homens cultos de todas as nacionalidades.

Vários fatores concorreram para que a B.B.C. se tornasse uma rádio-empresa puramente cultural, informativa e útil ao país, como também ao mundo inteiro, sem que necessitasse de propaganda comercial que torna tão aborrecidos os rádio-ouvintes de outras emissoras de diversos países.

A B.B.C. é uma administração que depende da Coroa e recebe uma subvenção do Parlamento. Essa subvenção foi criada com a condição que a B.B.C. não irradiasse anúncios comerciais. Mas essa subvenção, embora grande, não sustentaria essa poderosa empresa. Para auxiliá-la, cada ouvinte, que possui um aparelho de rádio, paga uma libra por ano, afim de ouvir os programas da B.B.C. É uma taxa obrigatória, destinada à emissora. E como não existe outra em toda a Grã-Bretanha, o ouvinte paga com prazer essa pequena quantia.

Outra fonte de renda da B.B.C., é a sua revista "Rádio Times", atualmente com uma tiragem de 6.500.000 exemplares. É uma publicação informativa, publicando também anúncios comerciais, que dão grande lucro e ajudam a facilitar a existência da grande corporação de rádio. Quanto aos programas, são de músicas, conferências educativas, teatro, ciência, informações gerais, concertos públicos, destacando-se os Concertos Promenades, que contam com a participação das melhores orquestras sinfônicas do país e dos maiores solistas britânicos e estrangeiros. Merecem especial menção as irradiações

escolares. Trata-se de programas escritos por técnicos em educação e orientados por pedagogos de renome. As crianças inglesas gostam tanto dos programas da B.B.C., que os educam, como as crianças americanas apreciam as revistas infantis de aventuras de "Homem pássaro", "Brucutú" e outros fã-chudos heróis imaginários.

A B.B.C. DURANTE A GUERRA

Dos mais relevantes serviços que a B.B.C. prestou à humanidade durante

W. A. Tate, diretor dos programas da B.B.C. dirigidos para o Brasil, em seu posto de trabalho.

a guerra, se destacam dois: um, soberanamente conhecido, que consistia do serviço noticioso dirigido ao mundo inteiro, em dezenas de línguas; o outro, menos conhecido, é a sua participação direta nos movimentos de resistência dos países ocupados pelas forças nazi-fascistas.

A B.B.C. não só enviava as mensagens das autoridades militares aos chefes dos movimentos subterrâneos, como preparava técnicos que eram atirados de paraquedas para operarem nos países ocupados.

A B.B.C. tinha correspondentes de guerra junto a todos os exércitos e muitos de seus elementos instruíram a população como guardar os aparelhos de rádio em caso de uma busca dos nazistas.

O SERVIÇO DE GRAVAÇÕES

A B.B.C. possuía um serviço de transcrições, graças ao qual as músicas de todo o mundo se tornam conhecidas em todo o mundo... Nesta seção, são gravados discos de músicas alienígenas, um programa de músicas brasileiras, por exemplo, e cópias desses discos são mandadas para inúmeros países do globo. Entre as várias composições brasileiras gravadas pela B.B.C. e distribuídas em vários países dos cinco continentes, destaca-se a Sinfonia do Guaianá, do nosso grande compositor campeiro, Carlos Gomes.

O Serviço de Transcrições publica também livros, revistas, panfletos, peças teatrais, ensaios sobre literatura, arte, música, ciência, educação e outras coisas mais.

OS GRANDES HOMENS CONTEMPORÂNEOS DIANTE DOS MICROFONES DA B. B. C.

A veracidade das notícias transmitidas pela B. B. C., durante todos os vinte e cinco anos da sua existência, conquistou para a B. B. C. a confiança dos maiores homens de todos os cantos da terra, que não hesitaram em transmitir as suas mensagens de sentido universal através dos microfones dessa grande emissora. Alongar-nos-emos muito se citássemos todos os nomes de homens ilustres que passaram pelos es-

(Cont. na pág. 58)



Conto de R. MAGALHÃES JUNIOR
Ilustração de PERCY DEANE

A seção recreativa de matutino carioca de 11 de janeiro de 1939:

«UM DOS MAIS ANTIGOS RANCHOS CARIOCAS AMEAÇADO DE EXTINGUIR-SE!

O nosso cronista carnavalesco recebeu ontem, pelo telefone, uma notícia sinceramente desoladora. O tradicional rancho «Caprichosos de Madureira», que tão brilhante e justamente ganhou a nossa taça de 1938, está ameaçado de extinguir-se, devido à nefasta politicagem entre elementos valorosos, muitos dos quais, por despeito, não querem apoiar a atual diretoria. Será verdade? Não queremos avançar comentários. Aí deixamos a interrogação, à espera de esclarecimentos. Se for verdade, o nosso Carnaval levará este ano um golpe terrível. Avante, «Caprichosos de Madureira! Fôrça e entusiasmo! E' preciso mostrar o valor...»

Da mesma seção, a 13 de janeiro:

«OS «CAPRICHOSOS» ESTARÃO FIRMES, DIZ O PRESIDENTE. — Felizmente folgamos em registrar a nenhuma exatidão do deplorável boato, fruto de pura intriga, espalhado contra o veterano campeão «Caprichosos de Madureira». O presidente do valoroso rancho, Lord Fumega, declarou que «quem fala da diretoria atual tem paixão...» Por isso, os preparativos dos «Caprichosos» para o Carnaval dêste ano serão simplesmente fenomenais. O veterano rancho já está estudando um grande enredo, que a nossa crônica carnavalesca publicará em primeira mão. Para a frente, «Caprichosos! A glória do vosso estandarte assim o exige.»

Da mesma seção, a 14 de janeiro:

«DEPLORAVEL CISÃO NOS «CAPRICHOSOS DE MADUREIRA». — Os termos calorosos com que registramos, na nossa seção de ontem, a decisão da diretoria dos «Caprichosos de Madureira», com Lord Fumega à frente, de realizar um Carnaval assombroso, com um grande e alucinante enredo, não nos impedem de registrar, hoje, a nossa descrença quanto à execução de tal projeto, isto porque o auxiliar da nossa crônica carnavalesca, Lord Mosquito, em reportagem feita in loco, verificou que forte ala dos «Caprichosos» está se desligando do veterano rancho, para fundar outro, mais forte e mais pujante, sem a politicagem imunda que agora domina o velho rancho de Madureira. Dizem que os «Caprichosos» estão sendo explorados por meia dúzia de sujeitos e até o chopp das damas, no Buffet, foi suprimido. Tudo ali é pagando, e olhe lá. A ala dissidente resolveu fundar os «Aristocráticos de Madureira», para o que já pediu registro à polícia.»

Da mesma seção, a 17 de janeiro:

«LORD FUMEGA LANÇA UM DESAFIO! — Madureira está em plena ebulição. Afinal, a cisão havida nos «Caprichosos de Madureira» e que tanto reboligo causou, talvez seja um grande benefício para o nosso adorável Carnaval suburbano e para o clássico desfile dos ranchos, que esta folha todos os anos promove, com grande satisfação de todo o povo carioca. Ontem, realizou-se a assembleia de fundação dos «Aristocráticos», conforme noticiamos em outro local, sendo eleito presidente Lord Topa-Tudo (Vicente Aroeira), que é um dos nomes prestigiosos na estiva carioca. Lord Topa-Tudo é o autor do protesto contra a supressão do chopp das damas nos «Caprichosos» e disse que cada moça ou senhora que for aos bailes do novo rancho terá direito a cinco chopp's gratuitos. Isso é um golpe no prestígio dos «Caprichosos». Contudo, Lord Fumega declarou que está disposto a lançar um desafio aos adversários, pois está certo de que a taça de 1939 será outra vez dos gloriosos adeptos das cores preto e amarelo, que têm em Madureira o seu baluarte inexpugnável. A frase é de Lord Fumega e o nosso redator não lhe empresta solidariedade, pois, como sempre, ressalvamos e mantemos a nossa intransigente imparcialidade.»

Da mesma seção, a 19 de janeiro:

«A CÓRTE DE CLEOPATRA SERÁ O GRANDE ENREDO DOS «CAPRICHOSOS». — A corte de Cleopatra, tal como aparece na super-produção de Cecil B. De Mille, será o monumental e impressionante enredo que o veterano e glorioso rancho «Caprichosos de Madureira», detentor da taça de 1938, apresentará em seu desfile notável, na segunda-feira de Carnaval, diante do júri constituído pelos representantes da A.B.I., do Touring Club, do C.C.C. e do Departamento de Turismo da Municipalidade. Realmente, a idéia de Lord Fumega — pois foi ele quem a sugeriu, sendo logo aprovada por aclamação, de acordo com a proposta de Lord Picapau — é uma idéia originalíssima e sugestiva, pois o público carioca terá, desse modo, uma deslumbrante lição de arte e beleza, com um sentido além do mais educativo, sobre esse belo episódio das Cruzadas. Parabens aos «Caprichosos» pela originalíssima iniciativa.»

Da mesma seção, a 20 de janeiro:

«AS CRUZADAS, O GRANDE ENREDO DOS «ARISTOCRATICOS DE MADUREIRA». — Soberbamente inspirada na magistral fita de Cecil B. De Mille, a alegoria que os «Aristocráticos de Madureira» apresentarão, no enredo do seu desfile, no próximo Carnaval, se destina a um sucesso extraordinário e piramidal. Nenhum esforço será poupano para que o monumental desfile seja digno das ovacões do público carioca, que, assim, ficará conhecendo, numa reconstituição veracíssima, o episódio épico das Cruzadas. Por falar em Cruzadas, cabe aqui uma retificação. Na pressa com que, à última hora, redigimos a nota de ontem, sobre o enredo dos «Caprichosos», que são os grandes rivais dos «Aristocráticos», deixamos escapar um pequeno cochilo, que os leitores inte-



ligentes naturalmente corrigiram. Entretanto, como pode ter escapado a muitos, aqui vai a retificação. Aludimos, por descuido, às Cruzadas, quando falávamos de Cleopatra e sua corte, coisa que, de resto, todos sabem que está ligada às invasões de Nero no Extremo Oriente. Entretanto, mal sabíamos nós que esse descuido era uma quase profecia. Os «Aristocráticos» estavam com as Cruzadas no seu programa. Já é muita coincidência!»

Da mesma seção, a 21 de janeiro:

«LORD FUMEGA FAZ O ELOGIO DE MARLENE DE ALBUQUERQUE, A MAIOR PORTA-ESTANDARTE DO RIO — Lord Fumega, em palestra com o nosso dedicado e prestimoso auxiliar, Lord Mosquito, um dos ases da crônica carnavalesca carioca e indicado, por isso mesmo, à vice-presidência do C.C.C. (Centro dos Cronistas Carnavalescos), disse que não teme confrontos com os «Aristocráticos», porque, se é questão de porta-estandarte, a taça já está em seu poder. A mimosa e dedicada Marlene de Albuquerque, que, com seus dezoito anos apenas, já é uma autêntica heroína do nosso adorável Carnaval suburbano, integra os elementos dos «Caprichosos» e possui as mais lindas figurações e requiebros,

a par de uma resistência inigualável. Ensaços de quatro horas por dia nada representam para essa orquídea morena dos trópicos, que tem nas veias o sangue azul de uma verdadeira carnavalesca. Marlene de Albuquerque, diz Lord Fumega, é um dos trunfos que os «Caprichosos» usarão para tirar os «Aristocráticos» da mesa. Que dirá a isto Lord Topa-Tudo?»

Da mesma seção, a 22 de janeiro:

«OS «ARISTOCRATICOS» ELEGERÃO A SUA RAINHA, OFERECENDO-LHE UM PRÊMIO DE CINCO CONTOS E UM VESTIDO BORDADO A OURO. — Iniciativa digna dos mais entusiásticos usos, essa que acaba de ter Lord Topa-Tudo, o malicioso e arrojado presidente de rancho do Rio de Janeiro. Lord Topa-Tudo, com o apoio de numerosos colegas da classe dos estivadores e de várias firmas do comércio madureirense, resolveu fazer um concurso no bairro, destinado a eleger a rainha dos «Aristocráticos», o novo rancho que está ofuscando os «Caprichosos», cujos bailes atualmente andam quase às moscas, o que não é de estranhar, pois até o

(Continua na pág. 56)

A RAINHA DO RANCHO

(CONTO EM NOTÍCIAS DE JORNAL)



Em cima: uma lembrança do primeiro filme em que Carmen Miranda colaborou nos Estados Unidos, — o tecnicolor "Serenata Tropical", em que as cenas em que ela tomou parte foram feitas no estúdio da Twentieth Century Fox, em Nova York, sendo o resto da película feita em Hollywood.

CARMEN MIRANDA ESTÁ NA METRO!

DEPOIS de oito anos e nove filmes na 20th Century-Fox, saiu Carmen Miranda para a primeira aventura independente, isto é, como "free lancer". O resultado foi "Copacabana", produção musical de Sam Coslow para distribuição United Artists. Nesta película Carmen trabalhou com Groucho Marx, Andy Russell, Gloria Jean e Steve Cochran, além dos rapazes do extinto "Bando da Lua", que formam na orquestra. "Copacabana" é um filme para os fãs de Carmen e Groucho Marx... o resto é de pouca importância. Enquanto se aprontava "Copacabana", fervilhavam os boatos em torno das futuras atividades da nossa "patrícia portuguesa". Entre esses boatos o mais repetido era o ingresso de Carmen na "Marca do Leão". Entra não entra, vai não

Depois de sua primeira aventura como "free lancer", em "Copacabana", voltou a filmar em tecnicolor ao lado de Wallace Beery, Jane Powell, Elizabeth Taylor, Xavier Cugat e Robert Stack — Os telegramas há dias anunciaram e os fatos agora confirmam o ingresso de Carmen na Metro — "A Date With Judy", é o título de seu novo trabalho

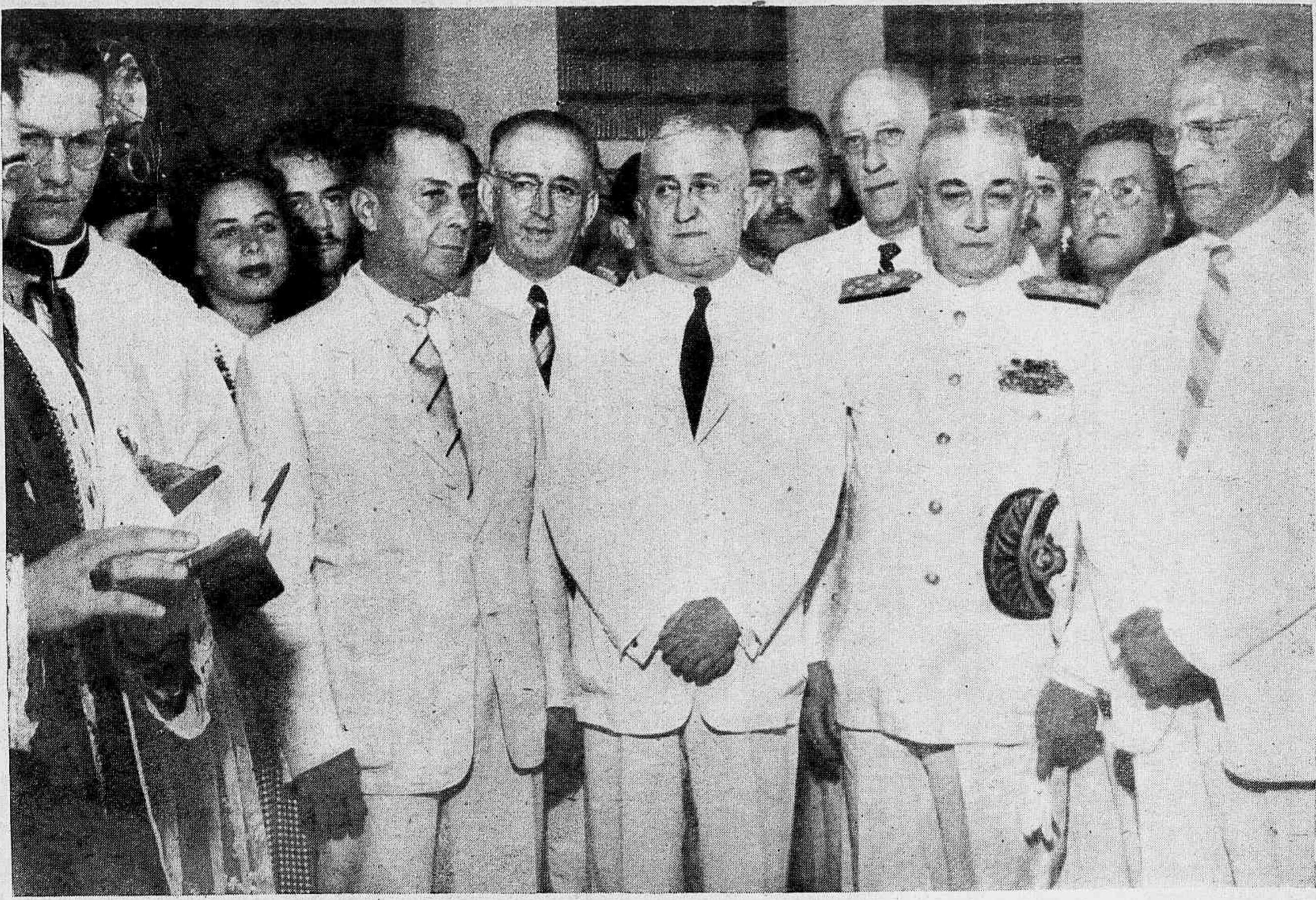
vai... e ela foi mesmo. E o primeiro trabalho da "bombshell" na Metro é "A Date With Judy", um filme anunculado como simples divertimento e nada mais. Isto é, divertimento para o público, porque para os integrantes do filme o resultado será bem outro... Acompanham Carmen Miranda, Wallace Beery, Jane Powell, Elizabeth Taylor, Robert Stack e Xavier Cugat. "A Date With Judy" é uma produção de Joe Pasternak, dirigida por Richard Thorpe.

Vamos falar um pouco em "Copacabana", que traz uma grande novidade para os admiradores da nossa "sambista americanizada". Essa novidade é uma Cara... (Cont. na pág. 52)

Em baixo: três companheiros de Carmen Miranda em "A date with Judy": Jane Powell, Wallace Beery e Elizabeth Taylor. A direita: o maestro Xavier Cugat, que também está no elenco da película da Metro de que Carmen Miranda é "co-estar", ladeando a popular artista, juntamente com Luis Serrano, nosso correspondente especial em Hollywood.







AS GRANDES OBRAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL



INAUGURADO O PRIMEIRO HOSPITAL DO I. A. P. E. T. C. — VERDADEIRA FESTA PROLETÁRIA, A INAUGURAÇÃO DO IMPORTANTE NOSOCOMIO — HOMENAGEADOS O PRESIDENTE EURICO DUTRA E O SR. HILTON SANTOS, PRESIDENTE DAQUELE INSTITUTO

O dia 31 de janeiro último assinalou mais uma vitoriosa etapa para o trabalhador brasileiro, no terreno da assistência social. Naquele dia foi inaugurado o primeiro hospital do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas, importante realização que vem colocar o I. A. P. E. T. C. na vanguarda das nossas organizações para-estatais de assistência, proporcionando ao trabalhador do transporte e da carga uma eficiente e moderna proteção à sua saúde.

Estão, pois, de parabens os associados do I. A. P. E. T. C., como de parabens está a administração do sr. Hilton Santos, que, à frente daquele Instituto, mostra o decidido propósito de cumprir os salutares princípios da assistência social, em consonância com a orientação do sr. Presidente da República. A inauguração de um

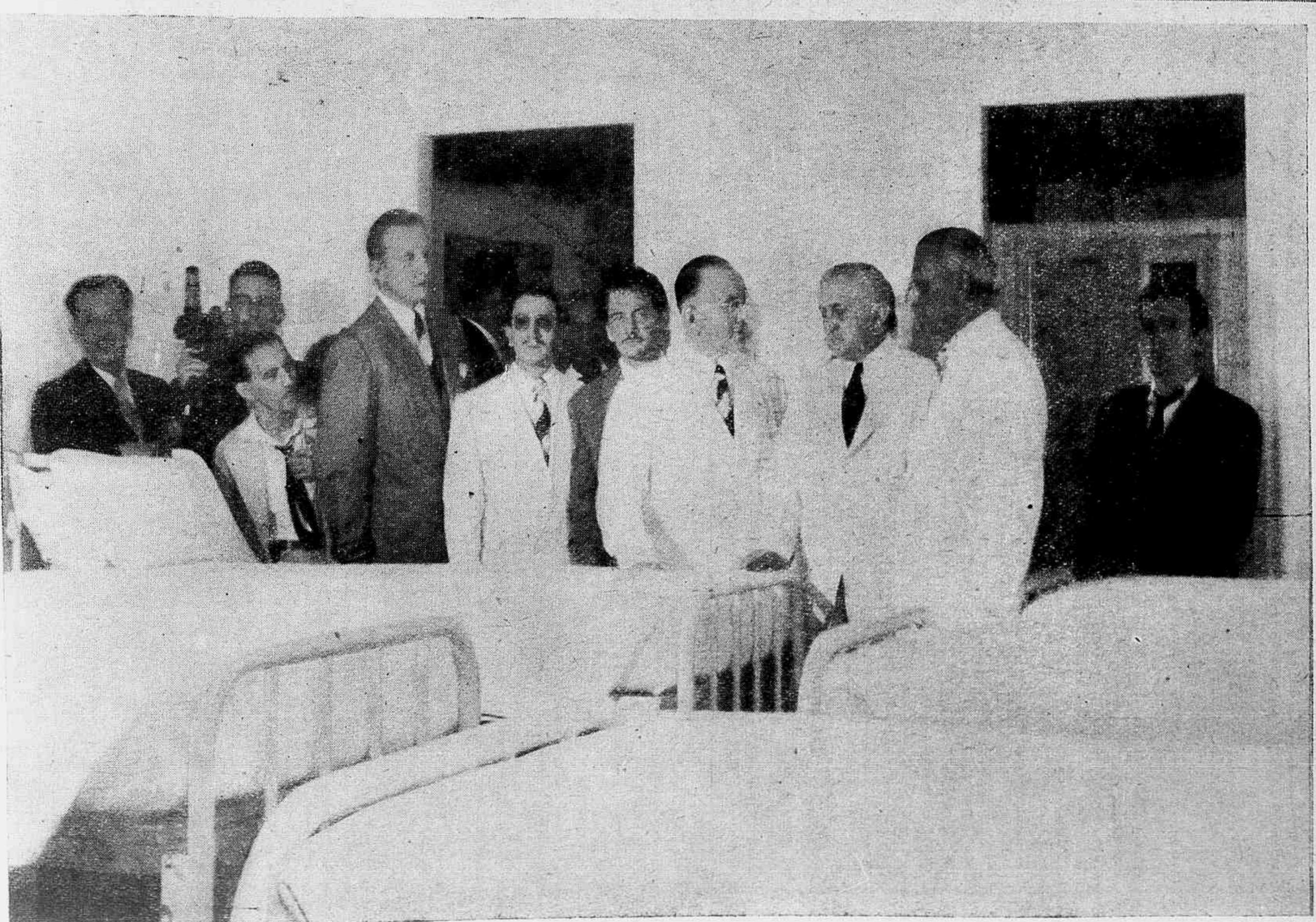
Ao alto — Flagrante feito no momento em que era lançada a benção ao edifício. Vêem-se na foto o presidente da República, os ministros da Guerra, do Trabalho, da Marinha e Viação, e o presidente do I. A. P. E. T. C. A esquerda — O sr. Hilton Santos troca um brinde com o general Eurico Dutra, de regozijo pela inauguração da importante obra.



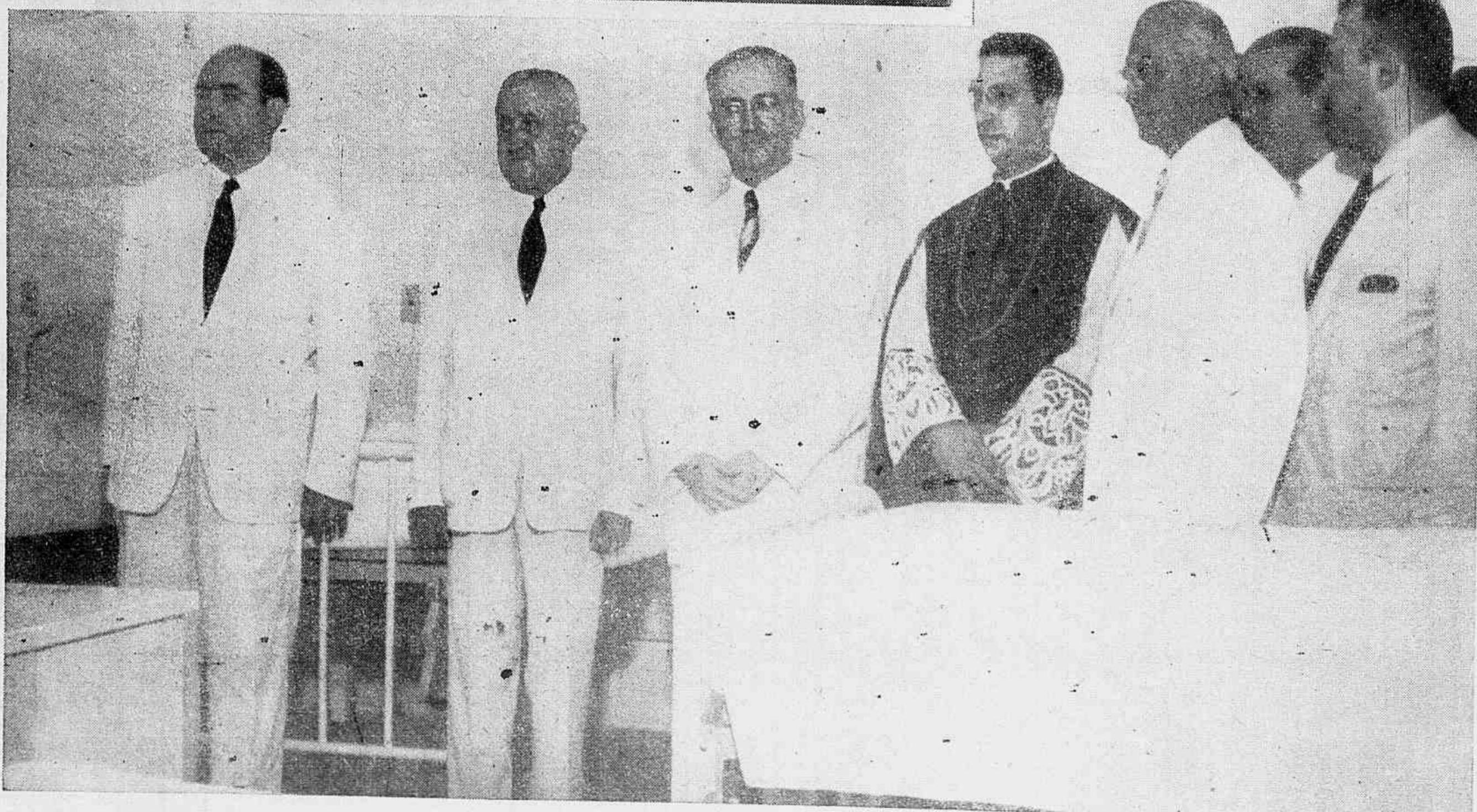
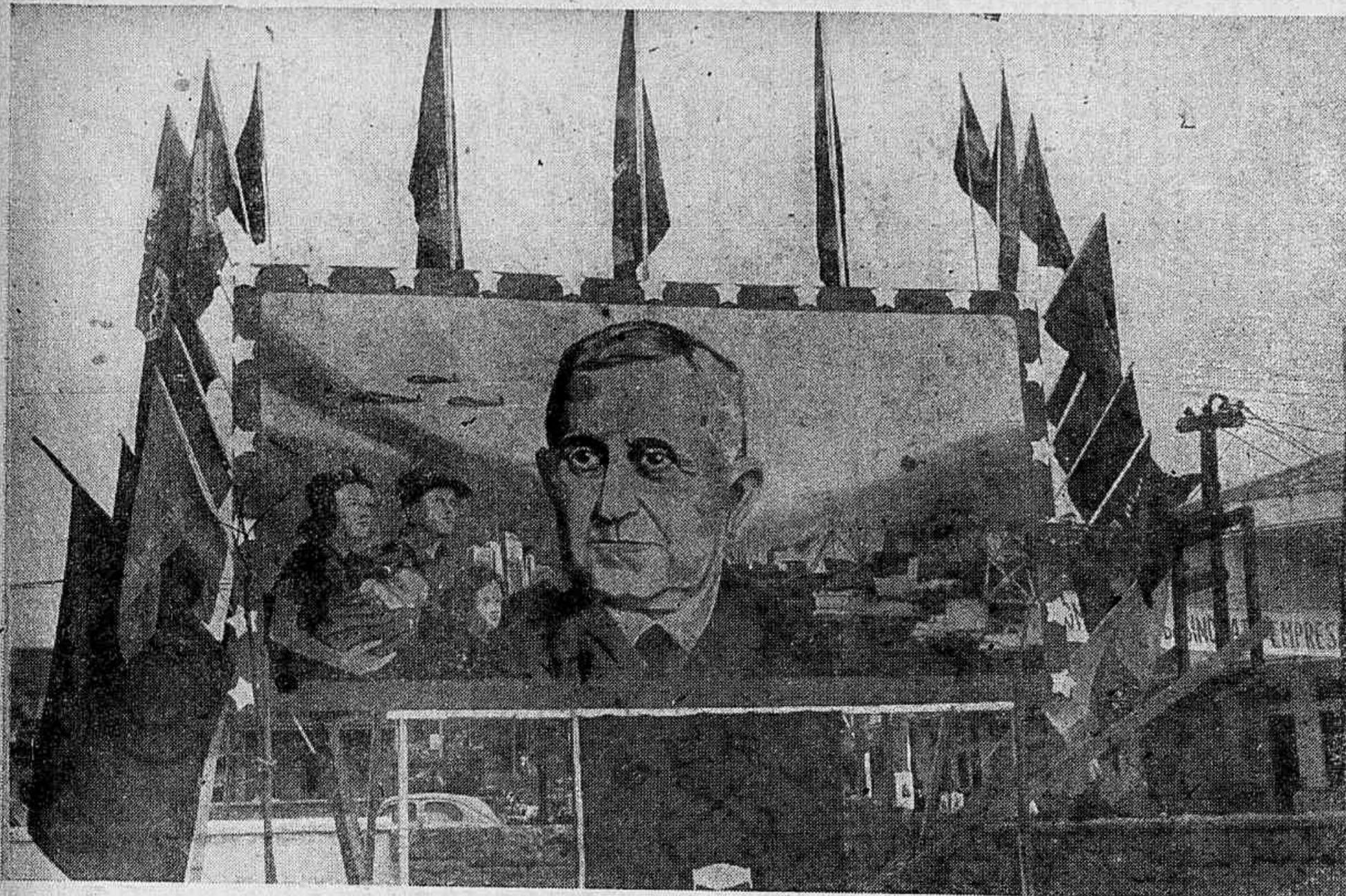
O presidente Eurico Dutra, em companhia dos ministros Morvan Figueiredo e Daniel de Carvalho, do sr. Samuel Duarte, presidente da Câmara dos Deputados, e do presidente de I. A. P. E. T. C., sr. Hilton Santos, na sala de radiologia. A direita — Vista parcial da fachada do grande hospital.

Hospital para trabalhadores é um fato que somente pode despertar satisfação e alegria, ao mesmo tempo que revela uma lúcida compreensão dos deveres que assistem ao poder público de promover os meios indispensáveis de amparo ao braço operário. A assistência médica e hospitalar é uma forma de valorizar o homem que trabalha, por isso que lhe facilita a defesa da sua saúde pelos processos mais indicados pela ciência.

Em baixo — Outro aspecto da visita presidencial às instalações do moderno nosocomio.



A esquerda — Painel levantado pelos sindicatos vinculados ao I. A. P. E. T. C., em homenagem ao presidente Eurico Gaspar Dutra, localizado nas proximidades do hospital.



Localizado na Avenida Brasil em ponto de fácil acesso, o novo hospital do I. A. P. E. T. C. oferece o maior conforto, estando magnificamente aparelhado. As suas instalações colocam-no como um dos mais completos que possuímos.

Bem compreenderam os trabalhadores a importância que para eles tinha a inauguração do nosocomio e por isso transformaram a solenidade em uma verdadeira festa popular, durante a qual o nome do general Eurico Dutra foi muito ovacionado.

Chegando ao hospital do I. A. P. E. T. C. foi o presidente da República recebido pelo sr. Hilton Santos, presidente daquele Instituto, ministros de Estado, senadores, deputados, figuras representativas do comércio, da indústria, das finanças, representantes das classes patronais e operárias e grande massa popular.

No "hall" teve lugar a solenidade inaugural, falando primeiramente o sr. Hilton Santos, presidente do I. A. P. E. T. C., seguindo-se o sr. Melquiades de Oliveira Bastos, do Sindicato dos Estivadores do Rio de Janeiro. Exaltou o orador a política social do presidente Dutra, encarecendo a importância do notável melhoramento que se entregava naquele momento aos trabalhadores vinculados ao I. A. P. E. T. C. Em seguida, em nome das classes patronais, usou da palavra o sr. Alberto Rodrigues, do Sindicato dos Onibus e do Sindicato dos Transportes e Cargas. As palavras foram de louvor à orientação esclarecida do governo no campo da assistência ao trabalhador, fazendo também referências honrosas ao presidente Hilton Santos.

A esquerda — Grupo parcial das ambulâncias que servirão no transporte dos enfermos do Hospital do I. A. P. E. T. C. Em baixo — A comitiva presidencial detém-se nas dependências destinadas à maternidade.



da inauguração do busto do presidente do I. A. P. E. T. C., vendo-se, entre os presentes, o chefe do governo ladeado pelo ministro do Trabalho e pelo sr. Hilton Santos, presidente do I. A. P. E. T. C. À direita — O presidente Eurico Dutra desfaz o laço da fita simbólica, inaugurando o Hospital que o importante Instituto entrega aos seus associados, tendo ao lado o ministro Clemente Mariani

O general Eurico Dutra descerrou, então, a bandeira nacional que recobria a placa de bronze em homenagem a S. Excia. Nessa ocasião, foi o chefe do governo aclamado pela multidão que assistia à solenidade. Em nome do presidente da República, declarando inaugurado o hospital, discursou o ministro Morvan Dias de Figueiredo.

Os presentes dirigiram-se então para o altar de Nossa Senhora das Graças, que se encontra em um salão do andar terreo. O bispo auxiliar, D. Jorge Marcos de Oliveira, oficiou na solenidade, que foi assistida pelos trabalhadores numa significativa demonstração de fé.

Depois de percorrer detidamente as dependências do hospital, recebendo explicações do presidente do I. A. P. E. T. C. e do diretor do hospital, o presidente da República e sua comitiva assistiram à inauguração do busto do sr. Hilton Santos. Foi uma homenagem dos médicos do I. A. P. E. T. C. ao presidente da instituição. O sr. Hilton Santos, em resposta ao dr. Oswaldo Araujo, que o saudou, pronunciou palavras de agradecimento.

Ao fim da solenidade, o sr. Hilton Santos ofereceu uma taça de "champagne" aos presentes, trocando-se aí os mais efusivos brindes em regozijo pela inauguração da magnífica realização do I. A. P. E. T. C., que é sem dúvida o hospital regém-inaugurado.

O Hospital visto dos fundos, notando-se as grandes faixas com que os trabalhadores homenagearam o presidente da República.



PARA falar a verdade, Capim-Mirim não precisava de uma autoridade, ou melhor, de uma autoridade policial.

Os incidentes de outras localidades, narrados por viajantes ou trazidos pelos jornais no trem das quatro que passava por Catimbó, eram comentadíssimos. Ficava-se imaginando como era possível um ladrão entrar numa casa alta noite!

Como era possível imaginar siqueira uma criança roubada de junto de seus pais!

Por isso foi um estouro em Capim-Mirim a nomeação de Clodoaldo para investigador.

— Mas investigador não é para prender, não senhor.

— Então para que?

— Investigador, a palavra mesma está dizendo, só para investigar.

— Mas investigar o que?

— Investigar as vacas do coronel Américo quando fugirem.

— Você está doido! Investigador não cuida de vaca, quem cuida de vaca é veterinário.

Não se chegava a um acordo.

Ninguém sabia em Capim-Mirim o que vi-

nha a ser investigador, mas não tinham coragem de perguntar ao próprio Clodoaldo.

Não é que ele fosse uma pessoa temível e respeitável, não. Pelo contrário: era tão infímo que se envergonhariam se ele dissesse ou desse alguma lição. Seu parente de Morro Velho arranjára-lhe o emprego. E Clodô foi logo contando a todo mundo, mais para se saber que ele não era um desocupado do que mesmo por valentia.

O rapaz precisava dum emprêgo. Batia pernas dum lado para outro. Quando entrava no bilhar, se não pagasse a partida o coitado ficava sem jogar. Pobre, desamparado, fôra criado sem energia, vivendo sempre de biscoates, o que ainda mais o diminuía aos olhos daqueles que se orgulhavam de ter uma profissão.

Amigo seu de verdade só mesmo o Zé Totonho. E era uma alegria porque o celeiro de Três Barras vinha sempre com os bolsos cheios e pagava as bebidas.

As jovens de Capim-Mirim tinham o senso profundo da realidade e não decifravam o futuro de Clodoaldo Silveira.



Conto de SEBASTIÃO FERNANDES

A AUTORIDADE

Ilustração de ARMANDO MOURA

Rapaz sem um níquel para o café e sem poder manter uma hora no bilhar não servia para namorado. Eram moças, eram românticas, mas o conhecimento das coisas positivas, as noções elementares do saber viver são fato concreto nas filhas de Eva, mesmo em Capim-Mirim.

Convenceu-se pois da necessidade de arranjar uma ocupação. Se viesse a amar, quem olharia para um inútil? Quem casaria com Clodô?

Fez duas viagens a Morro Velho...

Quando o troli veio de Catimbó trazendo os jornais, chegou também Clodoaldo abotoando o paletó e todos viram o volume no quadril. Ele estava armado!

Figura curva, apagada, triste, Clodoaldo empertigara-se. Tomara o aprumo dum atleta. Ficou ereto e tufava a barriga para o paletó ficar mais apertado e denunciar o volume traseiro.

E' um perigo uma arma na mão duma criança. Na mão dum homem existe o mesmo perigo. O afilhado do prefeito de Morro Velho ficou importante. Mudança radical. Falava noutro tom de voz e contava minúcias de como fôra nomeado. Capim-Mirim estava em franco progresso, e por isso precisavam dum investigador.

Pelo menos era um homem que andava armado...

E reparem como uma arma modifica um homem. Ficará mais forte. Até parecia mais gordo! Que segurança no pisar e no falar! Uma autoridade. Não era nada, não era nada, ele podia dar um tiro. Quem adivinharia que dentro do corpinho do Clodô dormia um leão? E o leão acordaria. Não precisou rugir. Mostrou as unhas... Dedo no gatilho não é brincadeira. Era um homem forte.

Mas mesmo com o despeito que nasce pelos que sobem, sejam quais forem as posições, a altura é ponto perigoso. E do outro lado o olhar das mulheres invariavelmente olhando alturas...

Clodoaldo Silveira mandava, tinha posição e ordenado fixo. Então a Maria Elisa, a Dulcinha, Lalá, Maria do Chico Tomás, tôdas passaram a olhar Clodoaldo, ou melhor, o investigador.

— E' lugar de futuro.

— Se é! Pode chegar até Prefeito.

— E' ele pode prender?

— Então! Não vê que ele anda armado?

Clodoaldo quando entrava no botequim pagava a partida de bilhar. Começou a almoçar na pensão do seu Leonardo.

Na vida monótona de Capim-Mirim não havia mesmo nada para fazer; então ele investigava... Por qualquer coisa tomava o troli e ia para Catimbó e Morro Velho, fazendo todos temerem por alguma ordem, e voltava mais empurrado, mais estufado. Até começou a engordar.

E como não há herói comendo feijão com arroz, Clodoaldo tratou de criar fatos. Precisava mostrar a força de sua autoridade, que o tempo ia relaxando e talvez levando para o ridículo. Apareceram as primeiras intimidações: "São proibidos cabritos na via pública".

Alguns perguntaram o que era via pública.

Certa tarde chegava à porta do bar o Zé Totonho. Ótimo celeiro, rapaz trabalhador e

(Cont. na pág. 56)

HA quem conteste a existência real de Moisés, assim como há quem conteste a de Homero, de Shakespeare, de Jesus. Incapazes de compreender os grandes homens, os homens pequenos procuram negá-los. Mas Mark Twain, com o seu humorismo lógico, rebateu os críticos que põem em dúvida a realidade histórica de Moisés. «Se os dez Mandamentos não foram escritos por Moisés», observa Mark Twain, «então foram escritos por outra pessoa do mesmo nome». E Heine, com igual humorismo e lógica ainda maior, observa que, se Moisés não foi criado por Deus, os autores do Antigo Testamento fizeram bem em chamar a atenção de Deus para esse descuido, criando eles mesmos a Moisés. Pois os hebreus primitivos necessitavam de um tipo extraordinário de profeta, para soldá-los numa nação viva sob a condução de Deus. E o profeta que logrou isso foi Moisés, seja como um homem de carne e osso que viveu no Egito, seja como um herói nacional fictício que vive até hoje no coração do seu povo. Um conferencista jocoso observou certa vez que Moisés foi a maior personagem histórica que jamais existiu. Um dos assistentes emendou: «O que o senhor realmente quis dizer é que Moisés foi a maior personagem fictícia que sempre existiu».

Não há prova científica da verdade histórica de Moisés. Sem embargo, a personalidade viva de Moisés tem inspirado uma verdadeira biblioteca de pensamento criador. E é essa personalidade — uma das influências duradouras sobre o espírito humano — que tentaremos recriar aqui.

II

A figura de Moisés, como a conhecemos hoje, é a resultante da combinação entre as narrativas bíblicas e as lendas rabínicas. De acordo com essas narrativas e lendas, era ele um menino filho de pais judeus, adotado pela filha do Faraó e criado como um príncipe egípcio. Educaram-no — conta-se — para o sacerdócio; e, muito provavelmente, cedo se familiarizou com os ensinamentos de Akhenaton, o sábio rei egípcio que introduziu o monoteísmo, granjeando com isso a fama de louco.

Crescendo em anos, Moisés foi incumbido de conduzir um exército contra os etíopes. A expedição teve bom êxito, mas o comandante não ia de coração para a guerra. Interessava-o mais a educação. Entrou no seminário teológico de Heliópolis (a Cidade do Sol), rapou a barba, tomou parte ativa nas competições atléticas do instituto, e estava bem encaminhado para uma existência respeitável de nobre egípcio e uma solene e honrosa mumificação depois da morte.

Moisés, porém, era um judeu e um rebelde. Deu para misturar-se com as classes inferiores. Muitas vezes foi visto a conversar com os obreiros judeus que faziam os tijolos para os edifícios da cidade. Descobriu com surpresa que aquelas advenas, embora esquisitas, eram gente interessante. Como os seus amos egípcios, tinham uma história alta, com grandes homens e momentos gloriosos. Falavam-lhe eles de seu Pai Abraão, que deixara a cidade caldeia de Ur em busca de liberdade e a encontrara numa nova região situada entre o deserto e o mar: o belo país de Canaan, que «manava leite e mel» e era abençoado pela presença de Deus. Por algum tempo Abraão e seus seguidores viveram lá e multiplicaram os seus rebanhos e vergéis, enriquecendo. Mas os judeus sempre foram uma nação irrequieta. Pareciam predestinados, diziam eles, a vaguear sobre a terra de um lugar para outro. E agora, por fim, lá estavam no país dos Faraós, reduzidos à escravidão mas ainda orgulhosos dos grandes pioneiros da sua raça.

Esses homens e sua história fascinavam Moisés. Vinha vê-los cada vez mais frequentemente. Seus amigos da aristocracia a princípio se divertiram com tão singular procedimento, depois passaram a reprová-lo. O Faraó advertiu-lhe que se afastasse daqueles «semitas incultos e adventícios».

Mas Moisés não dava atenção a tais advertências.

Certa ocasião, quando observava o trabalho de alguns dos seus amigos judeus, viu um capataz egípcio açoitar impiedosamente um dos homens da malta. In-

dignado com essa crueldade, Moisés golpeou o egípcio e matou-o.

Matar um feitor egípcio em defesa de um escravo judeu era caso grave. Moisés viu-se obrigado a fugir para o deserto a fim de salvar a vida.

III

O príncipe egípcio está agora transformado em um pastor das estepes bravias que confinam com o deserto. Começou novo capítulo da sua educação. O moço pôs de lado os poeirentos pergaminhos da universidade, e suas ingênuas histórias de sombras dos mortos. Em vez disso, aprendeu a ler no pergaminho do firmamento noturno, com as letras chamejantes das estrelas a brilhar. Expulsou da mente as ridículas divindades egípcias representadas por bestas, pássaros e reptis, e lançou-se à descoberta de um Deus novo e mais respeitável. Encontra-O no deserto, sobreparando às tempestades de areia. Ouve a Sua voz no trovão. Ao amanhecer, quando os raios do sol atingem os arbustos do deserto e os incendeiam de súbito, ele contempla-O face a face, na sarça ardente.

Moisés encontrou na solidão o seu novo Deus. Um terrível Deus do deserto. Um Deus árabe. Um Deus que galga montanhas, galopa pelos ermos e se reclina em tendas esplendidamente coloridas. Um Deus que vela sobre o sono do seu povo, e o guia nos combates; que lhe golpeia sem misericórdia os inimigos, muda como o vento, não hesita em vingar uma ofensa, e não se digna de mentir quando isso convém aos seus fins. No entanto, é um Deus que não tolera a injustiça, que é generoso para com o estrangeiro, meigo para com o órfão e bondoso para com o pobre. Um Deus, em suma, que tem todos os defeitos e todas as virtudes do beduíno. E' como se Moisés tivesse olhado num espelho e reconhecido a Deus em sua própria imagem. Realmente, o retrato de Jeová pintado por Moisés é o retrato do próprio Moisés, ampliado em proporções sobre-humanas. O grande chefe religioso, como o grande artista, incorpora a sua personalidade na do modelo.

IV

Moisés viveu numerosos anos no deserto. Gostava da ampla solidão, que lhe permitia dar expansão ao pensamento. Sua natureza mística hauria alimentado a vasta quietude das areias e do céu. Desposou a filha de um chefe beduíno abastado e se dispôs a uma vida tranquila e contemplativa.

Mais uma vez, porém, a sua inquietude o impeliu à ação. Não podia esquecer os escravos que deixara no Egito. Frequentemente falava neles aos beduínos amigos. Descrevia-lhes a degradação atual e a gloriosa história daqueles judeus que fabricavam tijolos nos fornos egípcios. E os beduínos, escutando a Moisés, compadeciam-se de seus altivos e desventurados primos. Pois também eles, como os judeus, descendiam de Pai Abraão, aquele chefe rebelde cuja bravura abriu no deserto o caminho de uma nova pátria para a sua tribo.

Pouco a pouco, apossou-se do espírito de Moisés a idéia de que talvez fosse possível induzir os judeus a fugir do Egito e encontrar a liberdade no deserto. E mais tarde, quiçá, poderia até reconduzi-los a Canaan, a velha terra de seus antepassados. Deolver os judeus à pátria, reunir-los numa nação livre, dar-lhes uma religião e um Deus — que sonho glorioso, o concebido por Moisés ao guardar os seus rebanhos nas encostas do Sinai!

Entrementes, o antigo Faraó morrera, e outro rei subira ao trono egípcio. A nova dessa mudança fôra trazida a Moisés pelas caravanas que passavam diante da sua tenda, em viagem do Egito à Arábia. Os tempos estavam maduros para a ação.

E assim vamos encontrá-lo mais uma vez no Egito, introduzindo-se entre os escravos e incitando-os à revolta. Dizia-lhes que largassem as ferramentas e deixassem de carregar pedras e cozer tijolos para os seus opressores.

Moisés, o príncipe egípcio e pastor árabe, tornara-se líder trabalhista judeu. Foi ele o organizador do primeiro Sindicato de Tijoleiros da história.

V

Quando Moisés suplicou ao Faraó que desse liberdade aos escravos judeus, o monarca egípcio não o atendeu.



MOÍSES

A VIDA DE MOÍSES

(CERCA DE 1500 A. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

— Com que autoridade — inquiriu o Faraó — vens apresentar-me tão extraordinária pretensão?

— Com a autoridade conferida pelo meu Deus.

— E quem — perguntou o Faraó — é o teu Deus? Há quanto tempo éle reina? Quantas cidades conquistou? Que dinastias destronou?

— Moisés — contam as lendas dos rabinos — respondeu.

— Deus era antes de existir o mundo, e Deus será quando o mundo já não existir. Quando Ele usa de clemência, a compaixão é o seu cinto, e o amor a sua coroa. Mas quando Ele usa de justiça, o fogo é a sua flecha e a chama a sua lança; as nuvens são o seu broquel, o raio a sua espada.

Mas o Faraó endureceu o coração contra Deus e seu povo: — Só existe um poder supremo no céu e na terra. Esse poder supremo sou eu. — E, para mostrar o seu poder diante de Deus, o Faraó ordenou que cada homem duplicasse a sua produção diária de tijolos. «À tarde, se faltava um tijolo, arrancava-se uma criança à mãe para substituí-lo. E os homens que construíam casas e cidades eram compelidos a enterrar vivos os próprios filhos nas paredes, em lugar dos tijolos que faltavam.»

Então, para abrir os olhos do Faraó e resgatar seus filhos, Jeová lançou sobre o Egito as dez pragas... Tal é a história narrada na Bíblia e nas legendas talmúdicas. Os comentadores mais científicos, sem embargo, dão-nos uma versão mais realista. De acordo com esses comentadores, os escravos do Egito, como os via o Faraó, eram uma raça pestilenta de rebeldes. Amontoados em seus insalubres distritos na provin-

cia de Goshen, constituíam um foco de perigo para os seus amos egípcios. Mais de uma epidemia do Egito poderia ser rastreada até os cortiços de Goshen. E Moisés teve o cuidado de apontar a aparente responsabilidade dos judeus pelas «dez pragas» que infestaram a terra dos Faraós. De modo que, quando os escravos se retiraram do Egito guiados por Moisés, o Faraó deixou-os ir de bom grado.

Mas assim que partiram, o monarca mudou de opinião. Sentiu que os judeus traziam mais vantagens que riscos para o progresso material do país. De modo que reuniu um exército e saiu em perseguição deles, para ser derrotado às margens do Mar Vermelho. (Na pintoresca linguagem da Bíblia, os egípcios foram tragados pelo mar.)

Então Moisés entoou um cântico de júbilo pela morte do inimigo egípcio. Mas Deus — contam os rabinos — repreendeu-o. «Como podes cantar enquanto meus filhos morrem? — De ora em diante, pois que viste com exultação, em vez de pesar, os sofrimentos dos teus inimigos, o teu futuro se escreverá em tom de lamento».

E é por isso — explica a lenda — que a música dos filhos de Moisés sempre foi tão triste.

VI

Quando Moisés conduziu os judeus para fora do Egito, encontrou-se na situação de chefe de uma tribo inculta, bulhenta e desunida. Mas seu gênio amalgamou-a numa poderosa unidade. Foram precisos vários anos a Moisés para realizar esse milagre. A fim de transformar a turba desorganizada dos seus seguidores numa nação orgânica, tinha de insuflar-

(Cont. na pág. 52)

NA sala tórrida, o pano acaba de correr, diante da plataforma de Elsinor, onde vela o soldadinho dinamarquês, no seu gibão de lona, tiritante de frio, «sick at heart».

O reposteiro de veludo verde estivera cerrado quinze minutos, enquanto a protofonia do maestro Portoalegre ondulava o seu trágico lamento, a sua voz de inconformismo, que traz, por antecipação, no pentagrama, os solilóquios de Hamlet.

O fantasma do rei, alto como uma torre augusta, na sua fuga dos mundos sulfurosos, cruza a plataforma ao clarão do luar, sob o terror da ronda, e pouco mais demora para que venha o príncipe, todo de negro do cabelo aos pés, como a sua voraz melancolia.

Então, desde o primeiro momento, liga-se uma imperiosa corrente magnética entre esse quase menino de fabulosa intuição cénica (lède gênio) e a platéia em peso.

Quem ali está, alternando, com a rapidez duma centelha, o mais fundo torpor da introversão com o torrencial desbordamento dos seus paroxismos de sarcasmo e rebeldia, não é mais um rapazinho brasileiro, bacharel ainda cheirando à tinta do canudo, parceiro fatigado do mais prosaico e fastidioso dos dramas, que é o do quotidiano atual nesta ex-cidade de maravilhas. Num salto de quatro séculos, numa geografia de antípodas, num indumento que nunca foi o seu, numa personalidade de empréstimo, Sérgio Cardoso, desconhecido até ontem, ignorante das regras da mais rudimentar marcação teatral, queima todas as etapas do aprendizado, faz tábula rasa de todos os cacoetes dos medalhões, subverte, dum golpe, a tradição nacional declamatória, para se emparelhar na galeria dos grandes intérpretes shakespearianos de fala inglesa, da família de Henry Irving, de John Gielgud e Laurence Olivier, investido, impregnado, como em transe mediúnico, no gesto, na máscara, na voz, na alma, do personagem de Shakespeare.

O espírito de Hamlet, príncipe da Dinamarca, não o abandona mais, e o que esse admirável veterano de quinze dias faz, nas quatro horas da representação, a subir e descer aqueles tremendos lances de quatro escadas, fechado até os punhos, a 40 graus à sombra, numa roupação dos polos, gritando a sua dor, gemendo as suas dúvidas, gargalhando as suas frias ironias, arrulhando os seus amores, rugindo as suas blasfêmias contra a fragilidade da carne e as misérias da alma, é qualquer coisa que transcende dos acontecimentos normais da existência, para passar à categoria dos fastos a pedra branca dos romanos.

Quem, na verdade, pôde ver, diante duma sala à cunha, duma platéia de todos os quilates, numa temperatura que tem mais de autoclave do que de sítio compatível com a vida, essa gente toda subjugada, em pânico ou em êxtase, o coração batendo, as mãos crispadas, o sentido em «panne», só porque lá adiante, num mundo de fantasia, se movimenta um frágil rapaz de vinte anos, que parece vindo do fundo dos séculos, com a mesma voz, o mesmo porte, a mesma vibração de auto-flagício da criação mais alta e mais complexa do Cisne de Avon,

“HAMLET”

A QUARENTA GRAUS À SOMBRA

UMA LIÇÃO DE OTIMISMO NO PALCO DO FENIX — SÉRGIO CARDOSO REPRESENTOU COMO QUE EM TRANSE MEDIÚNICO.

Por HERMAN LIMA
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

— pode se convencer de ter assistido à eclosão dum milagre do gênio universal, não dum prodígio puramente brasileiro, mas dêsses de estarrer as reservas da nossa compreensão, tocando-nos do «frisson» do mistério nas suas manifestações lindantes com a divindade.

Eu sei de mim que por muito tempo me perseguiu sem dúvida aquela pequena chama negra, como dum lépido demônio, aquela fina imagem de adolescente «cambré» e agil como um azougue, a correr daqui e dali «a enfiada de escadas, agachado, nesta hora, para imprecar o espírito subterrâneo que reclama o juramento das espadas, investindo com as mãos em garra no impeto homicida contra a «gang» de farsantes e traidores, ou atirando os braços aos céus, numa esguia cruz negra que deveria marcar também a atitude suprema de Sarah Bernhardt no mesmo lance de patética amargura — e tudo isso logo mais sucedido por um daqueles espantosos estros de paixão viril que lhe fazem espuma na boca, vidrados os olhos de indômito furor, regougante a fala de filiais revinditas,

A censura mais severa que se pode fazer a esse intérprete de eleição é ao mesmo tempo o seu louvor mais alto: o de ter transformado a peça toda num só monólogo seu. De fato, por menos que se queira menosprezar a contribuição pessoal dos demais comparsas, muitos deles de primeira plana, como o que faz o Polônio, o Primeiro comediante ou o Espectro, o certo é que a tragédia é Hamlet, do começo ao fim. Quando ele não está em cena, espera-se impaciente a sua volta, na certeza duma nova crise emocional e é mesmo o que acontece, porque suas palavras se animam duma força de verdades nunca ditas, os gestos sugerem outras tantas tiradas de eloquência extrema, a mímica da face domina o jogo cênico, como na tragédia grega.

Posso confessar humildemente, porque é um orgulho puramente intelectual ter assistido, na última noite da existência do Lyceum Theatre, de Londres, ilustrado pelas memórias do gênio de Henry Irving, ao «Hamlet» considerado pela crítica inglesa tão grande como o daquele incomparável comediante do passado: o de John Gielgud, não igualado sequer nesse papel por Laurence Olivier, tão grande, por sua vez, no Henrique V. Assim, aquela noite também se reveste para mim do significado daqueles momentos solares da vida humana, pelo maravilhoso sortilégio de me pôr, à simples atuação dum profissional do palco, diante da transmigração duma alma, da integral ressurreição duma criatura de quatro séculos. John Gielgud «foi» Hamlet, naquela noite, e quem o viu cair de joelhos, na cena da plataforma, bradando, na sublimação duma dor extraterrena, aquelle grito de «Alas, poor ghost» — não esquecerá jamais o calafrio de estar cara a cara com o espírito de Shakespeare.

Devemos ter sempre o pudor das impensadas comparações, dos paralelos que rebaixam, em vez de exaltar, pelo incontido da emoção dum momento. É, porém, a frio que trago para aqui o nome do grande ator que ia todos os anos, antes da guerra, representar, para espectadores de todo o mundo, na própria plataforma do castelo de Elsinor, em Copenhague, a sua tragédia favorita. Mas o certo é que não consegui, durante toda a representação do Fênix, afastar da memória o prodigioso «Hamlet» do Lyceum, tão grande a força plástica da criação de Sérgio Cardoso, daquele jogo de mãos vibráteis, do vínculo daquela boca amargurada, da luminosa graduação do olhar, da maleabilidade da voz capaz de todas as gamas do amor, do ódio e da paixão, da insuperável vibração animica daquele corpo que rompe a cada passo o equilíbrio da sua geometria, em gestos e atitudes as mais harmoniosas e antagônicas.

Não é preciso, evidentemente, ser Cassandra para achar, como o Horácio do drama imortal, que algo está podre no reino da Dinamarca. Nossos males atuais alcançam já a categoria de calamidade pública, eis que o nosso clamor deve subir desabalado aos céus, num impeto de universal desespero. Assim como a criança recém-nascida, que solta o primeiro vagido em forma de pranto de misteriosa dor, mal abrimos os olhos, cada dia, deveria ser também só para chorarmos.

Entretanto, a simples presença num palco brasileiro dum ator do porte do jovem estudante, pela integral doação que esse acaba de fazer de sua vida à arte, sobrepondo-se, nesta hora da doutrina do «golpe», a todas as tentações e vícios do sibaritismo que alguns dos nossos homens de responsabilidade andaram semeando amorosamente, com requintes de sádico impudor, na alma da nossa mocidade, reconcilia nossa fé, atiça de novo a chama da esperança, pode ainda trazer aos nossos ouvidos surdos o alto clamor duma lição de ideal e de otimismo superior, por mostrar que alguma coisa ainda resta do colossal cataclismo.

A esquerda: o famoso ator inglês John Gielgud, no papel de Hamlet: — Pobre Vorick! Ele era tão engraçado! (Cena de "Hamlet", com Sérgio Cardoso).





DIRCINHA Batista, hoje rainha do rádio brasileiro, é uma artista a quem não faltam predicados. Sua inclinação para a música popular data do período de sua meninice quando, ao lado do próprio pai, tomava parte em festinhas íntimas, interpretando tangos, canções e sambas. Crescendo nesse ambiente, não se furtou a seguir a carreira radiofônica, procurando fazer de modo a compensar seus predicados vocais. Tarefa um tanto facilitada, em virtude das boas relações do ventriloquo Batista Junior, a interessante garota começou a animar programas na Rádio Educadora de São Paulo, interpretando melodias populares. Cedo, porém, abandonou o "broadcasting" bandeirante, passando a interessar as emissoras cariocas. Aliás, foi Francisco Alves o primeiro a contratá-la para seu programa, então irradiado pela Tupi. Desse importante prefixo, Dircinha passou para a Rádio Club do Brasil, ali iniciando sua atividade radiofônica, ao lado do galã Arnaldo Amaral. Apareceu em "Laranja da China", "Entra na farra", "Bombonzinho", "Futebol em Família" e outros mais. Deixando a PRA-3, assinou contrato com a Mayrink Veiga, ali permanecendo por algum tempo. Depois ingressou na Nacional, onde a foi buscar Carlos Frias para animar os programas da Ipanema. Sua estada nessa estação foi curta, voltando aos penates da Tupi, sua atual emissora, e onde recebeu o título de "Rainha do Rádio".



DAISY Lucidi, princesa do "broadcasting" carioca sempre teve atuação destacada em nossos meios artísticos. Quer como declamadora, quer como rádio-atriz, suas qualidades são ressaltadas por figuras de relêvo no teatro e nas letras. Iniciando-se como declamadora, conquistou a simpatia de milhares de pessoas, uma vez que sabe dizer com bastante propriedade os versos de nossos grandes poetas. A seguir, tentou com êxito o palco, participando da companhia de Procópio Ferreira, do conjunto infantil da Associação de Críticos Teatrais e de vários elencos de amadores. Mais tarde, abrindo-se a oportunidade para tentar o microfone, ela resolveu aproveitá-la, vindo a ser cobiçada pelas principais estações cariocas. Pertenceu à Transmissora, trabalhou na Tupi, ao lado de Olavo de Barros, e atualmente forma no homogêneo cast da Globo, participando das grandes novelas de Amaral Gurgel. Na PRE-3 a jovem "estrela" veio a conhecer Luis Mendes, de quem se tornou esposa. Disputando o concurso da "Rainha do Rádio", Daisy Lucidi por várias vezes ameaçou a colocação de Dircinha, vindo a conquistar um honroso posto entre as disputantes desse renhido pleito. Proclamada princesa, nem por isso se considerou desanimada, uma vez que inúmeros foram os votos que recebeu dos que acompanham e desenrolam sua carreira artística, inclusive críticos de destaque.

GENTE DE RÁDIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

LENITA Bruno foi outra séria concorrente à conquista do trono. Jovem e simpática, fazendo do canto a razão de ser da sua permanência no "broadcasting" carioca, ela preferiu interpretar a música americana, cantando tudo quanto traga o rótulo "made in U. S. A." Com esse gênero foi que conquistou a primeira colocação no concurso instituído pelo maestro Chiquinho para a descoberta de uma "lady crooner" para sua orquestra, ainda ao microfone da PRA-3. Uma vez vitoriosa, a interessante cantora viu abrirem-se as portas do sucesso, garantindo-lhe posição invejável na seara radiofônica. Assim, chegou a pertencer ao cast da Rádio Mayrink Veiga, onde teve a acompanhá-la a orquestra do maestro Passos. Mais tarde, terminado seu contrato, aceitou a proposta que lhe fez a Nacional, passando a integrar seu quadro de cantoras. Lenita Bruno possui excelente pronúncia e boa interpretação, fatores essenciais para a vitória de qualquer artista. Depois, é cuidadosa na seleção dos números musicais que interpreta, motivo por que não cansa os ouvintes. E à custa da popularidade conquistada em seus recitais de canto, viu-se candidata a rainha do rádio, classificando-se, porém, como princesa. Nessa qualidade, participou da corte de Dircinha Batista e formou entre aquelas que conquistaram a simpatia do exigente escuta. Lenita Bruno pretende visitar alguns países do continente americano.

LIDIA Bastiani também disputou a coroa conquistada por Dircinha Batista. A folclorista da Rádio Nacional, cuja atividade no "broadcasting" brasileiro é conhecida de todos, conquistou a segunda colocação, sagrando-se princesa do rádio carioca. A loura estrela da PRE-3 alia a seus dotés interpretativos os de exímia violinista, acompanhando-se na maior parte das vezes. Sua estréia ao microfone deu-se por intermédio da Jornal do Brasil, onde apresentou diversas melodias do nordeste, muitas delas coligidas pela própria cantora que, diga-se de passagem, é uma apaixonada do que é nosso. Lidia Bastiani conhece grande parte do Brasil, em virtude das excursões que frequentemente realiza. Também já tomou parte numa infinável série de programas, apresentando-se, como sempre, interpretando coisas de nosso folclore. Atualmente, pertence ao elenco da Nacional, participando de suas famosas realizações, inclusive do programa "Um milhão de melodias". O cinema, por sua vez, interessou-se pelo concurso da vitoriosa "estrela" da PRE-3, participando ela das filmagens de "Mae", produção baseada numa história de Ghiaroni. Tipo agradável, com linda cabeleira, Lidia Bastiani por pouco deixou de conquistar o título de "Rainha do Rádio", tal o número de votos que recebeu. Mesmo derrotada, não deixou de receber com simpatia a vitória de sua colega de canto, sendo das primeiras a felicitá-la.



SAMBA

O pregão fôra levado, há um ror de dias, pela boca dos homens e pela voz dos tambores, sertões em fora, anunciando a abertura da feira de mulheres bângalas, famosas por sua beleza e disputadas pela arte no amanho da terra, que naquele ano estendia arraialas nas terras altas de Tala-Mungongo, onde se acabara de erguer, como ninho de águias, o acampamento do jaga de Cassange.

Há muito que os passos dos homens, formando caravanas, cruzam os invios caminhos da selva, rumo ao país de Cassange; mas, só agora, ao ouvirem as vozes arrastadas e monótonas dos tambores, souberam que a feira se não efetuava, como em épocas anteriores, no fundo do covão onde o jaga tem a sua aldeia e, em tempos de negra memória, se acurrallavam os rebanhos de escravos, tocados a chicote desde as longínquas senzalas de lubas, cassongos, lundas, quiocos e outros povos miserandos que se acoitam nas regiões lacustres abeiradas das Grandes Lagos, nas montanhas verdes que se perdem nas lonjuras azuis do Oriente, lá para as bandas de Nherua, ou nas planícies interminas onde se acachapam as aldeolas pardacentas dos caçadores de antílopes.

A nova alegrou os homens do pampa, habituados a mergulharem o olhar nos longes da terra e do sonho, que o homem da planicie é um sonhador para quem os caminhos da terra e do sonho estão sempre para além dos horizontes longínquos...

Depois... Cassange é terra amaldiçoada, que cheira a sangue, sangue de escravos. E fica nos fundos do covão, onde o homem do pampa se sente sufocado e não tem caminhos para os seus olhos, nem jornadas para o seu sonho. Fica no fundo do boqueirão do abismo onde pairam os espíritos de todos aquêles que, como escravos, morreram na terra longe, para lá dos rios e do mar, cortados pelo chicote do senhor branco e feridos de saudade pelo seu país distante. Ali vivem os seus espíritos, cativos de encantamento... Na vida ou na morte, o filho da África sabe que regressa sempre ao seu chão... Estão ali, na terra de onde partiram para o cativeiro, como que a murmurar aos vivos o seu miserando fadário. Vêem-nos, em fugaz aparição, os homens de Cassange, quando as sombras erram ao sabor dos ventos brandos nas noites de luar. E ouvem o eco dos seus suspiros e do seu chôro amargo nos murmúrios da floresta. E sentem a sua presença no próprio ar que respiram... Cassange é terra de assombramentos! Mas os seus filhos, que ficaram para lá do grande mar dos mistérios sem fim, no chão americano, nascidos e medrados nos engenhos, vêm-nos, como num deslumbramento, nas noites de céu aberto, transmudados em estrelas...

Cassange tem uma história negra que os negros gostam de contar. Os homens que vêm a caminho da serra de Tala-Mungongo contam-na todas as noites, quando se acocoram à volta das fogueiras dos acampamentos, com a noite fechada sobre as suas cabeças. Alguns, contam-na cantando no embalo da música doente e saudosa do quissange, nas horas mortas e sagradas das noites de luar, em que a alma da raça chora as suas desgraças.

Na manhã luminosa, erguem-se ao longe e ganham os caminhos dos céus as vozes desses homens que se abeiram de Tala-Mungongo, vindos de além Cuango, das terras da Lunda e de outras ainda

mais ao Oriente, até aos Grandes Lagos, onde moram os bárbaros que perdem a linha do horizonte nos cumes das Montanhas da Lua. E, por outras bandas, outros, muitos outros, homens do Ocidente, que vivem nas terras baixas do Cuanza e no país de N'Gola, chão de gingas e holos, para quem a vida é a lei, da guerra. Gentes várias das planícies, das florestas e das montanhas. Gentio dos quatro cantos do sertão.

As vozes dos tambores da feira das mulheres gritam e vibram no ar quente, saudando os homens ricos que chegam dos países distantes.

Os olhares dos caçadores batem os caminhos e enxergam, no dorso da planicie levemente ondulada, a primeira comitiva. Escutam o seu canto arrastado e dolente, e logo a assinalam como de gente lunda. E de novo os tambores vibram sob as mãos de hâbeis tocadores, que transmitem aos filhos do grande Muatiânvua a mensagem de saudação do senhor de Cassange. Depois, surge outro caminho uma caravana de quiocos, gente aguerrida e aventureira, descendentes dos expatriados da Lunda que, à voz de Quinguri, o lunda rebelde que se tornou quieco — o apátrida — seguiram todos os caminhos da aventura para, muitos anos depois, regressarem ao chão do Muatiânvua e se imporem pela dura lei da lança. Vêm a cantar os seus cantos bárbaros de guerreiros — e toda a gente, de pronto, sabe que eles são quiocos — fazendo luzir as lanças ao sol de Cassange, como se estivessem na sua terra, ou no chão tomado ao inimigo.

Durante horas e dias, os céus de Cassange enchem-se de canticos, que a voz do eco faz reboar no covão, dando às aldeolas das terras baixas a notícia dos povos que vêm chegando a Tala Mungongo, em busca das mulheres bângalas que, em breve, vão conhecer outros homens, outros países, outros destinos, levando a todos os cantos do sertão a memória da sua gente.

Os machados e as catanas dos servos dos sobas que acabam de chegar à feira, vibram a sangrarem as árvore com que se constroem as palhotas da gente grada, que a arrala mituda dormirá ao relento, ao redor das fogueiras e sob os luzeiros do céu.

Veltas escravas, de peitos murchos e de mãos calosas, pilam mandioca, fazem chiar pedaços de abóbora sobre brasas escarlates e alouram ao fogo espigas de milho. As mulheres novas, há muito foram, cabaças à cabeça, buscar água ao riacho, que serpeia além, em trilho que as obriga a marchar em fila india. Rapazes, recentemente circuncidados, andam na apanha do capim, para se fazerem as paredes das cubatas. Os catumas, ajaezados com os símbolos da realça dos sobas, desenrolam as esteiras onde os seus senhores e amantes dormem.

Ao entardecer, os acampamentos estão erguidos ao longo da varanda que se debruça sobre o covão de Cassange.

E quando se acenderam no céu as primeiras estrelas e a lua se abriu e derramou a sua luz amarela e langue sobre a terra e os homens, os tambores da feira acordaram todos os ecos que o silêncio da noite adormecera. Brilharam as fogueiras no terreiro, em frente à grande palhota do jaga. Os magotes, as raparigas bângalas vão-se chegando ao fogo porque é à sua volta que irão bailar e cantar as velhas histórias de amor da sua terra, para que os estrangeiros ricos, velhos sobas e jovens fidal-

gos dos países distantes, melhor as possam ver e cobrir.

Olhos chispando gôzo, cravam-se nos corpos nubis das bângalas que estão à venda. A medo, vão-se abrindo as suas bocas carnudas em sorrisos concupiscentes. E logo os sobas lançam os primeiros preços de oferta, que os donos das fêmeas desdenham com ditos zombeteiros. Entabulam-se negociações, entre risos e mofoas. E elas riem, olhando para os homens em atitudes provocadoras. Entretanto, cruzam-se no espaço os sons dos atabaques e as moças começam a dançar, nuas, só com o sexo tapado por um pedacinho de pele, fazendo tilintar as pulseiras e as anilhas de cobre reluzente que lhes cingem os tornozelos. Os seus donos oferecem-lhes vinho de palma, que as excita mais que a própria música. Rasgou-se o último véu do pudor. Então, é vê-las a saracotarem-se com frenesi, tremelicando os seios, desnalgando-se, dando ao ventre, para em seguida se porem a imitar o jeito ondulante do rastejar das cobras, lançando aos homens olhares languidos como o da gazela; e, logo, numa mutação brusca, contorcem-se como se fossem tocadas por uma labareda, cantando e gemendo de prazer e de dor. Mas, de súbito, põem-se a rir às gargalhadas, como bacantes bêbadas, envolvendo os homens em olhares fulgurantes.

Os sobas fazem estalar as suas grandes gargalhadas. E bebem mais vinho de palma e fumam os seus cachimbos.

Depois, entre risos e chistes, aproximam-se dessas mulheres entontecidas, que vêm pela primeira vez à feira e que só os homens ricos podem comprar. Apalpam-nas nas ancas, no ventre e nos seios, para melhor se certificarem da rijeza das carnes. E, logo, sobem as ofertas e vão-se fechando os negócios, o que provoca aplausos, novos ditos zombeteiros e gargalhadas estridentes. Os homens menos endinheirados limitam-se a olhar para aquelas mulheres, que nunca possuirão, e a esperarem, impacientes, pelo dia seguinte. Amanhã os pobres poderão ver as mulheres que se apresentam pela segunda vez ao mercado, que ricos recusaram na época anterior; mas que elas esperam — confiam somente graças à sua esperança — que se apresentarão agora diferentes, melhores de corpo, que para tanto não deixaram um minuto de se aformosearem, receosas de novas recusas que as atirem para a terceira e última feira, de onde se sai para o amor ou para a morte.

Uma a uma, vão deixando a roda do batuque — e agora as suas cantigas são de agradecimento aos homens — as moças vendidas, que os braços dos sobas enlaçam e fazem estremecer sobre esteiras vistosas.

Naquela noite, Samba, a escrava bângala, mal dormira. No aconchego da cubata, durante horas a sua voz rendeu-se em preces aos espíritos protetores, por intermédio das mahambas, moldadas em barro vermelho e esculpidas em madeiros enegrecidos a fogo, com carões de olhos arregalados, dispostas, como em santuário, num canto do tugúrio, em frente do braseiro.

Esteve a noite inteira a ouvir o tamtam, que para o seu coração não era música de festa, mas como um toque de finados, um batuque dos mortos. Vira, ao entardecer do segundo dia da feira, mulheres amarguradas em pranto por não terem agrado aos estrangeiros e que, corridas pelos insultos dos seus donos e valadas pelo povo, se acotaram nas palhotas, já marcadas para a feira da nova época, embora a ela voltasse ainda na companhia de Samba. Mas ninguém acreditava que ganhassem tão depressa o favor dos homens. E soube das felizes que feram gerar os filhos de outras tribos e fecundar com o seu braço e suor as lavras dos países distantes, sempre belos à sua imaginação, da terra longe para onde a levava a toda a hora o seu sonho.

Samba já se tinha arrojado aos pés dos feiticeiros, a implorar a sua graça — e todos lhe tinham prometido interceder em seu favor junto dos deuses.

As preces dos magos, a pobre juntou as suas, murmuradas com fervor, entre lágrimas e suspiros ardentes.

Não eram só os feiticeiros que pediam por ela e pelas outras que iriam à feira — muitas pela primeira vez, algumas pela segunda, e uma, ela, pela terceira — mas todo o povo, numa só voz, rojava pela sorte das escravas que ali iam encontrar o seu destino.

As mulheres pedem, com mais fervor que os homens, por Samba, e pensam com amargura nas suas filhas pequeninas, algumas tão feias e tristonhas como aquela escrava que ninguém quis levar.

Calada a sua voz de prece, e mais viva na alma a esperança de ser ouvida pelos deuses, Samba deitou-se na esteira, as mãos sob a nuca, olhos fitos no teto negro de fumo, e ficou-se a ouvir, horas sobre horas, o tam-tam monótono do batuque e os gritos selváticos dos homens que rodopiavam, entontecidos pelos passos do bailado e embriagados pelo vinho de palmeira. O bater dos pés no chão duro da eira e o tilintar das anilhas abandonadas nos pulsos e tornozelos das mulheres, lembraram à escrava as suas noites de folgado em senzalas de outros sertões, para onde seus parentes a levavam de tempos a tempos, em viagens de negócio. Recordando essa vida, que é todo o seu passado feliz, do fundo da memória desprendeu-se-lhe, com uma nitidez impressionante, a imagem do seu primeiro amor. A luz forte da recordação, viu o negro que, na tonteria de um batuque, a levava nos braços para o capinzal e se fartou das suas carícias até romper o dia, desaparecendo em seguida para não mais ser visto. Samba perguntou a toda a gente por ele, sem sequer saber dizer o seu nome, mas ninguém o conhecia. Ao cabo de muito interrogar, uma velha disse-lhe que devia tratar-se de homem chegado nalguma caravana, nessa mesma noite em que abalou, quioco ou lunda, porque gente de outros povos não costumava fazer dessas coisas.

— Foi uma lunda. Foi, foi um alunada — dizia Samba a si mesma, porque gostava dos lundas, desses homens sonhadores que amam a aventura e a terra longe, e detestava os quiocos, por serem violentos e não saberem amar.

O lunda foi o seu único amor e era a sua grande saudade.

Tão longe a levou a sua memória que não deu pelo findar do batuque. Depois, um sono longo, cheio de pesadelos que lhe faziam estremecer todo o corpo, deitou-a à beira do braseiro, sob os olhos arregalados dos manipancos.

De madrugada, o braseiro feito em cinzas, Samba acordou ao som dos tambores. O coração começou-lhe a bater violentamente. Sentia a cabeça dorida dos maus sonhos de mortes e de sacrifícios que durante toda a noite inquietaram o seu sono. Esfregou os olhos, como para afastar u'a má visão. E, de novo, escutou os tambores. Eles estavam a chamar por ela. Uma sombra caiu na sua vida.

O sol caía a pino na terra alta de Tala-Mungongo, arrancando pequeninos relâmpagos de ouro às areias do terreiro da feira — varanda corrida à beira dos fundos abismais de Cassange — quando as mulheres se estenderam nas esteiras, a oferecerem-se aos olhares cobiçosos dos mercadores.

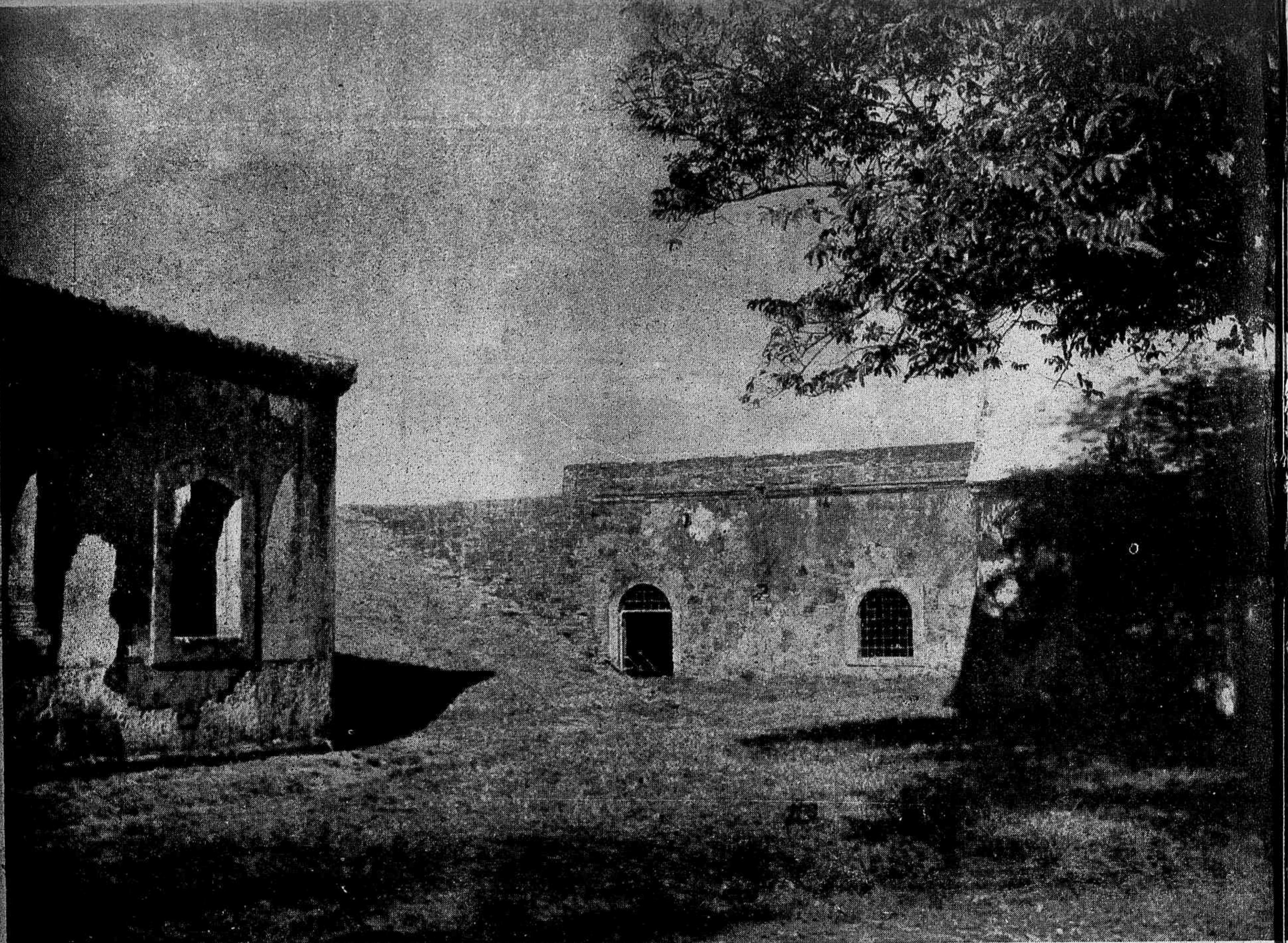
O toque dos tambores continua a anunciar a abertura da terceira feira, mas poucos são os estrangeiros que a visitam, e os que se aproximam são pobretões, servos dos sobas que já vão a caminho das suas terras, com o serralho aumentado e novos braços para o amanho da terra. Mas como são exigentes esses estrangeiros pobres! Obrigam as bângalas a levantarem-se, mirinhas por todos os lados, dão-lhes palmadas nas ancas, apalpam-lhes os seios e mandam-nas andar, para se certificarem de que não são aleijadas. E desdenham de tudo e de nada, para no fim recusa-

(Continua na pág. 48)

Conto de CASTRO SOROMENHO
(Escritor português — Autor de «Nharis» e «Rajada e outras histórias»)

Ilustração de ORLANDO MATTOS





Em cima: detalhe das edificações da Fortaleza de São José de Macapá, no Território do Amapá, vendo-se ao fundo o presídio. Em baixo: uma porta do presídio, com prisões celulares capazes de conter, de uma só vez, quase toda a guarnição da velha fortaleza.

UM MONUMENTO DO BRASIL

A FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DO MACAPÁ, ATALAIA HISTÓRICA DA REGIÃO, SÓLIDAS FORTIFICAÇÕES CONSTRUÍDAS NO PERÍODO

Reportagem de PEDRO NEVES

NUMA das minhas viagens recentes pela região amazônica, tive oportunidade de conhecer a Fortaleza de São José de Macapá, uma das mais sólidas fortificações construídas no período colonial, no Norte do Brasil. Minha primeira impressão foi de verdadeiro assombro. Confesso que nunca esperei encontrar, perdida naqueles ermos, uma obra de tal grandiosidade.

Macapá, como todos sabem, está situada à margem esquerda do Rio Amazonas, sobre o chamado Canal do Norte, entre as ilhas da Caviama e dos Porcos, que ficam em frente. Naturalmente os motivos que determinaram a construção da grande fortaleza, a meio quilômetro de distância da cidade, foram, entre outros, os da necessidade de uma vigilância eficiente sobre aquela passagem (a cutra já estava defendida pelas fortificações de Belém) e de proteção contra as incursões dos franceses, cujo estabelecimento no Maranhão, de onde Jerônimo de Albuquerque dificilmente os desalojou, e na Guiana, tornavam perigilante aquela vasta região, praticamente abandonada e deshabitada.

A Fortaleza de Macapá constituiria, portanto, um baluarte contra as possíveis incursões gaulenses em terras do Brasil. Como sempre, os lusos escolheram um local altamente estratégico. Foi na segunda metade do século XVIII que se iniciou a construção da enorme fortificação. A comissão de técnicos mandada de Lisboa para estudar o terreno e executar a importante tarefa chegou a Macapá em janeiro de 1762, segundo demonstraram os arquivos militares. Esses estudos levaram nada menos de dois anos da planificação à execução. Só a 29 de junho de 1764, no dia de São Pedro, foi iniciada a construção, com o lançamento da pedra fundamental.

O nome do autor principal do plano das obras não se perdeu no esquecimento. Foi o engenheiro Henrique

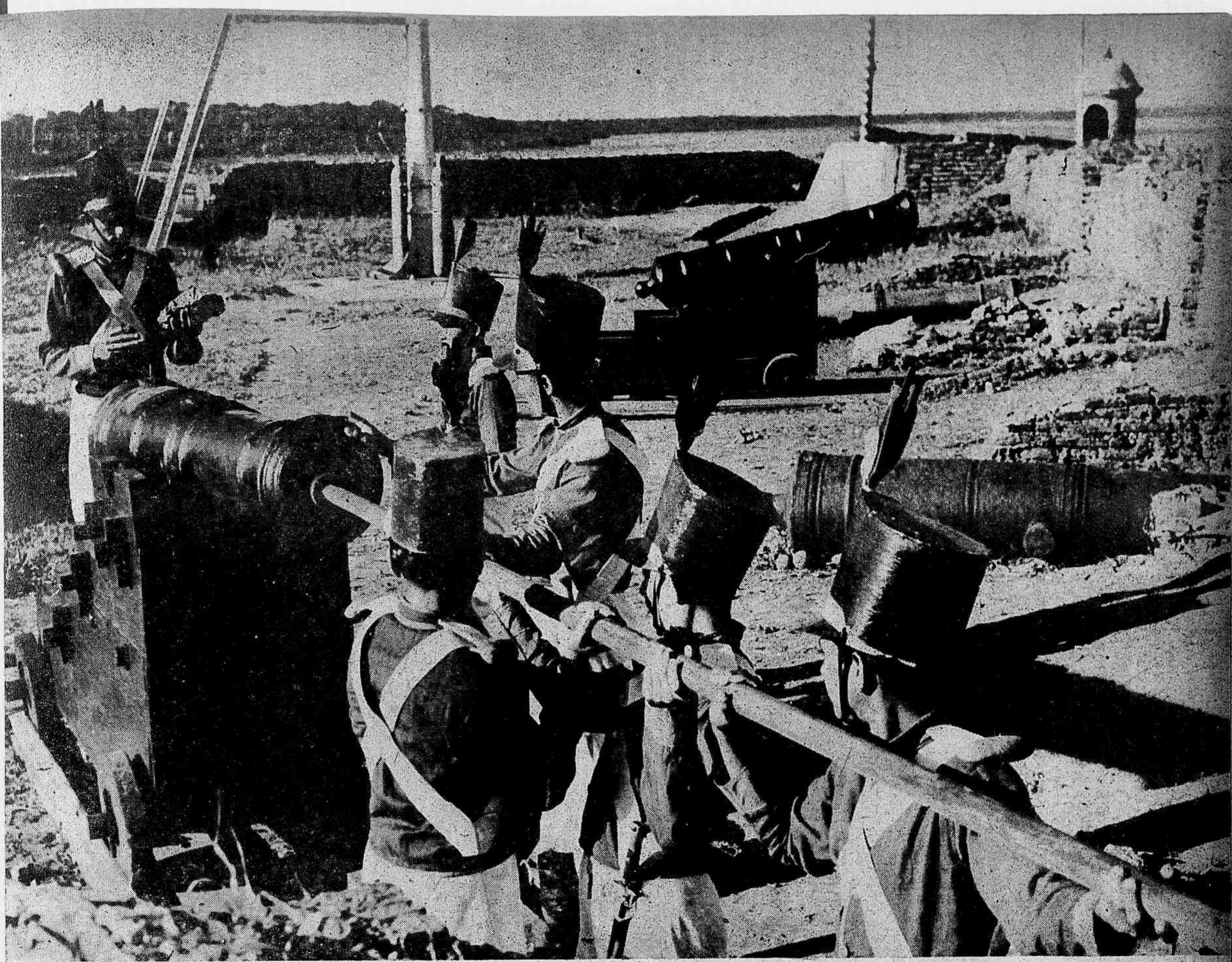
Antonio Galluzzi, de cujo merecimento ainda oferecem uma prova muda, mas eloquente, as imensas muralhas que ainda hoje ali resistem à ação do tempo.

O governador da capitania do Grão-Pará, capitão-general Fernando da Costa de Ataide Teive, esteve presente à solenidade. Não se pense, entretanto, que as obras correram sem precalços. Muito ao contrário. Foi difícil arranjar trabalhadores naquela região. Esses trabalhadores tinham de ser levados de fora, ou recrutados entre os índios. Os que vinham de fora, morriam de febre. E os índios, esses, é claro, não gostavam de pegar no pesado... Contudo, era necessário truir a Fortaleza, — e as obras prosseguiram. Nem foram completadas totalmente, isto é, alguns detalhes do plano inicial deixaram de ser realizados, mas D. I., — mãe de D. João VI e a mão que assinou a sentença de morte de Tiradentes, — mandou dar as obras encerradas, afim de evitar maiores gastos. Até então fazia dezoito anos que prosseguiam, — haviam sido mais um milhão de cruzados, — o que correspondia a quinhentos mil cruzeiros de nossa moeda.

Macapá é hoje uma das capitais brasileiras, — é a capital do território federal do Amapá, encravado na margem Norte do Rio Amazonas e confinando com a Guiana Francesa, — e pode se orgulhar desse monumento histórico. O nome da Fortaleza de São José de Macapá deriva de ter sido inaugurada no dia consagrado à veneração do pai adotivo de Jesus Cristo, — a 29 de março de 1782.

As enormes pedras de suas paredes foram trazidas de muito longe, com verdadeiro sacrifício. Vieram da região acima do rio Pedreira, cujo nome designa a zona de grande riqueza granítica. Foi o marquês





Em cima: soldados da pequena guarnição da Fortaleza de São José de Macapá, com uniformes do século XVIII, posam para a REVISTA DA SEMANA, obedecendo às ordens do capitão Vasconcellos. Aqui estão eles carregando pela boca um canhão dos tempos coloniais. Em baixo: aspecto das muralhas quase bi-seculares da Fortaleza de São José de Macapá, — cujos baluartes são quatro, assim denominados: da Conceição, de São Pedro, da Madre de Deus e de São José.

BRASIL ANTIGO

REGIÃO AMAZÔNICA — UMA DAS MAIS PERÍODO COLONIAL

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Pombal, famoso por sua aversão aos jesuítas, quem convenceu o rei de Portugal, D. José I, a construir-lá.

Até bem pouco tempo, a Fortaleza de São José de Macapá se achava ao abandono. Foi nesse estado que a encontrou um cronista de assuntos militares, que assim descreveu o que viu, em obra sobre nossas fortalezas históricas:

"Primeiro fomos olhar a cisterna, um buraco forrado de pedras, que há no centro da praça. O povo diz que servia para castigar os presos, que aí ficavam dias seguidos, com água até a cintura. Mas, não é verdade. A cisterna foi aberta para recolher e deixar escoar até a praia, por uma galeria, as águas das chuvas."

Visitamos em seguida os edifícios do recinto, em número de seis, na maioria reduzidos apenas às paredes: o paiol da pólvora, a enfermaria, a capela, a praça d'armas, o armazém, a residência do comandante.

A impressão mais triste eu senti no instante em que pus os olhos no interior das casamatas, quartos escuros, sem circulação de ar protegidos por grossas grades de ferro nas portas e janelas, e que serviam de prisões. São ao todo dezenas, por baixo das muralhas. Parece que os construtores imaginavam que a fortaleza ia ter habitualmente a maior parte da sua guarnição cumprindo castigo.

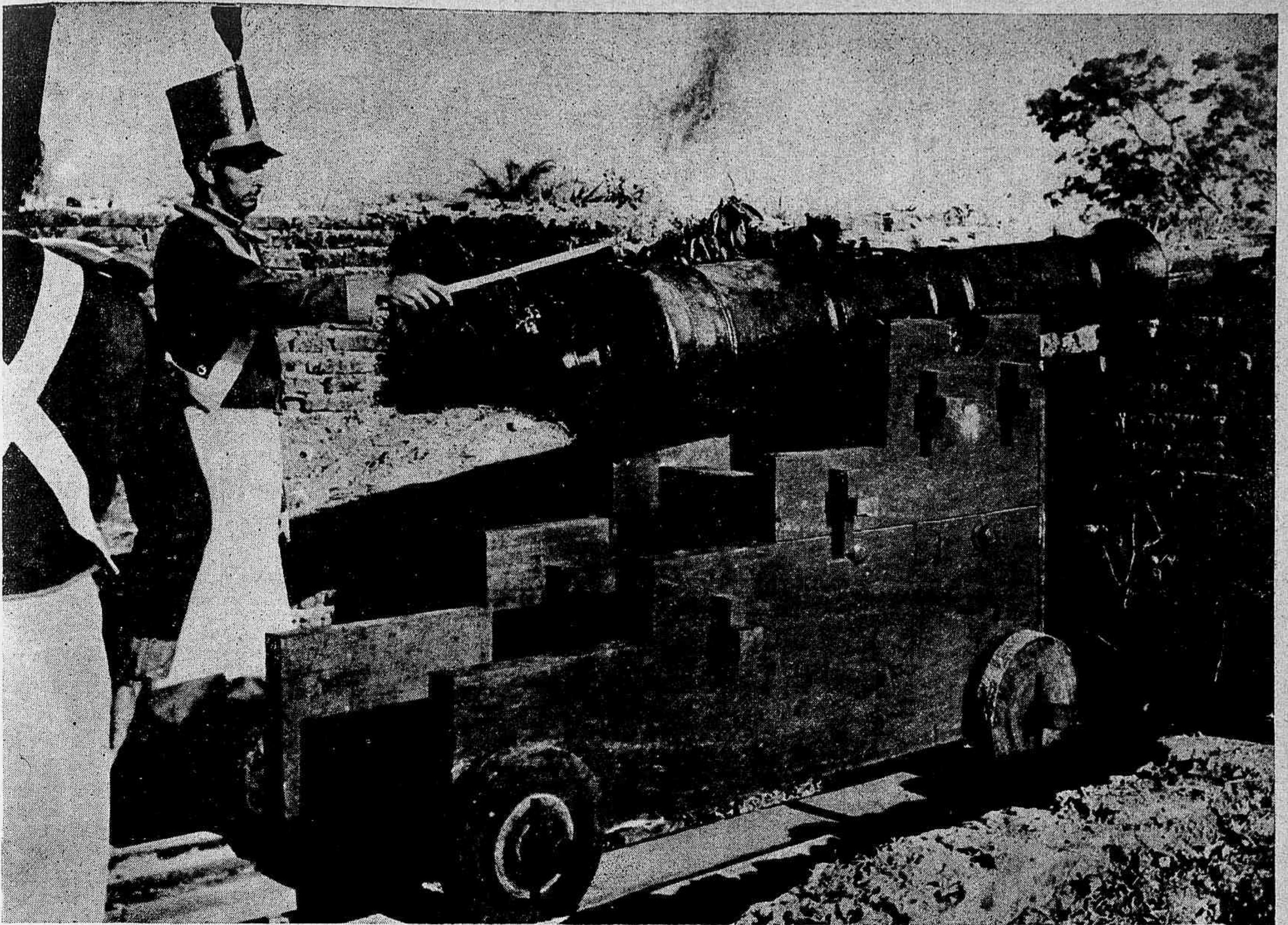
Numa das casamatas havia um monte de balas de ferro inaciacas muito gastas pela ferrugem. Doutra casamata saiu, assustado, um bando de morcós. Do chão e das paredes úmidas emanava um cheiro enjoativo de cestas apodrecidas.

Voltai ao ar puro. Por uma das quatro rampas que levam do interior da praça ao alto das muralhas, subi e

(Cont. na pág. 56)

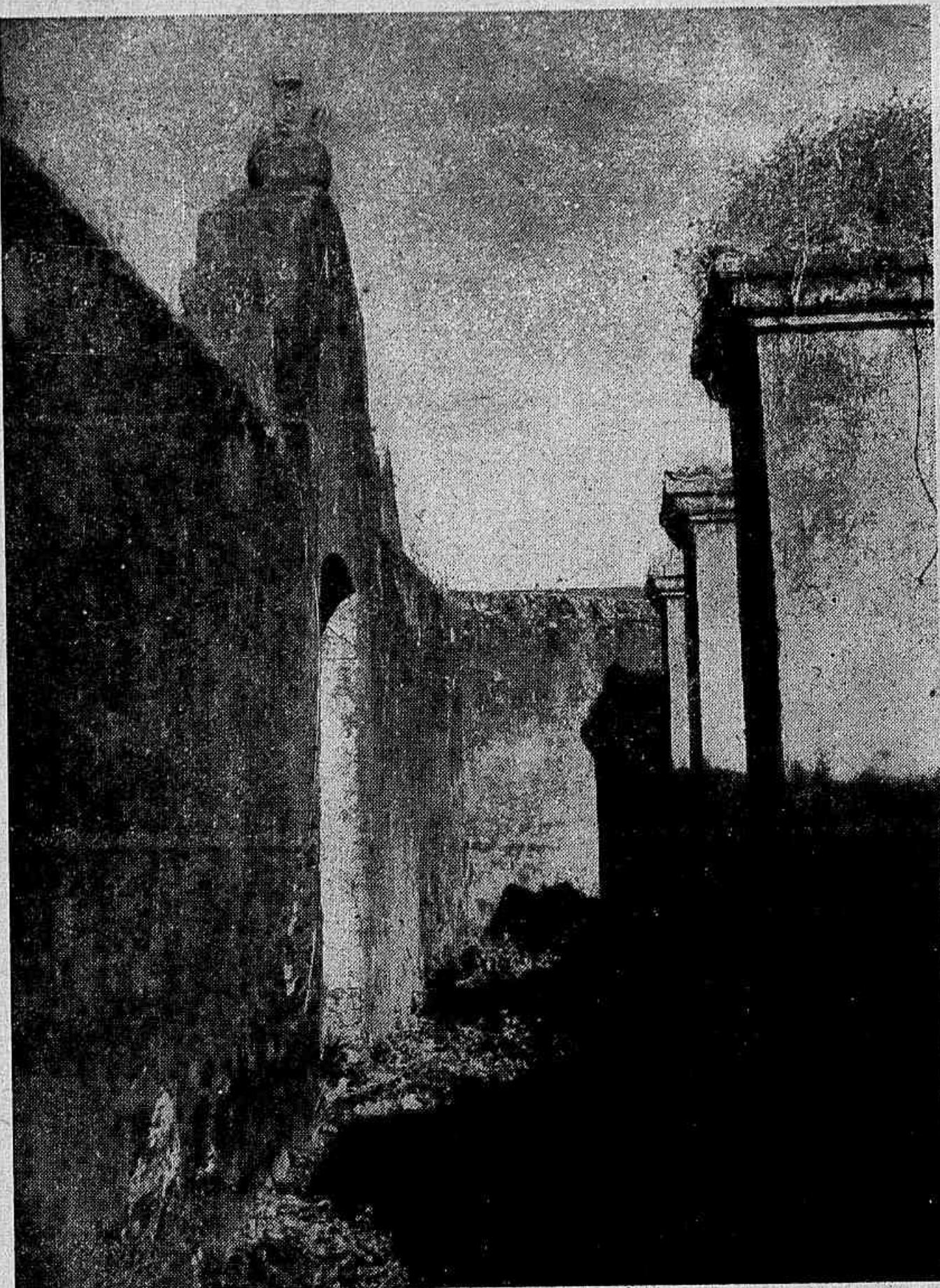






Na página à direita: detalhe interno da Fortaleza de São José de Macapá, a quase um quilômetro da capital do território do Amapá, vendo-se ao fundo o paiol de pólvora. Em cima e em baixo: grupos de soldados da velha fortaleza, em uniformes coloniais, lidando com peças de artilharia do século XVIII, numa demonstração especial para REVISTA DA SEMANA.





Em cima: detalhes interiores da Fortaleza de São José de Macapá, mandada construir por D. José I, sendo ministro o marquês de Pombal, e inaugurada no reinado de D. Maria II. Em baixo: outro detalhe do monumento da época colonial, vendo-se a capela, já reparada e pintada de novo, em contraste com outros trechos que continuam sem modificação. REVISTA DA SEMANA apresenta êsses típicos aspectos da velha fortaleza, graças aos esforços do seu serviço fotográfico.



NOS BASTIDORES FEMININOS

SABER educar a mulher para o lar e para o matrimônio, não é tarefa das mais fáceis. Porque muitas mães julgam que educar para o lar significa ministrar à filha conhecimentos culinários, ensinar-lhe a coser, bordar, lavar e talvez ainda proporcionar-lhe aulas de música. Em tudo isto existe um erro lamentável. Não é ensinando a fazer pratos saborosos ou a remendar a roupa do marido e dos filhos que se prepara e educa a mulher para o lar. A educação para o lar deve ser, como toda a educação, essencialmente uma educação para a vida.

Isto quer dizer que a educação feminina para a vida doméstica deve ser feita de tal maneira que lhe permita enfrentar e resolver todos os problemas desse tipo de vida. Portanto, educar não é receitar, mas prover o entendimento suficiente para que cada uma escolha as receitas que lhe convenham. A mãe que pensa educar a filha ensinando-lhe a cozinhar, coser, lavar, etc., e não a coloca em condições de poder realizar estes atos, pouco comprehende da sua verdadeira missão. O que é preciso, acima de tudo, é o cultivo da responsabilidade. Fazer com que a mulher sinta a sua responsabilidade no lar, quer frente ao espôso, quer frente aos filhos, em quaisquer que sejam as circunstâncias, é construir o verdadeiro caminho para a perfeita educação. Educando com um amplo sentido de responsabilidade, nada mais se deverá temer, porque a mulher assim educada conhece e comprehende as suas obrigações e os seus deveres. O sentido da responsabilidade é pois de grande importância, e não é preciso esperar que uma menina se torne adulta para lhe incutir esse sentido; ele pode ir sendo criado no seu espírito, desde cedo e daí dependerá o seu sucesso na vida. Aos seis anos de idade, pode a menina ter tanta noção de responsabilidade quanto uma mulher de trinta, é claro que dentro da mentalidade de cada uma. A noção de responsabilidade não é dom; não nasce com a criança; é coisa que se adquire com ensinamentos adequados, concluindo-se daí que a felicidade está nas nossas próprias mãos, na educação que recebemos dos nossos pais e que transmitimos aos nossos filhos, na compreensão dos nossos deveres, na realização de atos que nos dignifiquem, no perfeito conhecimento da nossa responsabilidade diante da vida e da humanidade.

KITTY



Camisola de noite em cetim rosa seco, com incrustações de renda preta verdadeira.



O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

ZANGA

Maria Melato, a atriz que o público brasileiro aplaudiu em várias temporadas, tinha na peça de D'Annunzio "Città Morta" um de seus mais retumbantes sucessos. Sucesso em Roma, sucesso em Milão, sucesso em Veneza, sempre sucesso. Mas, quando chegou a Turim, a peça ali naufragou, inexplicavelmente. Aturdida com tão inesperado resultado, a célebre atriz italiana não podia se conformar. O diretor da companhia foi encontrá-la no dia seguinte ainda imersa na mais funda indignação.

— Que cidade! — gritou. — Que gente sem sensibilidade! Que falta de cultura, que público indigno!

E concluiu:

— Estou irritadíssima! Acho que por uns três ou quatro dias não vou poder nem olhar para essa gente!

★

INDEPENDÊNCIA

Ao deixar a primeira reunião do conselho de ministros, a que compareceu, a rainha Vitória dirigiu-se aos seus aposentos. Uma das grandes torturas da ex-princesa era jamais ter podido dormir num quarto só para ela. A grã-duquesa partilhava com ela dos seus aposentos. Ao depatar com a mãe, perguntou, ainda cheia do entusiasmo do seu primeiro ato governamental:

— Então, mamãe, sou de fato a rainha?

— Sim, querida, bem o vés...

— Nesse caso faço-lhe um pedido. Deixe-me só por uma hora.

★

FRIOS

Eleanora Duse regressava de sua triunfal excursão a São Petersburgo e encontrava, de volta, uma estranha primavera na Itália. Depois dos rigores do frio russo, a grande trágica esperava encontrar docura e beleza em sua terra natal. Porém, a primavera se recusava a comportar-se como devia e o frio era angustiante.

— Na Russia eu vi o frio. — queixava-se a artista. — Mas aqui eu o sinto!

★

O QUE EU TENHO CARREGO COMIGO

A paixão avassalante que Eleanora Duse sentia por D'Annunzio era motivo de constantes cuidados por parte de seus amigos. A grande artista sofria, e sofria tão continuadamente que alguém precisava ajudá-la a recuperar a posse de si mesma. Às vezes, abalada pelas contínuas infidelidades do "seu poeta", fugia, ia para longe de tudo, amargurada. E era ele quem, apaixonado, ia buscá-la. Por fim, sentindo que ela vivia num paroxismo de tormento, um amigo seu descobriu um recanto idílico, onde havia uma encantadora vivenda. Chamou Eleanora, fez-a conhecer a casa, que a deixou deslumbrada. Ali, longe de tudo, ela poderia entregar-se ao trabalho, ao repouso, ao estudo de novos papéis, e, por fim, libertar-se do seu sofrimento. Eleanora aceitou. Comprou a casa, contratou operários, começou uma reforma a seu gosto. Em seguida contratou uma caseira e mandou a primeira remessa de sua bagagem pessoal. Mas, inutilmente a caseira esperou pelo resto da mudança. Eleanora não foi nunca para lá. Explicou ao amigo:

— Tudo lá seria como aqui, pois eu estaria lá...

★

DUAS INGLESES

Quando a rainha Vitória retribuiu a visita do rei Leopoldo da Bélgica, uma outra inglesa se encontrava em Bruxelas e anotou suas impressões da soberana:

— "E' uma mulher pequenina, de complexão robusta, vestida com muita simplicidade, sem muita dignidade, nem pretensões na sua aparência".

Essa outra inglesa era a escritora Charlotte Brontë, então uma simples professorinha num pensionato de meninas.

★

REALISMO

Maria Melato assistia ao chamado "ensaio de luzes" em uma de suas peças, quando foi consultada sobre o efeito de determinada cena, onde, através de uma penumbra, coava-se um raio de sol.

— Está errado! — declarou a atriz. Esse raio de sol está limpo demais. Não tem característica nenhuma. Qualquer pessoa sabe que um raio de sol que passa dentro de um quarto surge cheio de poeira, de um milhão de corpúsculos que se agitam dentro dele.

E largou o diretor de cena às voltas com o complexíssimo problema de apresentar um raio de sol meio sujo...

(Seleção de L. B., especial para a REVISTA DA SEMANA)



QUE CALOR!

Em cima e na página ao lado: Jane Adams, da Universal-International, escolheu estes dois modelos, o primeiro em tecido estampado de cores vivas, para um mergulho na piscina da sua residência. Quanto a Julie London, da Universal, também, prefere este traje um tanto original, feito em tecido listrado vermelho e branco. De qualquer maneira, ambos são excelentes para um bom mergulho... Em baixo: Ava Gardner da MGM com um originalíssimo casaco esportivo em linho branco, com capuz em cores vivas.





A HISTÓRIA MÓDELO DO ME- NINO MÓDELO

EU havia prometido uma outra história, e el-a aqui. Iso se passou realmente e há mu-tó pouco tempo; conheci o menino antes e depois do fato que transformou a sua fisionomia social.

O nosso herói perdeu os pais muito cedo e vi-via com a avó, uma senhora enérgica e de gênio feroz. A educação que recebia era antiga e das boas: nenhuma palavra à mesa e pancada em criança só se perde a que cai no chão. Observo-o durante algumas visitas que me fez; sentava-se muito impertigado como uma vareta, de pés unidos e mãos nos joelhos; jamais interrompia uma longa dissertação e a avó fazia-se obedecer pelo olhar; ela não fazia segredo de que a correia de-pendurada no portal da cozinha era a responsá-vel pela notável impassibilidade do neto, e, de-pois dêste aparte passava a enumerar as qualida-des de Julinho, qualidades estas nascidas exem-plarmente da ação do chicote; Julinho, com oito anos incompletos, ajudava em todo serviço da casa e arrumava até melhor do que qualquer em-pregada; nunca recebera queixa alguma da escola e jamais o menino punha os pés fora da soleira da casa para brincar com os moleques da rua. (En-tre parentesis, devo informar que ela admitia que tódas as demais crianças além de Julinho fossem moleques). Mas deixemos falar a enérgica senho-ra: — "Detesto estas crianças de hoje, insolentes e mal educadas. Tenho uma neta que trata a mãe de você; no meu tempo não se admitia uma saliência desta; felizmente Julinho ficou a meu cargo e sei educá-lo como devo; ele tem a quem sair, porque o pai não foi de brincadeira, mas eu lhe puxo o cabresto. E não é para me ga-bar, mas estou para ver criança mais bem edu-cada do que o meu neto."

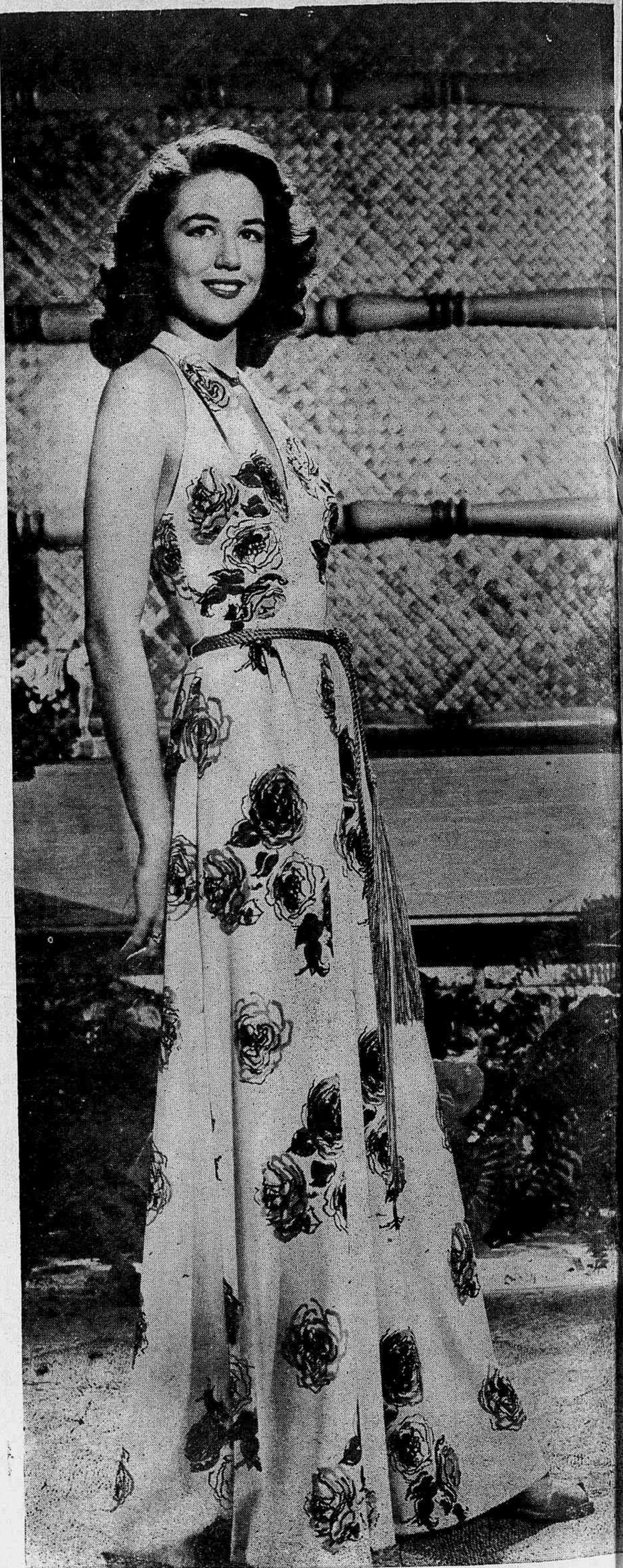
Três meses se passaram depois desta afirmati-va, e, então, vim a saber que esta senhora estava gravemente enferma, paralítica. Mais estupefacien-te do que a notícia da enfermidade foi a da muta-ção de Julinho. No dia seguinte ao da invali-dez da avó (prestem bem atenção: no dia segu-in-te!) o menino proclamou em alto e bom som, dentro de casa, o seguinte: — "Minha avó agora não pode mais me bater; está prá mim!" E dito e feito. Compareceu à escola no mesmo dia para desafiar a professora e bater nos colegas da clas-se; quebrou as vidraças dos vizinhos, destruiu ob-jetos dentro de casa e insultou todos aqueles que o admoestavam.

Suas ações prosseguiram num crescendo de insolênci-a e vandalismo tal que forçaram o seu in-ternamento num colégio. Não parou ai; foi ex-pulso por insubordinação e correu durante al-gum tempo vários e afamados colégios da cida-de e fora dela; nenhum deles, no entanto, quis ficar com o menino ex-modélo; somente a per-manênci-a em casa de um parente bem avisado, que exerceu sobre o rebelde uma ação, misto de au-toridade e compreensão, pôde reduzir a um mí-nimo tolerável as atitudes de Julinho.

Indagamos agora: por que teria se evaporado de uma forma tão repentina a esplêndida educa-ção que Julinho recebera durante oito anos con-secutivos? Sua avó, do fundo da sua cadeira de ro-das, acredita que foi o cessar do chicote que pro-vocou a série de desatinos do neto. E' claro que não vamos considerar os argumentos da im-prudente senhora. Se Julinho era uma criança di-fícil de educar, pelo precedente do pai, tivera na sua infânci-a apenas o exemplo da violênci-a física exercida por alguém mais forte do que ele e sobre ele; pancada era a resposta para todos os seus desejos e ações; não estranhemos, po-is, que tenha revidado com violênci-a ao primei-ro si-nal de que não sofreria mais coação sobre a sua pes-soa. Ele não guardou as palavras da ação educi-tiva que acompanhavam as surras, mas o res-sentimento que as sovas lhe provocavam. Julinho não estava, então, educado, como blazonava a se-vera avó; estivera, isto sim; atemorizado pelo chico-te e, no fim de oito anos, prevaleceu sobre a

(Cont. na pág. 52)

MODELOS PARA SOIRÉE



Agora que estão revivendo, em toda parte do mundo, as grandes reuniões noturnas, é mister que você esteja sempre preparada. Um vestido de noite torna-se agora indispensável no seu guarda-roupa. Veja as sugestões maravilhosas que Hollywood nos envia: Da esquerda para a direita: Para jantar, em lamé dourado. Blusa só até os joelhos. Daí para baixo, saia em pregas. Golinha e bolso do mesmo tecido. Sugestão de Eve Arden, da Warner Bros. Para uma noite quente, ai está o modelo fa-



vorito. Em branco com flores muito vivas. Grosso cordão à cintura, terminando em franjas. Usa-o Dorothy Malone. Outro modelo para noites quentes, é apresentado por Janis Paige, da Warner Bros. A saia é em tecido listrado vermelho e branco, com as listras formando "V" na frente. Corpete vermelho muito justo. Grande ramo de flores sobre o peito. Novamente Janis Paige, com um modelo jersey preto e branco, guarnecido de renda preta. Saia bastante franzida.

Muro das LAMENTAÇÕES

E' BOM SER BOM

ESTAMOS todos sujeitos aos mesmos infartos neste mundo, que deles parecem ter, aliás, inesgotável reserva. Porém, diante de idênticos dissabores, as pessoas boas reagem melhor, mais filosoficamente, ao passo que as más se entregam à revolta e ao desespero, sofrendo duplamente.

Por que?

Porque, habitualmente, a pessoa boa é mais normal, conhece melhor a realidade, já admitiu antecipadamente as possibilidades desagradáveis a que estamos sujeitos. Em resumo, é mais feliz. O indivíduo mau em geral é um desgraçado, pois sua maldade se origina em taras ou em complexos que lhe adulteraram a visão da vida e o levaram a atitudes anti-sociais. As maldades que pratica lhe satisfazem efemeramente a ânsia de desfóra, logo depois se sucedem crises de auto-acusação, remorsos e nojo por si próprio. E' mau porque infeliz, e infeliz porque mau.

Quase sempre a história começa na infância; às vezes, na adolescência. Queremos exemplificar com dois casos que conhecemos de perto. No primeiro, trata-se de uma jovem, que fôra criada pelo pai, pois perdeu a mãe muito cedo. Quando garotinha, o pai costumava trazer mulheres em casa, pensando que ela não entenderia. De fato ela não entendia as cenas exquisitas que presenciava, porém, mais tarde, quando cresceu e teve compreensão, criou uma aversão tremenda a todos os homens. Seu desprezo se estendia a si própria, considerava-se desvalorizada, maculada, e manteve uma desregrada conduta sexual, que não a satisfazia nem aos homens com os quais convivia. Foi causadora de dois desquites, de um suicídio e acabou assassinada por um amante enciumado.

O segundo caso é de um rapaz, bastante intelectual, que na adolescência viu a mãe, envolvida em escândalos, ser expulsa de casa pelo pai e levar uma vida pública de desregramentos. Esse rapaz sofreu na ocasião um choque violentíssimo, e adquiriu um complexo de inferioridade que, a princípio, o levou a isolar-se por completo do mundo para ocultar sua vergonha. Depois, essa vergonha se transformou em ódio, e ele voltou ao convívio social, disposto inconscientemente a rebaixar toda a humanidade afim de não se sentir inferior. Torturava a esposa, mulher honesta e dócil, com acusações absurdas e vis. Perquiria a vida íntima de todos os conhecidos e depois divulgava-a com tintas denegridoras. Escrevia diálogos contra amigos e parentes, delatava os erros alheios, sentia-se permanentemente injustiçado e perseguido. Redigia cartas anônimas, invejava todas as pessoas que julgasse melhores do que ele — enfim, fazia da sua vida e da vida alheia, um verdadeiro inferno. Acabou roido por uma horrível molestia, e não nos admirariam nada se a medicina descobrisse ter sido ela de origem psíquica.

Como vimos, o fim de ambos foi trágico. E ambos se salvaram se tivessem sido tratados a tempo. A cura de que necessitavam era uma cura espiritual, auxiliada possivelmente pela psicanálise. Talvez, mesmo, um corajoso e honesto estudo dos fatores que neles determinaram a perda da fé no mundo e lhes inspiraram os primeiros rancores, bastasse para libertá-los dos complexos e conseguisse trazê-los à normalidade. Sim, porque a maldade é doença, é infelicidade. Quem é feliz e normal não pode deixar de ser bom; no máximo, pode ser egoista, mas do egoísmo à perversidade e à perda do senso moral e social vai um abismo.

Se você é infeliz, portanto, reflita bem para ver se a sua infelicidade não vem da inferioridade dos seus sentimentos. E se você é mau, mesquinho, odioso, despeitado, estude-se para ver em que infelicidade do passado repousa a sua atitude presente em relação à vida. E procure melhorar, procure melhorar porque só melhorando conseguimos ser mais felizes. O poeta Martins Fontes, um grande coração, uma alma limpida e sem falso, proclamava uma grande verdade psicológica quando dizia num de seus versos:

— Como é bom ser bom!

CONFIDENTE

RESPOSTA AOS CONSULENTES

No próximo número responderemos algumas das consultas que nos foram dirigidas.



FIGURINOS PARISIENSES



1) Modelo muito juvenil, alongado por uma pala na altura dos quadris. Gola do mesmo tecido. 2) Frente em tecido quadriculado, bolsos na saia formando pala que alonga o vestido. 3) Uma barra nova dá a este modelo o comprimento da moda. "Plastron" do mesmo tecido. 4) A saia é alongada por um tecido invisível, que fica sob o babado que cai sobre os quadris. Gola de tecido igual ao babado. 5) Uma barra larga e outra mais estreita, em tecido contrastante, dão maior comprimento a esta saia. A manga que passou a ser "três-quartos", tem punhos iguais. Gola também do mesmo tecido.

A PERSONALIDADE da Semana

Violeta Coelho Neto de Freitas



Bati na sineta, e um barulho ensurdecedor desatou no jardim. Um cão-chorro policial e um magnífico dinamarquês vieram ao meu encontro com tamanha cortesia que quase caí no chão. O dinamarquês ergueu-se e colocou amavelmente as pesadas patas dianteiras nos meus ombros. Em seguida, deixou-me atravessar o jardim, aproveitando-se do riso que me enfraquecia para me chicotear à vontade com uma cauda que parecia uma barra de ferro. Quando consegui, afinal, penetrar na casa, estava tão vermelha, despeitada e alegre que só me restava a escolha entre duas attitudes: sentar na beira da cadeira, desculpando-me cerimiosamente e sentindo-me mal à vontade ou agir como quem está em território amigo em meio a velhos conhecidos! A dona de casa, tão miúda quanto os porteiros são gigantescos mas tão alegre quanto elas facilitou a segunda alternativa. Conversamos logo como amigas.

No hall reparei num armário baixo, cujas portas de espelho traziam uma melodia gravada.

— E' a grande aria da *Butterfly*, explicou Violeta Coelho Neto. Abriu as portas e revelou um monte de partituras, fotografias e recortes. Foi um presente do meu marido quando voltei dos Estados Unidos.

— Onde cantou *Madame Butterfly*, não é?

— Sim, e também a *Mimi* da *Bohemia*. Sabe... já estou cansada de sempre ver meu nome ligado com *Butterfly*. Cantei em muitas outras obras e tenciono estudar tantos outros papéis! Não quero ser a cantora de uma ópera!

— Foi sua primeira temporada nos Estados Unidos?

— Fizera o concurso de verão do Carnéglie Hall e venci.

— Como achou o público americano?

— E' um público que vai ao espetáculo para se divertir, para gozar do espetáculo e não para analisar.

— Li que teve um êxito muito grande e vi que os críticos americanos destacaram principalmente sua atuação como atriz.

— Sou artista antes de ser cantora! Por isso, apesar de gostar imensamente de música de câmara, é quase um sacrifício para mim dar um concerto. Gosto de viver o meu papel, atuar no palco.

— Isto é muito raro entre as cantoras de ópera!

— E' preciso renovar a ópera. Por que não representar com naturalidade? Quando comecei a preparar o papel de *Cherubim* nas "Bodas de Figaro" há um ano atrás, não gostei da marcação. No dia seguinte, levei meu filho comigo ao Municipal, representei a cena na qual fui da sala e perguntei-lhe se era assim que um garoto pularia uma janela. "Que nada!" exclamou. Afastou a cadeira na qual eu subira e atirou-se pela janela num pulo. Evidentemente, um garoto não precisa subir numa cadeira para transpor uma janela baixa! Procurei imitá-lo e atirei-me ao chão! Recomecei uma porção de vezes até conseguir uns saltos de menino. Todo mundo já se ajuntara pensando que tinha enlouquecido! Mas continuei a interrogar o menino, que se sentia importunissimo, e interpretei o papel seguindo os seus conselhos!

Conversei com Jorge Henrique, nesta tarde, e também com Maria Cecília, que ficou muito encabulada porque eu a encontrara experimentando uma fantasia. Era véspera de Carnaval. Ela não adivinhou quão encantada fiquei entrando, por acaso, na intimidade alegre da casa. Estou sempre tão contente quando "a personalidade da Semana" comprova que sabe conciliar sua profissão com sua vida familiar.

— Se tivesse que escolher entre minha carreira e minha família, sacrificaria, evidentemente minha profissão. Mas não há nenhuma razão para isso, explicou. Violeta corrobora meu ponto de vista. A não ser quando os filhos são muito pequenos, nada impede de equilibrar todos os laços da vida.

E lembrou alguns momentos da sua vida. A profissão de bailarina que escolhera primeiro. O casamento e a vinda do pequeno casal que interrompeu suas atividades durante algum tempo. Os esforços que fizera ao lado do companheiro durante os primeiros anos para sobrepujar as dificuldades materiais. Os primeiros êxitos. Falava com tanta naturalidade que verdadeiramente partilhei durante um momento do seu caminho de mulher. Na mesa da sala de jantar, um presépio delicioso alegrava a madeira clara e sedosa com seus bichinhos e bonecos populares. Na sala, as cortinas macias, o piano, os vasos, os cinzelados, a larga poltrona na qual me afundei, tudo ajudava a criar um fundo de conforto e intimidade, propício a essas lembranças evocadas com tanta naturalidade e emoção.

YVONNE JEAN



A esquerda: Edith Head desenhou para Gail Russell este gracioso traje composto de saia de tafetá "godet" e franzida, com largo cinturão e blusa de organdi de seda com "plastron" de nervuras e mangas muito amplas presas por estreitos punhos. Em cima: Sobre uma blusa de seda branca, Barbara Stanwyck usa uma jaqueta de gorgurão azul marinho

SEIS MODELOS

com bordados brancos em forma de "x". "Tricot" e seda são usados neste vestido de Ann Blyth, da Universal-International. A parte de seda é azul e a





ORIGINAIS

de "tricot" é branca. O "tricot" é feito em linha apropriada e não em lã. Embaixo: Ella Raines, da Universal com um interessante modelo em malha de lã ha-

vana. Mona Freman, da Paramount, usa para os dias de chuva este conjunto escoçês, composto de sáia e casaco. Este último é bastante amplo com recortes e duas carreiras de botões. Capuz do mesmo tecido, forrado em côn clara. E finalmente Signe Hasso apresenta este originalíssimo figurino em lamé prateado — Colar de ouro e esmeraldas.





SI você pretende viajar, será interessante preparar o seu farré. As crianças e você mesma terão fome durante a viagem, e será muito melhor que cozinham alimentos preparados por você do que essas coisas que se encontram pelo caminho ou mesmo no trem, onde nem sempre existe higiene e onde ainda não chegaram os "comandos" da limpeza. Embrulhe tudo em papel impermeável, afim de evitar que a gordura passe para outros objetos que se possam encontrar no mesmo lugar. Tudo o que você fizer, deverá ser simples e empregando ingredientes que não se estraguem de um dia para outro, pois, naturalmente, você fará tudo de véspera. Os sanduíches, você deixará embrulhados num pano úmido afim de que não fiquem secos. Uma garrafa térmica será útil, também, para levar água ou um refresco gelado.

SANDUICHES DE "PATE DE FOIE-GRAS"

Corta-se o pão de forma em fatias, retira-se o "paté" da lata e coloca-se numa tigela mexendo bem. Coloca-se uma camada de "paté", entre duas fatias de pão previamente untadas de manteiga.

SANDUICHES COM QUEIJO SUIÇO

Ingredientes: Queijo suíço ralado; manteiga fresca, mostarda francesa, pão de forma cortado em fatias.

Preparação: Mistura-se o queijo ralado com um pouco de manteiga e junta-se uma pitada de mostarda, sal e pimenta. Põe-se uma camada dessa massa entre duas fatias de pão previamente untadas de manteiga.

COXINHAS DE GALINHA

Ingredientes: 1 gallinha, 950 grs. de banha, 250 grs. de farinha de trigo, 250 grs. de farinha de rosca, 6 gemas, 2 ovos, 3 xícaras, das de chá, de caldo de galinha; 1 xícara, das de chá, de leite, 1 cebola, 2 tomates, 1 folha de louro, sal, salsa, pimenta.

Preparação: Tratada e ensopada a galinha, tiram-se-lhe todos os ossos e pica-se a carne. A parte, toma-se uma cacerola, põem-se 100 grs. de banha juntam-se-lhe a cebola e os ossos cortados em pequenos pedaços, a folha de louro, a salsa picadinha, uma pitada de sal, outra de pimenta e leva-se tudo ao fogo para tostar um pouco. Adiciona-se então a carne. Deixa-se refogar durante alguns minutos, acrescentando-se então o caldo em que a galinha foi cozida. Engrossa-se com farinha de trigo e manteiga com uma colher de pau até formar uma consistência regular. Polvilha-se então as mãos com farinha de rosca e toma-se na palma a mão um pouco da massa; coloca-se no meio do osso de galinha, deixando-se um pedaço do alho de fora. Dá-se à massa o formato de uma coroa, passa-se na farinha de rosca e em seguida os ovos batidos e novamente na farinha de rosca. E assim se faz até acabar. Levam-se as coxinhas para fritar na banha bem quente, até ficarem coradas. Tira-se para escorrer bem a gordura e enrola-se o osso com papel de seda.

BROINHAS DE ARARUTA

Ingredientes: 4 ovos; 450 grs. de açúcar; 225 grs. de araruta; 225 grs. de farinha de trigo; 1 pitada de sal.

Preparação: Batem-se muito bem os ovos com o açúcar, como para pão de ló e em seguida acrescenta-se a aratura peneirada com a farinha de trigo e o sal. Mistura-se tudo e depois pingue-se como suspiros em tabuleiros untados com manteiga. Assa-se em forno quente.



MODELOS PARA A NOITE



MESMO que você seja adepta dos trajes esportivos, não poderá deixar de ter no seu guarda-roupa um ou dois modelos mais "habillé", próprios para festas, teatros, etc. Qualquer um destes é bastante elegante. A esquerda: êste, que Margaret Field, da Paramount, apresenta. é executado em renda de seda preta sobre fôrro também de tafetá preto. Sáia "godet", terminando com barra enviezada de organdi preto. A direita: Ainda de Margaret Field é este modelo também em renda de seda preta, com fôrro de tafetá rosa seco. Larga saia de tafetá preto dá duas voltas à cintura e cai em pontas sobre a sáia.



ESCRAGNOLLE DORIA



Orlando dos Taunay, da juventude à velhice usava os brasões espirituais da família. Tanto basta para que se lhe deiros os títulos que merece e sabe justificá-los. Cinquenta anos de contacto com as letras assinalam a Escagnolle Doria o raro verbete de erudição, bem parco nesse país. Erudição as direitas, sabe tudo, para tudo informar, com firmeza e segurança.

Abebeirado nas fontes não se lhe notam elucubrações na vasta obra, legado de intenso labor. Era dos tais capazes de passar horas inteiras, entre a poeira e as traças dos arquivos, em busca da exatidão de uma data, de um nome, um episódio, em respeitoso holocausto ao nobre ofício de historiador.

Filho de um general — Luís Manoel de Chagas Doria — não há no porte qualquer vestígio de marcialidade. Antes é soldado em guarda permanente das bibliotecas onde passa boa parte da existência na defesa de alfarrábios. Aos 11 anos traduz a novela de Mery — "O sábio e o crocodilo", que lá está na Revista da Escola Militar.

Em 1886 rumou para São Paulo em demanda a Faculdade de Direito. Estudou-se em 1890, com o prosaico canudo de bacharel. Não exerce a judicatura. E faz bem. E' que, por temperamento, prefere Escagnolle Doria o "juiz" mais amplo de seus leitores que seriam legião se cada um deles pudera ler a montanha de artigos, em todos os gêneros e espécies, assinados por esse mestre da historiografia nacional.

Dariam, e certamente virão à estampa, muitos volumes as colaborações de Escagnolle Doria no "O País", "Jornal do Comércio", "A Notícia", "Revista Brasileira", "A Semana", "Correio de Santos", "Folha da Tarde", "Cidade de Campinas", "Correio Mercantil" e "Rua do Ouvidor".

Dono de estilo em evolução cristaliza-o nos últimos tempos, como se fôra mármore trabalhado em polícrómia de arabescos. Há resíduos dos velhos clássicos luso-brasileiros.

Pertence assim à categoria dos escribas que se lê com vivo prazer. Dizia o rabugento Sainte Beuve: há escritores que escrevem por escrever, outros que o fazem para dizer alguma coisa. Doria está nesse padrão.

Arte, crítica literária, poesia, traduções, crônicas, comentários, tudo ataca num cerrado combate para aumentar o patrimônio das letras párias. E' talvez o único compatriota mencionado com galas no "Journal des Goncourts".

Seu longo estágio na Europa, designado pelo arão de Rio Branco — que sabia escolher colaboradores — enseja relações com Jules Verne, Pierre Loti, Edmond Rostand, Maurice Rollinat.

Escrive o francês com perfeição e graça acrobática. Bastos exemplos se encontram em suas cartas no idioma de Molière, a Mme. Maupassant, a Judith Gautier e Carmen Sylva.

Devoto dos grandes, traduz, competindo discretamente com o próprio Imperador — o venerável D. Pedro II, que Deus haja — o soneto de ravers, alonga-se em Campomanor, Stecchetti, Bally Prudhomme, Heredia e ainda há tempo de insagrar bela página à "Tentação de Santo Antônio".

Respeitoso da própria inteligência, acorre ao concurso para professor do Ginásio D. Pedro II, digladiando-se com Osório Duque Estrada, José Veríssimo e outros para vencê-los. Dá-nos por fim o histórico do ginásio, obra circunspecta e exata.

Cortesão de sepulturas e não de palácios, emunha com Brício Filho no laudatório aos mortos. Conta-se que Capistrano de Abreu dera-lhe, por antecipação, o valor de uma crônica para que a leie não fizesse quando morto.

Amou Escagnolle Doria tudo que cheira mofo. Filiou-se à vetusta Santa Casa da Misericórdia, servindo aos intentos que ali se concretizam e deixa a biografia de Romão de Matos Duarte, o protetor dos expostos, além de vários perfis sobre Provedores da digna instituição da rua de Santa Luzia, que tem hoje à sua frente dois homens de temperamento piedoso: o dr. Ari de Almeida e Silva e o ministro Lafayette de Andrade.

Homem de rara coragem cívica está entre os primeiros que, no inicio da segunda guerra mundial, lembra os feitos históricos da Polônia para exaltá-los em pujante colorido.

Dedica versos à "Fuga de Nero", modelo de perfeição de forma e fundo. Deixa, em volume, pouca coisa: "Artistas de outros tempos" e "Dor". Título extravagante que se presta, na época, à sátira de iconoclastas. A exemplo de Baudelaire deixa também "Poemas em prosa".

Tal o itinerário, apenas em esboço, de Luis Gastão d'Escagnolle Doria.

Soldado das letras combateu até o fim. Soube reverenciá-las, nessa reverência muito sua que limitou nas boas páginas que escreveu, espelho de tranquila consciência no desempenho de seus deveres intelectuais.

UBALDO SOARES



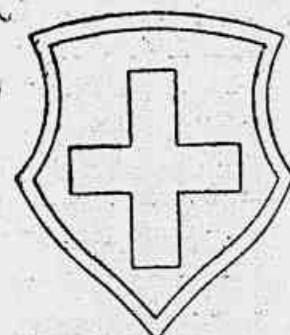
CHAPÉUS

UMA "toilette" elegante não pode dispensar o uso do chapéu. Eis aqui quatro modelos elegantíssimos criados por Leslie James, da California. Ao alto, à direita: um modelo em palha dourada, fita de tafetá riscado em preto e branco; à esquerda: "Breton" em feitro bege, com copa toda coberta de renda. Virginia Field, da Paramount, usa este modelo com um vestido preto próprio para "cock-tail". Em baixo: para uma reunião "chic" outro modelo de Virginia Field está maravilhoso. É feito em cetim preto, aba larga e reta, grande véu caindo sobre o rosto. Em feitro ou "faille" preto, é executado este modelo de James que Par Barto, da Paramount, usa. Copia drapeada, tendo ao redor um original véu branco que cai sobre um ombro.

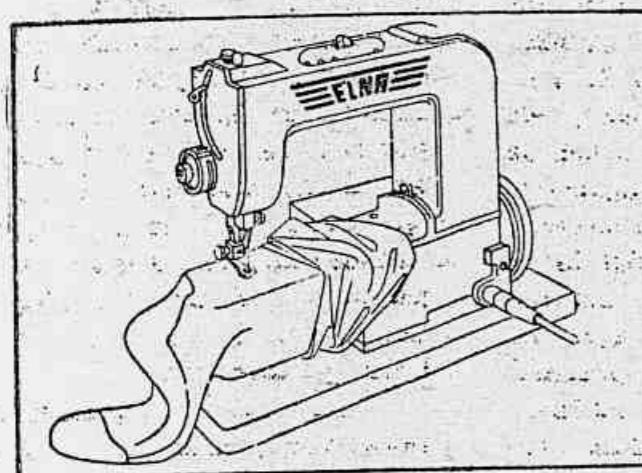


A MÁQUINA DE COSTURA MODERNA.

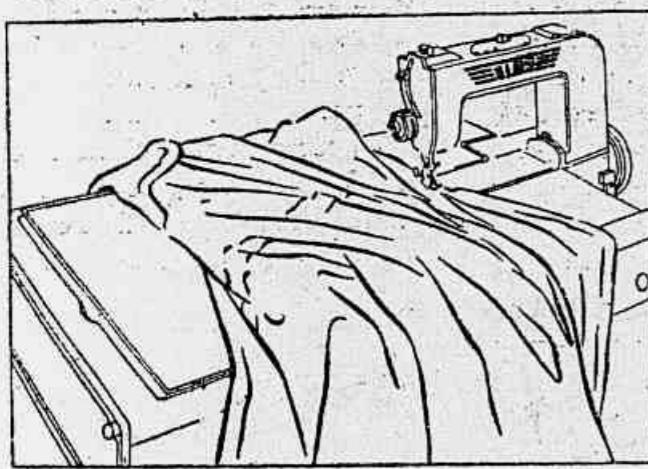
DA SUIÇA



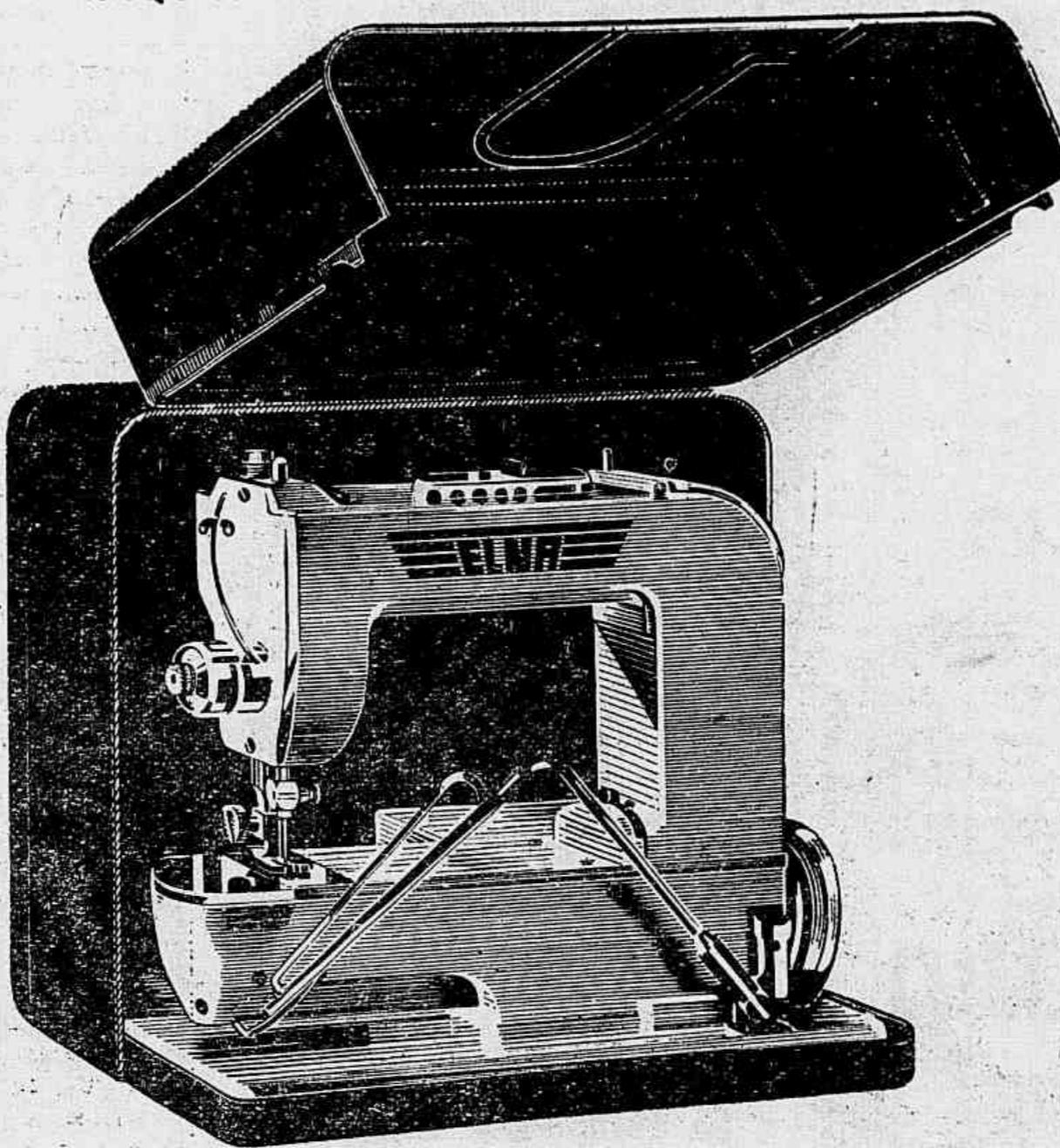
PARA SEU LAR!



Podem-se remendar meias com perfeição e rapidez, sem necessidade de acessórios. Basta enfiar a meia no Braço Livre de ELNA e fazer o trabalho.



Num instante, a elegante maleta metálica transforma-se em cômoda mesa de trabalho para costuras. Com ELNA, perfeita um belo conjunto.



PORTÁTIL — ELÉTRICA — PERFEITA!

ELNA, obra prima da indústria suíça, é a máquina de costura moderna, elétrica e portátil.

Além de novidades extraordinárias, como o famoso "braço livre", a malinha metálica transformável em mesa de trabalho, a luz embutida, ELNA apresenta outras particularidades: dispositivo especial para fixação sempre correta da agulha; posição horizontal da lançadeira, permitindo muda-la sem tirar o trabalho em execução; escala graduadora do ponto de costura e da tensão do fio; freio instantâneo, parando a máquina na posição desejada; redutor regulador de velocidade, tornando possível os mais difíceis bordados; cônico verde, para descanso da vista. ELNA costura qualquer fazenda, da mais grossa à mais fina; cose sêda e malharia; cerze meias de sêda ou de lã. Concorra para o conforto, economia e alegria de seu lar, adquirindo hoje mesmo uma ELNA.



CIA. DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Av. Calógeras, 15-23 (Prol. Graça Aranha) Tel. 32-6642
Rio de Janeiro

LOJAS ELNA

SÃO PAULO

Rua 7 de Abril, 248-252 - Tel. 4 3395

PORTO ALEGRE

Rua dos Andradas, 1538

BELO HORIZONTE

Rua Tamoios, 90 (Edifício Acaíaca)

Tel. 2-1930

Desejo receber, sem compromisso, o
"Manual ELNA" em côres.

Nome

Endereço Tel.

Cidade

Estado

Voga Publicidade

DEMONSTRAÇÕES PERMANENTES NA LOJA E A DOMICÍLIO
GARANTIA DE DOIS ANOS
VENDAS A CRÉDITO — ENTREGAS IMEDIATAS

Mais
Belera
àS PORTAS
DO
SEU LAR



**SWP PROTEGE AO PINTAR
AS ESTRUTURAS EXTERNAS
DE MADEIRA OU FERRO**

O sol escaldante ou as chuvas torrenciais — o calor e a humidade — não afetam as superfícies pintadas com a bela e decorativa SWP — a tinta perfeita para as estruturas externas de madeira ou metal, tais como portas, janelas, basculantes, grades, portões, etc.. SWP, à base de óleo, é lustrosa, forma uma superfície macia, suave, de aspecto profissional.

— E PARA MAIS BELEZA INTERNAMENTE
Kem-Tone
o acabamento mágico
para paredes internas

1 galão de Kem-Tone, diluído com água, dá um galão e meio de tinta — o bastante para transformar um aposento de tamanho médio. Kem-Tone seca em 1 hora — cobre com uma demão até papel de parede ou pinturas escuras.

1 galão Cr\$ 98,50 no Rio, e em São Paulo. Não pague mais!

À venda nas boas casas do ramo.



VERNIZES

SHERWIN WILLIAMS

RIO: RUA ANDRÉ CAVALCANTE 23, TEL. 32-2077
S. PAULO: R. BARÃO DE ITAPETININGA 121, 4.º AND.
TELS. 4-6681, 6-1229

Samba

(Continuação da pág. 26)

rein, com ares de superioridade, as pobres raparigas feias e tristes.

Neste terceiro dia da feira, o rebanho está reduzido a uma dezena de fêmeas. Os sobas e os fidalgos levaram o melhor. As que ficaram olham-se com tristeza, mas ainda põem esperanças naqueles homens pobres e exigentes, que não podem dar por uma mulher mais que uma quinda de sal.

Na véspera da feira findar, o jaga mandou oferecer aos estrangeiros retardatários cabaças de vinho de palma bastante fermentado, próprio para esquentar as cabeças. E ao cair da noite, os tambores convidaram toda a gente para o batuque.

Um velhote xinge, que andava dolido por arranjar mulher, indignou-se com o expediente do jaga, e passou horas a cobrir de injúrias a gente bângala. Ao seu lado, Samba seguiu o batuque sem interesse, que a pobre já nem de esperanças vivia. A desgraçada sabia que se um desses estrangeiros pobretanas a não levasse dali — e uma voz dizia-lhe constantemente que ninguém a queria — logo que as suas sombras se perdessem nos caminhos de regresso, ela teria de pagar com a vida o crime da sua fealdade, porque escrava bângala recusada na terceira feira é uma alma apagada, filha espúria da raça, maldição do povo, cuja vida trará castigos aos homens filhos dos deuses... Apagar da terra e da memória do povo a presença dessa mulher impura, é velha lei bângala, que os sacerdotes executam lançando o corpo que nenhum homem cobriu às águas revoltas de um rio sagrado pelos sacrifícios.

— Não vais para o batuque? — perguntou-lhe o velho.

Samba disse que não com um movimento de cabeça. O velho bebeu o último gole de vinho de palma, atirou com a cabaça para longe e encaminhou-se para a roda do batuque. Samba entristeceu mais ainda. Nem aquêle velho lhe falou de amor. Ninguém olhou para ela. Nem aquêle miserável velho, de quem as mulheres trocavam entre si, a quis. E ela pôs-se a tremer de medo, porque sentiu que se aproximava a sua hora de expiação. Está com tanto medo que já não pode sustar as urinas, nem abafar os suspiros angustiosos que lhe alteiam os seios marcados de bexigas, feios e repugnantes. Samba sabe que vai morrer e tem medo, um medo pavoroso que mergulhou a sua alma numa noite de angústia.

De madrugada, um moço abeirou-se da fogueira e sentou-se em frente de Samba.

— Por que não foste dançar?

A rapariga encolheu os ombros. E como ele a olhasse nos olhos, ela baixou os seus para o braceiro e, a meia voz, perguntou-lhe:

— De onde és?

— Sou lunda — disse ele, e aproximou-se mais da mulher.

Conversaram durante muito tempo. Depois, ele levou-a para o capinzal.

Amanhecia. Os galos cantaram.

— Toma — disse o lunda, entregando a Samba a sua faca. — Logo, quando eu voltar para ires comigo, torna a ser minha.

Ela sorriu e acompanhou-o, primeiro com os olhos deslumbrados de alegria, depois com a alma transbordante de esperança.

Quando o sol inundou os fundos de Cassange, a voz cava dos tambores encerrou a feira.

— E' aquela — disse uma bângala, apontando para Samba.

A rapariga, que estava acocorada ao pé do fogo, ergueu-se de um salto e fitou os homens que se aproximavam. Eram os velhos sacerdotes que a vinham buscar para o sacrifício.

— Não, não! — gritou ela, os braços atirados para a frente. — Ele volta logo.

Os homens pararam e entreolharam-se, e, depois de trocarem algumas palavras em voz baixa, um deles dirigiu-se à mulher e perguntou-lhe:

— Quando é que ele volta?

— Logo, quando o sol for para Cassange.

O velho meneou a cabeça.

— Esperemos até logo — disse um ou-

tro. — Mas como é que tu sabes que ele vem?

— Deu-me isto para guardar — e Samba mostrou-lhe a faca. E acrescentou, sorrindo: — Vês como ele volta?

Deixaram-na sozinha a viver a sua última esperança.

Ao entardecer, com os olhos magoados de tanto olhar para os longos chamejantes de sol, por onde serpenteiam os atalhos que vão para a Lunda, Samba abeirou-se de uma fogueira que ficava à beira do abismo — farol que ela tantas vezes vira tremeluzir ao errar seus passos de mulher triste no terreiro da aldeia do jaga. E dalli, acocorada ao pé da fogueira, viu o sol estourar em labaredas sobre a terra baixa de Cassange. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e o coração apertou-se-lhe até a dor. E só então se convenceu de que a lunda nunca mais voltaria.

A noite fechou-se.

— Vamos — disseram ao seu lado. Samba ergueu-se num pulo, olhou aterrada para os velhos sacerdotes e largou-se a correr pelo terreiro, à beira do abismo.

— Agarrem-na, agarrem-na! — gritaram de todos os lados.

Ela viu cem braços estenderem-se à sua frente, e sentiu como, dentro da sua cabeça entonteida, o vozejar colérico dos seus perseguidores. E correu mais, sempre mais, à toa, saltando sobre fogueiras, ferindo-se ao roçar-se pelas árvores, machucando o corpo de encontro às cubatas e de cair aqui e ali. Mas não sentia a mais pequena dor. Exausta, parou à beirinha do covão, de costas voltadas para o abismo, em frente dos seus fúriosos inimigos.

— Ele volta! — gritou Samba, com a boca a espumar e os olhos cheios de terror.

Uma gargalhada reboou sobre a sua cabeça. Os braços dos homens estenderam-se para o seu corpo, coberto de suor e de sangue. Viu o riso feroz desses homens e todo o seu sên estremeceu de horror. E, logo, a sua alma se abismou em profunda angústia. E quando a mão de um velho a tocou no ombro, todo o seu corpo vibrou como se fosse picado por agulhas de gelo e de fogo, deu um salto para trás e desapareceu no abismo. No espaço ficou um grito.

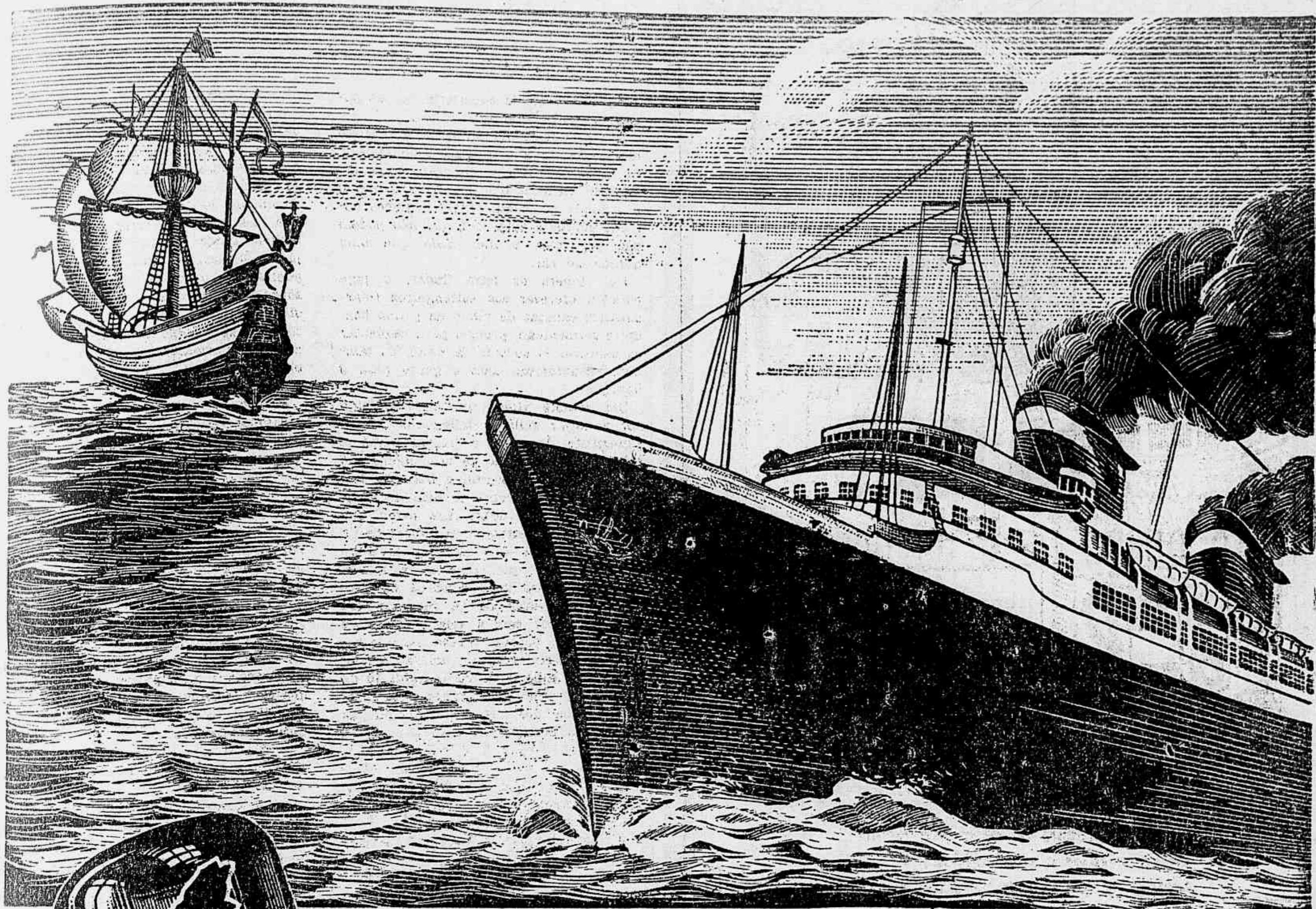
A vida de Moisés

(Continuação da pág. 25)

lhes uma alma viva. Tinha de dar-lhes um novo código de moral e um novo corpo de leis. Chefe nato que era, sabia que o melhor meio de conseguir tal coisa era empolgar-lhes o espírito ingênuo com uma cerimônia portentosa em meio de um cenário natural impressionante. Escolheu para este fim o Monte Sinai. Com os seus cinco picos de granito que se erguiam acima das nuvens, as estrondosas avalanches de areia branca, e os penhascos que pareciam reverberar o riso e os altíssimos mandamentos de Deus, era aquêle um púlpito adequado, sobre o qual reunir céu e terra em mais íntima comunhão.

Ali, pois, Moisés promulgou o seu semi-bárbaro, semi-sublime código de ética, que vem guiando e desnorteando a humanidade até hoje. A despeito de algumas crueldades e frequentes inconsequências pueris, é uma das primeiras tentativas históricas para incutir no coração do homem princípios humanitários. A recomendação de exigir ônus por ônus é o que poderíamos esperar de um homem apenas emergido da selva. Mas o preceito de benevolência para com o pobre e compaixão para com o estrangeiro quase excede o que estamos acostumados a esperar, na atualidade, dos homens que se dizem civilizados. Ainda é uso escarnecer dos infelizes e desprezar os forasteiros. Uma das legendas sobre a vida de Moisés pinta-nos Deus a derramar lágrimas quando entregava o seu Evangelho no Monte Sinai. «Por que chorais?», perguntou Moisés, espanhado da tristeza divina em tão festiva ocasião. E Deus respondeu: «Tu, Moisés, vêsunicamente que estou dando o meu Evangelho à humanidade. Mas eu, meu filho, vejo o que a humanidade fará com o meu Evangelho. Deus —

(Continua na pág. 50)



A MARCHA DA CIÊNCIA

Qual dos dois V. escolheria para uma viagem à Europa? Sem dúvida que o moderno transatlântico, capaz de fazer a viagem em poucos dias e dotado de todo o conforto e segurança.

Prefira também, ao comprar o seu rádio, um aparelho provido dos mais novos aperfeiçoamentos técnicos. As válvulas Philips *Miniwatt*, de múltiplas funções, valem por 3 válvulas comuns. Não julgue portanto um rádio pelo número de válvulas que tem, mas sim pelo tipo das válvulas empregadas.

Válvulas modernas para rádios modernos.



PHILIPS

Miniwatt

A VÁLVULA DE MÚLTIPLAS FUNÇÕES

A vida de Moisés

(Continuação da pág. 48)

continua a lenda — concedeu a cada um de seus filhos, juntamente com o Evangelho, dois anjos orientadores: um para lhe dar sabedoria à mente, outro para lhe trazer paz ao coração. «Mas até o presente os loucos filhos da terra não aprenderam nem a sabedoria nem a paz».

VII

A Bíblia, tal como a conhecemos hoje — dizem-nos — não é a Bíblia original que Deus apresentou a Moisés no Monte Sinai. Essa Bíblia original (a versão primitiva dos Dez Mandamentos), Moisés destruiu-a, na sua ira, quando viu o povo prosternado aos pés do Bezerro de Ouro. A religião pura estava além da compreensão do espírito humano egoista. Moisés foi compelido a revisar os seus ensinamentos e trazê-los das alturas do Sinai ao nível da compreensão humana. «A primeira Bíblia foi escrita no alto, sobre a safira do céu; a segunda foi escrita em baixo, sobre o granito da terra.... A primeira Bíblia falava a linguagem de Deus; a segunda fala apenas a linguagem do homem».

No entanto, o código de Moisés, adaptado, como o era, às imperfeições do coração humano naquele período primitivo da sua história, representava uma base sólida para os ensinamentos posteriores, e mais avançados, dos profetas. Essa base mosaica da religião dos profetas levava o propósito de temperar a justiça com a clemência. «Eu, o teu Senhor Eterno, não sou apenas um Deus de Vingança, mas um Deus de Piedade». Moisés via na compaixão uma parte integrante do sentimento religioso. «Devolvérás ao pobre o seu penhor ao anotecer, para que durma nas suas vestes». Recomendava bondade com os trabalhadores e servos. «Se um homem ferir o seu servo, deve dár-lhe a liberdade como reparação do mal causado». E dispunha a emancipação de todos os escravos ao fim de seis anos de servidão. «Ao sétimo ano deixarás o teu escravo ir em liberdade, e em dádivas. Pois foste escravo na terra do Egito, e o Senhor teu Deus te resgatou».

Acima de tudo, Moisés procurou suavizar o egoísmo humano com o bálsamo da caridade. «Quando colheres o produto das tuas terras, não ceifarás inteiramente os cantos do teu campo, nem levarás a respiadura da tua safra. Deixa-la-ás ao pobre e ao estrangeiro, à viúva e ao órfão. Pois o Senhor teu Deus ampara o órfão e a viúva, e ama o estrangeiro... Também tu foste estrangeiro na terra do Egito».

Toda a doutrina de Moisés pode ser resumida num preceito único — uma fórmula que serviu para o seu tempo como uma versão primitiva da Regra de Ouro do Mestre. Amarás ao próximo como a ti mesmo.

VIII

Diversas vezes — conta-se — a vida de Moisés esteve em perigo. «Pois a raça que ele procurava salvar se encorajava contra o seu salvador». Moisés não era profeta para os da sua geração. Enquanto ele tinha as vistas fixadas na Terra de Promissão, os olhos dos seus companheiros não cessavam de se voltar para a vida de fartura que levavam no Egito. Preferiam a vilipendiada segurança da servidão à nobre incerteza da luta pela liberdade. Não queriam — Moisés queixava-se que não mereciam — ser livres. Começaram a conspirar contra o homem que pretendia redimi-los. A princípio, contentaram-se com a simples difamação. Criticavam-lhe todos os pensamentos e ações. Se se levantava cedo, diziam: «Levanta-te com o sol a fim de obter para si o melhor maná». Se se levantava tarde, motejavam: «Está doente por ter comido muito maná». Se, humilde, se mantinha apartado, queixavam-se de que era soberbo de mais para procurar a sociedade dos seus compatriotas. Mas se,

levado pelo desejo de convivência, ia para o meio do povo, trocavam: «Vejam como vem pedir de joelhos o nosso aplauso».

Depois passaram da difamação à acusação. Acimaram-no de incitar classe contra classe, plebeus contra nobres, pobres contra ricos. Ameaçaram expulsá-lo. «Não queremos mais chefes!», exclamavam. «Pois tu, nosso chefe, nos traieste. Tiraste-nos as alegrias do Egito, o sustento certo. Mentiste-nos com a tua Terra da Promissão, que nunca veremos, que é um sonho só existente na tua cabeça!».

E ameaçavam matá-lo se não os conduzisse de volta ao Egito. Moisés, porém, fez frente aos acusadores. Respondeu-lhes às ameaças com a paciência, e «às pedras com o pão do perdão». O Senhor, disse, havia de perdoá-los. «Pois os vossos gritos são gritos de cólera e de dor; e o que um homem diz na sua cólera ou na sua dor, a tais palavras o Senhor não dá ouvidos».

Entretanto, nos momentos de amarga soledade, Moisés não achava em seu coração capacidade para perdoar. «Eles não merecem a Terra Prometida, nem esta geração, nem a geração de seus filhos. Pois como levar a luz a quem não tem olhos para ver?».

E Deus — continua a legenda — observava os pensamentos secretos de Moisés, e se enfadava.

IX

Por fim, a velha geração morreu no deserto; a geração nova estava pronta para entrar na Terra Prometida. Mas essa terra não era para Moisés. «Chegou o momento», disse o Eterno, «em que deves deixar a vida».

Moisés, porém, implorou ao Eterno: «Deixa-me antes conduzir o meu povo a Canaan; então estarei pronto para morrer».

E novamente o Eterno respondeu: «Não».

«Se não posso entrar em Canaan como chefes, insistiu Moisés, «então deixa-me entrar como o mais infímo dos comandados».

E novamente o Eterno respondeu: «Não».

«Se não posso entrar vivo, deixa-me entrar morto. Que os meus restos descansem na Terra Prometida.»

Mais uma vez o Eterno sacudiu a cabeça:

«Não podes entrar, por causa dos teus pecados.»

Moisés, ao ouvir isso, espantou-se.

«Pequel, então, contra Deus?»

«Não, mas peccaste contra o homem. Duvidaste da sua fome instintiva de luz... O homem é covarde, bestial, invejoso, lascivo, mentiroso, infiel, sanguinário e perverso. Entretanto, quem és tu mesmo, senão um homem? E se tu comprehendestes os meus preceitos, por que duvidas que os teus semelhantes um dia os venham a compreender?»

«Mas tardam tanto a aprender!»

«Têm toda a eternidade para isso. Os homens devem ser pacientes; e Eu, o Deus de Misericórdia, também seréi paciente.»

Quando Moisés ouviu estas palavras — conclui a história dos rabinos — resignou-se a morrer. Pois conheceu então que a Terra Prometida não é Canaan, mas o mundo inteiro — a perpetua escola de justiça, clemência e amor.

«E o Eterno depositou Moisés docemente no chão e recolheu dos lábios do profeta a sua alma. E Moisés morreu no beijo do Senhor.»

Tal é a imagem idealizada e um tanto sentimental de Moisés, como nos foi transmitida pela Bíblia e as legendas talmúdicas. Examinado à luz do realismo moderno, Moisés se nos antolha, mais prosaicamente mas não menos heróicamente, como um homem que realizou um dos milagres da história. Levou para o deserto os restos desorganizados de uma raça moribunda. Tirou do deserto uma nação unida que se recusa a perecer.

(Do livro «Vidas dos grandes capitães da fé»).

PARE!
A QUEDA DE SEUS CABELOS
USANDO
PETROLINA MINANCORA
OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

COM 1948 CHEGOU O NOVO
CONJUNTO
TIPO AMERICANO
PARA COPA E COZINHA
KITNEVE
INDUSTRIAS NEVE LTDA. Rua Rosa e Silva, 74 — Fones 5-1311 e 5-1322 — São Paulo
"VENDAS E EXPOSIÇÃO NO RIO DE JANEIRO"
CIA. AUTO-LUX IMPORTADORA — Av. Copacabana, 218-A
LOJAS MURRAY S/A — Rua Rodrigo Silva, 18
ÚNICO REPRESENTANTE — A. BLUM SOBRINHO — 42-2455
RUA DO CARMO, 6 — 10º AND. — SALAS 1.009/1010

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

NUM PAÍS VASTO...

**A DISTÂNCIA
É O PRIMEIRO OBSTÁCULO
A SER VENCIDO**

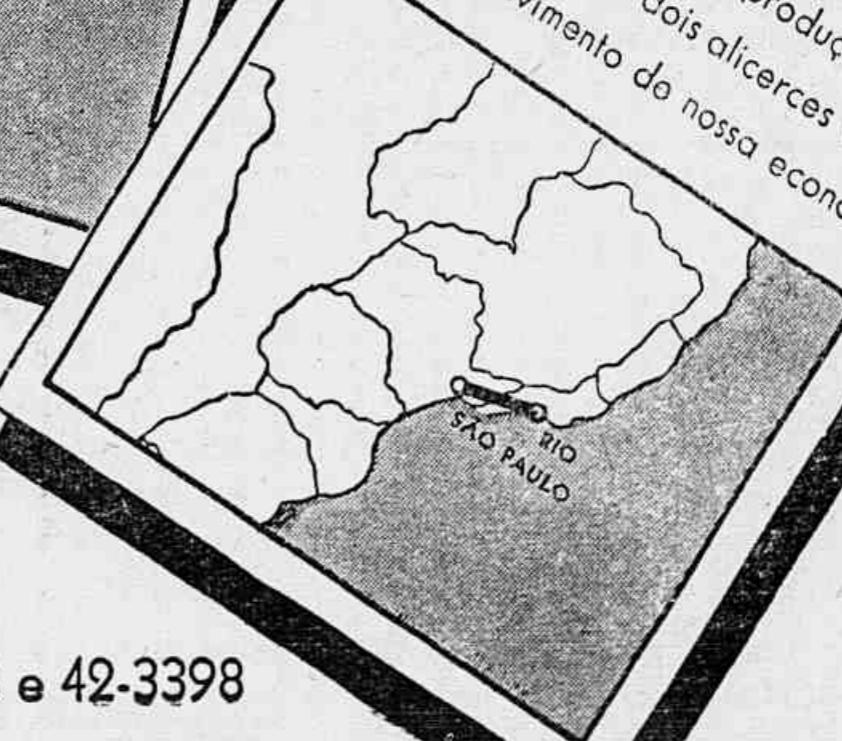
O litoral é uma zona bem desenvolvida de nosso território, onde se concentra a maior percentagem de nossa população. A L. A. B. põe em comunicação os seus principais núcleos de atividade, com um transporte rápido e regular.



Aproximando o Brasil do fértil planalto do Triângulo Mineiro, a L. A. B. coloca as riquezas aí contidas em condição de serem melhor exploradas e aproveitadas, fornecendo maiores oportunidades para os seus progressistas habitantes.



A L.A.B. mantém duas linhas diárias que contribuem para a melhoria das comunicações entre Rio e São Paulo, os dois maiores centros de produção e consumo do Brasil, os dois alicerces básicos do desenvolvimento da nossa economia.



LINHAS AÉREAS BRASILEIRAS

Agência: R. Santa Luzia, 305 (Edif. Casa do Estudante) Tel: 42-3388 e 42-3398

UM pianista famoso confessou-me, certa vez, que nunca mais aceitaria convite para jantar em casa onde houvesse piano.

— E' uma verdadeira armadilha, explicou. Uma espécie de chantage! E não se pode protestar. Primeiro, convidam o artista para uma refeição. Se é educado, naturalmente declara que apreciou muito todos os pratos. Minutos depois, a dona da casa sugere que ele toque alguma coisa... Como recusar, sem indelicadeza? Pelo amor de Deus, não publique isso! Vão me acusar de egoísmo. Dirão que eu sou mercenário... Mas, afinal de contas, se o sr. convidasse um engenheiro para jantar não esperaria que, em retribuição, ele lhe construisse uma casa de graça, não é? Pois, com o artista é diferente; este tem, sempre, que pagar muito caro qualquer gentileza...

Não poderia, sem violar a confidencialidade, citar o nome dessa vítima rebelada. Mas a história é antiga. Chopin viu-se, mais de uma vez, em situação idêntica. Burin conta, no Livro de Ouro das Anedotas, que, certa vez, o compositor esquivou-se, ante a insistência de uma anfitriã, com a seguinte observação:

— Mais, minha senhora, eu comi muito pouquinho...

Se lhe exigiam música em troca de alimento, como era evidente, pela atitude dos que o cercavam, tinham que levar em conta que, afinal, ele não consumira quantidade suficiente para se tornar devedor de um concerto gratuito...

PIOR A EMENDA...

Van der Velde refere-se, porém, a outro episódio ocorrido com Chopin.

Foi no castelo de Nohant, onde George Sand reunia literatos e músicos. Chopin era pessoa da intimidade da escritora e pôde, assim, naquela ocasião, tomar o lugar do anfitrião que não hesita em explorar, em seu proveito, o talento dos convidados. Liszt estava presente e Chopin pediu-lhe que o ajudasse a entreter os presentes. Liszt, para não deixar mal o amigo, dispôs-se a interpretar um noturno d'este. Como os virtuosos da época, porém, a fidelidade era sua menor preocupação.

Desta maneira, o noturno que se ouviu foi, mais propriamente, uma colaboração do que uma execução pura e simples. Quando estava pela metade, Chopin, horrorizado, interrompeu-o:

MÚSICA

CONCÉRTO DEPOIS DA SOBREMESA... — PIOR A EMENDA — "O INCOMODADO AQUI SOU EU!" — COMO CONVERSAM OS GÊNIOS — A "EXECUÇÃO" DE BERLIOZ

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

— Pelo amor de Deus, se você quer compor um noturno está certo! Mas, por favor, não desfigure uma obra minha! Só Chopin tem o direito de alterar o que Chopin compôs!



OS INCOMODADOS...

Brahms, por sua vez, excelente pianista, sofreu muito nas mãos dos anfitriões. Maior tortura, porém, para ele, era, como no caso de Chopin, ouvir... ouvir obras suas deformadas por jovens artistas. Tinha sempre uma desculpa. Quando alguém se oferecia para tocar, ele ia dizendo:

— Teria grande prazer em ouvi-lo, mas meu piano está desafinado!

Um dia, todavia, encontrou quem o retrucasse:

— Ora, isso não me incomoda absolutamente. To-carei assim mesmo!

Diante disso, Brahms, irritado, exclamou:

— Não incomoda ao sr., mas incomoda a mim; e é quanto basta!

COMO CONVERSAM OS GÊNIOS...

Tem-se a impressão de que esses homens célebres achavam incômoda a sua fama... E é verdade. Mas, se lhes faltasse a consagração, eles reclamariam da mesma forma...

Certa vez, Goethe encontrou-se com Beethoven e saíram os dois a passeio, numa carruagem. O povo, vendo-os passar, cumprimentava-os e comentava, orgulhoso, que, afinal, só um grande país podia ostentar dois gênios, assim, de braço dado, à vista de todos... Goethe, porém, cansado de tanto agradecer, em agradecimento às reverências, observou:

— E' muito incômodo a glória... Todos me saudam.

Beethoven, sem hesitação, respondeu:

— Ora, não se preocupe. Não é o sr. que é cumprimentado...

UMA BELA "EXECUÇÃO"...

Quando Berlioz foi homenageado com um grande concerto cujo programa era constituído somente de obras suas, ouviu tudo em silêncio, sem comentários, agradeceu, secamente, e, pretextando cansaço, retirou-se cedo, deixando seus admiradores um tanto desapontados.

Chegando em casa, perguntaram-lhe se apreciara a execução de sua música...

Com um suspiro desconsolado, Berlioz disse:

— E'. Foi isso mesmo. "Executaram" a minha música. Mataram-na, "assassinaram-na". Mas que crime ela terá cometido?

A porta do bar foi ficando cheia de curiosos.

— Já não disse que não quero cavalo aí?

— Clodô, você não está besta, não?

— E' que sou investigador e não quero mais isso!

— Que investigador, qual nada, isso é bagagem!

Nisto Clodoaldo olhou para a porta do bar, cheia de gente. Precisava mostrar que mandava. Estava em jogo o prestígio.

E ia avançar para Totonho quando este se desvencilhou e passou o pé no investigador.

No chão, Clodoaldo tentou levar a mão até o bolso traseiro; pressentindo o gesto, Totonho arrancou-lhe a arma e na luta deu uma coronhada no adversário.

Acorreram alguns e socorreram o agente policial com a testa ensanguentada.

E relataram ao Zé Totonho as qualidades que investiam o Clodô, velho amigo a quem ele sempre pagava um licor quando vinha a Capim-Mirim.

O celeiro ficou boquiaberto, e sem poder desfazer o ferimento, ainda declarou:

— Por que você não avisou logo que era autoridade?

MÃES E FILHOS...

(Cont. da pág. 37)

violência do ambiente e seu caráter violento e mal formado.

Atentem-se maeas que por acaso lerem esta crônica; se a criança é de índole dócil a ação persuasiva de poucas, insisto em que sejam poucas, e energicas palavras bastará para que se eduque; se for, no entanto, difícil de educar não será a violência física que obterá melhores resultados; ela só poderá imprimir na sua memória a cólera, o mau humor, o sofrimento, a brutalidade e tudo mais que são o negativo da ação educativa em si mesma.

ZOLA DE LAET

A AUTORIDADE

alegre, leal pagador de bebidas e partidas de bilhar. Vinha suado, num trote só, da fazenda de Três Barras para mostrar o valor da montaria. E ia amarrar o alazão na árvore defronte quando Clodoaldo berrou:

— Aí não é lugar para amarrar animal. Isto aqui não é cocheira.

Zé Totonho teve um estremecimento: de quem eram aquela voz e aquela ordem?

E pensando num gracejo continuou a dar o laço no tronco da castanheira.

Clodoaldo dirigiu-se para o recém-chegado.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

Carmen Miranda está na Metro!

(Cont. da pág. 18)

men loura, o que, aliás, não foi má ideia, uma vez que o resultado foi bom.

Além dos cabelos louros, Carmen renova os seus elevidíssimos penteados, idem saltos, estilizadíssimas baianas, trajes espetaculares e o físico também, é preciso que se note. Sua plástica está cada vez mais perfeita. Prestem atenção! A história é uma tremenda barafunda causada por Groucho, que se mete a empresário de Carmen Miranda, a famosa brasileira... Mas a sua pupila não passa de uma impostora, uma tal de nille. Fifi, cheia de dedos e de véus... O bigodudo arranja uma boa confusão e acaba conseguindo exibir a pupila no conhecido Copacabana, "night club" de Nova York. A intriga gira justamente em torno das atividades de nille. Fifi neste clube noturno e das tapeações do astuto "empresário". Carmen canta e dança vários números típicos como "sul-americanos" e comparecem as quatorze "Copa Girls", todas muito bonitinhas e muito boazinhas... Gloria Jean canta uma canção. Está bem crescida e graciosa mas um tanto morta...

Agora, vamos falar um pouco de "A Date With Judy". Não. Vamos deixar isso para o fim e tratar primeiro de Carmen, que há algum tempo não se dirige aos compatriotas. Como todos sabem, Carmen continua a ver uma verdadeira embaixatriz do Brasil nos Estados Unidos. Isto, do ponto de vista americano, pois do brasileiro ela é mais consulesa do que embaixatriz, tal o carinho com que atende a todos os compatriotas que vivem ou passam nos Estados Unidos. A casa de Carmen continua a ser um reduto genuinamente brasileiro, mesmo com a presença de Dave Sebastian, o atual "chefão" da família. Dave, como nós dizemos, é o tipo do "boa praça", e faz o possível por se "carioquizar" ao máximo. Se não o fizesse também por outras razões, bastaria o amor que tem pela morena brasileira para transformá-lo... uma razão pra lá de forte!

Dave Sebastian está aprendendo ferozmente o português, pois não quer ficar atrás da esposa, que hoje fala um inglês perfeitamente... americano. Carmen continua no seu regime de muito trabalho, muita comida e o máximo de repouso que lhe permite o primeiro. Sua diversão predileta continua a ser... repouso. Fora da família continua sua grande amizade com Alice Faye, amizade que vem desde a sua chegada aos Estados Unidos. Continua a gostar imensamente de trabalhar em filmes, embora adore uma voltinha pelos palcos e "boites" sempre que lhe seja possível.

Na Fox, Carmen fez ao todo nove películas, cujos títulos devem estar na lembrança de todos os seus admiradores do Brasil. Saiu da Fox para uma grande tur-

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulências, hemorroidas, dispesia, vertigens, constipação, incideão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espasmos no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-os. Desinfetam o tubo entero-intestinal. Expulsam os gases e descongestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos, ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham, por amiga ou rebelde que seja à sua moléstia.



DA VIDA NADA SE LEVA...

A todos os homens e mulheres deslindados de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as agradáveis Pilulas Maratu, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da astenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratu são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuama (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias e que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma leve depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratu é saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma sensação natural e sadias. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor suave.

NICOTAN
CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

No Rádio...

(Continuação da pág. 16)

túdios da B.B.C. O rei Jorge, da Grã-Bretanha, Winston Churchill, Clement Attlee já se fizeram ouvir através da famosa emissora. Quanto aos artistas famosos, que participaram dos programas da B.B.C., o seu número é tão grande, que toca às raias do inacreditável...

O FUTURO DA B. B. C.

Durante horas consecutivas percorremos os estúdios da B.B.C. e falamos com centenas de empregados, dos onze mil, que são originários de centenas de países da terra. Falamos, também, com os seus chefes. São homens que sabem quão grande é a sua responsabilidade perante a humanidade com relação à função que exercem. Deles, muitos trabalharam em prol da paz, quando a humanidade, subjugada e desesperada, tanto necessitava ao menos de uma palavra de consolo, duma voz animadora. Essa voz vinha, de Londres, atravessando o espaço, único lugar que as forças do mal não conseguiram conquistar. Um ex-comandante dos "Maquis" contou-nos em Paris que todas as noites, na "Cidade Luz" emporcalhada pelas botas nazistas, quando algum escondido ouviram as badaladas do Big Ben, através da B.B.C., respiraram aliviados e disseram uns para outros: — "Londres está de pé! Londres resiste! Enquanto ouvirmos os sinos do Big Ben, podemos confiar na nossa libertação".

O Big Ben continua marcando as horas. A B.B.C. continua transmitindo diariamente as suas badaladas. O mundo livre as ouve, sempre à mesma hora. Vibram no espaço, atravessam o Cosmos, estão sempre presentes em toda parte. Logo em seguida, o clássico prefixo: "This is London Calling, B.B.C."... E' a voz da democracia, da liberdade, do direito do homem. E' a voz que trabalha pela paz, exatamente como durante muitos anos de destruição e morte trabalhava em todos os setores para a conquista dessa mesma paz. Esta é a sua única finalidade no momento que passa, esta também será a sua finalidade de amanhã.

NOVIDADES DE HOLLYWOOD

Quando uma atriz ama de verdade o marido, nem os planos do estúdio nem interrupções na carreira conseguem afastá-la do seu homem. Ella Raines é uma das atrizes de Hollywood que já decidiu o que vem primeiro: se a carreira ou o esposo. E parece que a carreira levou a pior... Há algum tempo Ella foi obrigada a deixar o querido, major Robin Olds, após curta lua de mel de dois meses. Agora, depois de seis semanas de trabalho com William Powell em «The Senator Was Indiscreet», da Universal-International, Ella partiu de Hollywood antes mesmo que o produtor Nunnally Johnson visse as suas últimas cenas filmadas. Por que? Ora... saudades terríveis do major, que estava na Florida, entregue às suas funções de piloto de aviões a jacto, membro ativo que é da Força Aérea Americana.

«Rogues' Regiment», uma nova e dramática história sobre a moderna Legião Estrangeira Francesa, «script» de Robert Buckner, irá para

a tela por intermédio da Universal-International. Buckner, que redigirá o cenário e produzirá o filme, já submeteu um ligeiro esboço do mesmo a Burt Lancaster, que terá um dos principais papéis, e já anunciou Edmond O'Brien para outro. Também Brian Donlevy e Victor Mac Laglen talvez sejam incluídos no elenco. Como vemos, será um elenco pesado...

— A cena do julgamento de «O segredo da porta fechada» (Secret Beyond the Door), da Universal-International, na qual Michael Redgrave aparece como promotor, advogado de defesa e juiz perante um júri de doze Redgraves, é tida como alta novidade cinematográfica e verdadeiro triunfo fotográfico.

— A Universal-International fechou negócio com Fredric March e Florence Eldridge (sra. March) para um novo filme, «The Judge's Wife», a ser feito logo após o término de «Another Part of the Forest» e antes da partida dos dois para a Inglaterra, onde farão «Cristóvão Colombo», para J. Arthur Rank. «The Judge's Wife», que já deve estar em filmagem, tem Fredric March e Florence Eldridge em papéis de marido e mulher, tal como aparecem em «Another Part of the Forest», que conta ainda com a colaboração de Ann Blyth, Dan Duryea, Edmond O'Brien, John Dall e Donna Drake.

— Rachel Kempson, «estrela» do teatro e cinema ingleses, está fazendo a sua estréia no cinema americano em «A Woman's Vengeance», da Universal-International, com Charles Boyer, Ann Blyth, Sir Cedric Hardwicke e Jessica Tandy. Rachel Kempson é esposa de Michael Redgrave, «astro» inglês, cujo primeiro filme em Hollywood é «O segredo da porta fechada», também da U-I, com Joan Bennett.

— Ann Blyth, a mais rápida ascensão feminina de Hollywood, foi escolhida para o papel de sereia em «Mr. Peabody and the Mermaid», película de Nunnally Johnson para a Universal-International com um elenco encabeçado por William Powell. Para este papel Ann Blyth terá a cabeleira oxigenada ao máximo. Que pena!

— Paule Croset voltou a Hollywood após uma excursão de cinco semanas por vinte e duas cidades americanas. Essa excursão foi para a publicidade de «O exilado» (The Exile), película escrita, interpretada e dirigida por Douglas Fairbanks Jr. para distribuição U-I, na qual Paule Croset estreia no cinema com um dos principais papéis. «O exilado» marca a primeira aventura de Douglas Jr. no gênero. Se o filme não prestar, a culpa não terá dificuldades de escolha...

— Douglas Fairbanks Jr. completou negociações para a permanência da sua firma produtora nos estúdios da U-I. Ao mesmo tempo Douglas anunciou que «The O'Flynn», romance de Justin Huntly McCarthy, foi escolhido para seu segundo filme, a ser feito logo que Doug regresse da Fox, onde está co-estrelando com Betty Grable em «Lady in Ermine».

— As quatro cruzes e duas medalhas ganhas por Wayne Morris em «The Voice of the Turtle», próxima comédia romântica da Warner Bros., foram as mesmas que ele recebeu pelos serviços prestados a bordo do porta-aviões «Essex» nos ataques navais americanos às ilhas Wake, Marcus, Iwo Jima, Okinawa e Bonin.

— Para «Os três mosqueteiros», próximo drama histórico da Metro-Goldwyn-Mayer, já foi anunciado o magnífico elenco em que formam Lana Turner, Gene Kelly, Van Heflin, June Allyson, Sydney Greenstreet e Keenan Wynn. Gene Kelly será d'Artagnan; Van Heflin, Athos; Sydney Greenstreet fará Richelieu; June Allyson será Constance Bonacieux, e Lana Turner, que devia fazer a condessa de Winter, foi sus-

CABELLOS BRANCOS

**CASPA
Queda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

Pernas que fazem parar Automóveis...

Quem assistiu a "Aconteceu naquela noite" lembra-se da cena da estrada, em que Claudette Colbert, depois de tentar fazer parar os carros que passavam, usando várias maneiros, só o conseguiu, quando mostrou suas pernas. Eis aí uma prova do quanto podem pernas bonitas e perfeitas...

A beleza das pernas da mulher tem, porém, um grande inimigo: as varizes. Para debelar esse mal, entretanto, existe Hemo-Virtus. Com o uso desse poderoso medicamento vegetal as pernas ficam livres das terríveis varizes. Hemo-Virtus, tomado na dose de três colheres ao dia, restituí às pernas o seu estado normal e a perfeição estética. Siga as instruções contidas na bula. Para tratamento completo, use Hemo-Virtus em líquido e em pomada ao mesmo tempo. Não encontrando nas farmácias, escreva para o Depositário, Caixa Postal 1874 São Paulo.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de face "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantado à vista.

A pele que não resseca e torna-se horrivelmente secura. O Creme de face "Brilhante" permite à pele ressechar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as vergeturas e a tensão para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Face "Brilhante". Experimente-o. É um produto das Laboratórias Alexandre & Freitas.

NAO DORME BEM?

DYNAMOGENOL

VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MUSCULOS
VIDA DO CORPO

pensa pelo estúdio porque recusou o papel. Bonito!...

— Pela primeira vez em sua carreira cinematográfica, Carmen Miranda deixa de lado os chapéus e passa a se preocupar com os cabeleireiros da Metro-Goldwyn-Mayer. Carmen, em «A Date With Judy», em que aparece com Wallace Beery, Jane Powell e Xavier Cugat, só usa penteados, sem turbantes, e vestidos desenhados por Helen Rose.

— Depois de ver pronto «Fury at Furnace Creek», da Fox, Darryl F. Zanuck mandou o filme de volta aos sets com ordem de mais algumas cenas de amor entre Victor Mature.

e Coleen Gray. E os redatores do filme trataram de aprontar mais uns dez beijos entre os dois «astros», que ficaram a cerca de quatro mil dólares cada um. Coleen Gray destacou-se pelo talento interpretativo nas duas películas em que já tomara parte, «Kiss of Death», com o mesmo Victor Mature, e «Nightmare Alley», com Tyrone Power. Mas agora o estúdio deseja não só salientar o talento dramático da pequena como também a sua grande classe para o amor. Sorte dos galãs!

— Butch Tierney, o cão pastor alemão que acompanha a dona a todos os cantos, chegou há pouco por via aérea de Nova York para

acompanhá-la ao estúdio, onde ela está filmando «The Iron Curtain», com Dana Andrews. O estúdio, no caso, é o da Fox, e a dona do animal, no caso, é Gene Tierney. Butch está habituado a frequentar esses lugares, de modo que não há perigo que venha a estragar cenas com os seus latidos. E' um presente de Tyrone Power. Presente dado há três anos, é preciso que se note. Mas... será que a linda Gene anda com medo de alguém, para andar acompanhada por tal brutamontes?

— Douglas Fairbanks Jr. acaba de receber uma atenciosa carta da princesa Elizabeth, da Inglaterra, agradecendo o presente de casamento que recebeu do «astro» de «That Lady in Ermine», da 20th Century-Fox. O presente de Doug foi a quantia de cem mil dólares em alimentos, para serem oferecidos aos pobres da princesa por ocasião do seu casamento. A propósito... os cem mil dólares foram angariados publicamente para aquela fim.

— A atrizinha Natalie Wood, que já ganhou prêmios pelos seus desem-



penhos em «Tomorrow is Forever» e «Miracle on 34th Street», apesar disso continua teimando que o seu melhor papel foi em «Summer Lightning», também ainda não exibido. Suas razões são as seguintes: — Em «Summer Lightning» eu subi em árvores, ordenhei vacas, dei comida aos porcos e galinhas e pude me sujar à vontade, sem que ninguém se importasse com isso. E', a menina está com a razão.

— Dana Andrews tem o peso exato para o seu físico... ai pelos 72 quilos. Mas acontece que a Fox lhe deu ordem de cortar o cabelo bem rente para personificar um russo em «The Iron Curtain», um drama sobre a espionagem moderna... e quando ele apareceu com a «ursa» cortada, parecia ter emagrecido no mínimo cinco quilos. Logo o estúdio ordenou que ele arranasse outros cinco, para compensar os cinco que não perdera! Ossos do ofício!

— Clifton Webb resolveu há pouco tempo se mudar de Nova York para Hollywood, decidido que estava a se concentrar na cinematografia. Agora, quando a Fox está aprontando a sua parte em «Sitting Pretty», ele partiu para Nova York para três semanas de férias. Explicou a coisa assim: — Mudei-me de Nova York para ter um bom lugar onde passar minhas férias.

— Cornel Wilde relinchava com tanta perfeição que os próprios cavalos o confundiam com um dos seus. Cornel estava trabalhando numa estrebaria para uma cena de «Muralhas Humanas» (The Walls of Jericho), da Fox, quando soltou um longo e forte relincho... só para acertar a voz. E foi uma confusão dos diabos, pois meia dúzia de cavalos relincharam em resposta, dando um trabalhão para silenciá-los novamente, a fim de ser feita a filmagem. O diretor deu ordem expressa a Cornel para que, quando desejasse desembuchar a guela o fizesse como gente, isto é, puxando um pigarrinho discreto...

— Atenção! Atenção!... Depois de dois anos de casamento, Humphrey Bogart e Lauren Bacall passaram duas semanas inteirinhas ensaiando cenas de amor para «Key Largo», seu próximo filme para a Warner Bros. Se isso não é amor, digam-me o que é!

— Por falar em «Key Largo», que está sendo dirigido por John Huston, deve-se salientar que o elenco desse filme é qualquer coisa de muito prometedor para os apreciadores do bom cinema. Na frente vêm Humphrey Bogart e Lauren Bacall, em companhia de Edward G. Robinson, Lionel Barrymore e Claire Trevor. E' a 80ª película de Lionel em cerca de 33 anos de cinema e a 4ª do casal Bogart.

— A oficina de modelagem da Warner Bros. completou recentemente o maior pedido que já recebeu até hoje. Mais de cem operários

Bolo Royal da Semana

Ninguém mais que as crianças adoram bolos. Dê-lhes completa satisfação fazendo bolos esta semana e sempre, sem esperar somente as grandes datas. E como são deliciosos, fôtes e belos os bolos feitos com Fermento Royal!

BÔLO DE ABACAXI

3 ovos	
1 ½ chics. açúcar	
¼ chic. água	
1 ½ chics. farinha de trigo	
½ colh. (chá) Royal	
1 colh. (chá) baunilha	
Fatias de abacaxi	

● Bata as claras em neve e junte-lhes as gemas. Acrescente o açúcar aos poucos e depois a água e os ingredientes secos peneirados juntos. Junte a essência e bata bem. Forno de alumínio ou vidro, forrada com açúcar mascavo e salpicada com partículas de manteiga. Coloque algumas fatias de abacaxi no fundo da forma antes de deitar-lhe a massa. Forno regular durante 50 minutos. Inverta o bolo ao retirá-lo da forma e enfeite com nozes e cerejas. Sirva com creme Chantilly.

O SEGREDO DA "BOA MÃO"

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc. — Rio

GRÁTIS!

Obtenha o Cartão Royal e ganhe o "Livro de Receitas Royal"

Solicite hoje um Cartão Royal de seu fornecedor para saber como ganhar gratuitamente o famoso Livro de Receitas Royal. Ou escreva para Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



CONCURSOS

FRACASSARAM, este ano, de maneira lastimável, todos os concursos que se realizaram no meio musical, com melodias carnavalescas. Deram todos êles resultados verdadeiramente escandalosos, a começar pelo que a Prefeitura instituiu e terminou premiando a marchinha "Tem gato na tuba", deixando para segundo lugar o famoso samba "Não me diga adeus", em outro qualquer lugar o "Enlouqueci", e, desclassificado, o "E" com êsse que eu vou", todos três popularíssimos e escolhidos pelo povo no último folguedo de Momo.

No América F. Clube realizou-se um concurso que deu o primeiro lugar a samba "Bom crioulo", uma composição que nem se ouviu falar durante o carnaval e que venceu, no certame, todas as melodias preferidas pelo povo que a ele concorreram também...

Um outro concurso realizado pela Rádio Guanabara, apresentou o seguinte escandaloso resultado: 1.º lugar: "Gostoso", marcha que ninguém sabe se existe; 2.º lugar: "Não me diga adeus"; 3.º, "E" com êsse que eu vou"; 4.º, "Esquecimento", etc.

Ainda um outro instituído pela Rádio Clube do Brasil apresentou resultado mais que vergonhoso, depois de deprimentes confusões criadas pela desonestade de alguns concorrentes.

Enfim, não houve meio de se realizar no Rio um concurso de músicas populares que apresentasse um resultado digno de crédito. Quando êsses concursos são instituídos por emissoras, em geral servem sómente para dar lucro a esas emissoras; quando há comissão julgadora, a comissão protege sempre alguém; quando e por votos, o resultado é mais escandaloso ainda, porque há sempre um comprador de sambas endinheirado que adquire toda espécie de votos e termina por obter o primeiro lugar com uma qualquer melodia inexpressiva e cretina.

Só se poderia conseguir um resultado honesto se se premiassem a música mais cantada nas ruas durante o reinado de Momo. E dizemos que esse resultado deveria ser apurado "nas ruas", porque nos clubes são os chefes de orquestras que determinam as músicas que devem ser executadas, e, nas emissoras, são os discotecários programadores. Afora isso, o resultado tem de dar sempre em confusão...

NESTOR DE HOLANDA

QUANDO FALA O CORAÇÃO

Samba-Canção de Paulo Gesta e Francisco Carlos.

Voltaste para mim, querida,
em busca de uma reconciliação.
Chorando, pedindo perdão, é tarde,
eis a resposta que te dá meu coração.

II

Amor,
não refletiste um momento.
Perdemos, enfim, tanto tempo
si tu sofreste eu sofri...
Agora, já existe a separação,
entre nós tudo acabado
quem fala é o meu coração.

VOLTARAS AO MEU CAMINHO

Valsa de Paulo Gesta e Antonio Bochner (Antônio Bochner). — Gravada em Disco Odeon por ALCIDES GERARDI.

Do nosso amor, perdi toda a esperança...
Nada resta, nem mais uma ilusão...
Juro que risquei meu nome da lem-
braça

E apaguei a tua imagem do meu co-
ração...

Não consigo, mesmo assim,
Esquecer quanto eu te quis...
Tanto, tanto que tentei
Te ver feliz...
Tu foste para mim, mulher fingida,
Aquele por quem eu
Daria a própria vida!
Mas, espero que um dia,
Voltarás ao meu caminho,
A pedir arrependida
O meu carinho...
E então irei te confessar
Que é tarde, muito tarde,
Para recomeçar...

BONITA

(Bolero)

Letra de J. A. Zorrilla — Música de L. Arcas.

Bonita, como aquellos juguetes
Que yo tuve en los días
Infantiles de ayer
Bonita, como el beso robado
Como el llanto llorado
Por un hondo placer.

La sinceridad de tu espejo fiel
Puso vanidad en ti
Sabes mi ansiedad y haces un placer
De las penas que tu orgullo
Forja para mi.

BONITA

*pedazos tu espejo
Para ver si así dejo
De sufrir tu altivez.*

I CRIED FOR YOU

*Fox cantado por Helen Forest, no filme
"Escola de Sereias".*

I cried for you
Now it's your turn to cry over me
Every road has a turning
That's one thing you're darning
I cried for you
What a fool I used to be
Cause I've found two eyes
Just a little bit bluer
And I've found a heart
Just a little bit truer
I cried for you
Now it's your turn to cry over me.

BARALHO VELHO

Valsa de MIGUEL GUSTAVO. — Gravação de Dilá Melo.

Aquêles lindos castelos
tão altos, tão belos,
que eu fui fazendo...
fôram subindo, sorrindo,
sorrindo e subindo,
e eu nem fui vendo...
e o meu castelo de cartas
tão caras, tão fartas,
caiu no chão...
Mas como não choro à toa
e aguento de proa
qualquer safanão...
vou comprar outro baralho
ter novo trabalho,
mas vou persistir
e meu novo castelo
não há de cair...

II

Mas se um ventinho matreiro.
de leve, ligeiro,
vier soprar...
o meu castelo de cartas
tão caras, tão fartas,
não vou chorar...
olhando as cartas eu digo:
— "que eu nem te ligo..."
— "que fique pro chão..."
E como eu não choro à toa
e aguento de proa
qualquer safanão...
vou comprar outro baralho
ter novo trabalho,
mas vou persistir
e meu novo castelo
não há de cair...

especializados trabalharam durante quatro meses nos sete enormes sets principais de «As aventuras de Don Juan», que representam uma estalagem de Madrid, uma rua de Madrid, o exterior do palácio, o exterior de u'a mansão elizabetiana, a sala dos troféus do palácio e a sala do trono; esta, qualquer coisa de «estupidamente» grande. Os «astros» de «As aventuras de Don Juan» são Errol Flynn e Viveca Lindfors. A direção é de Vincent Sherman e a produção de Jerry Wald.

— «My Girl Tisa» é o nome definitivo da pelcula da United States Pictures, a ser distribuída pela Warner Bros., anteriormente denominada apenas «Tisa». Os «astros» são Lilli Palmer e Sam Wanamaker, e a direção foi de Elliott Nugent. E' preciso mais um pouco de propaganda, gente!

— A Universal-International completou entendimentos com Walter Wanger para a cessão de Susan Hayward, que estreiará «The Saxon Charm», com Robert Montgomery, naquela emprêsa. Susan, que há pouco terminou desempenho em «Tap Roots», de Walter Wanger para distribuição U-I, interpretará o papel de Janet Busch na adaptação da obra de Frederic Wakeman, autor também de «The Hucksters» (Mercador de ilusões).

— Fred Clark, o mordomo negro de Humphrey Bogart, estreará no cinema em «Mr. Peabody and the Mermaid», produção de Nunnally Johnson com William Powell e Ann Blyth. Fred, que nasceu na Inglaterra e tem um típico sotaque inglês, foi descoberto pelo produtor numa festa em casa de Humphrey Bogart, que, interrogado por Johnson, prontamente aconselhou o criado a aceitar a oferta.

— Ava Gardner acaba de voltar à U-I para o cobiçado papel de Vênus em «One Touch of Venus», o sucesso da Broadway agora adaptado à tela por Lester Cowan. Esse papel de Vênus, na Broadway, esteve entregue a Mary Martin. Não há dúvidas de que, pelo menos em beleza, Vênus vai melhorar muito!

— A Paramount já completou os planos para 1948. Nada menos de vinte películas dispendiosas já estão em preparação. Entre essas películas destacam-se as seguintes: — «Abigail, Dear Heart», drama romântico, com Claude Rains, MacDonald Carey e Wanda Hendrix; «It's Always Spring», comédia musicada com Veronica Lake, Mary Hatcher, Mona Freeman, Billy De Wolfe e George Reeves; «The Great Gatsby», com Alan Ladd; «Sorry, Wrong Number», com Barbara Stanwyck, Burt Lancaster e Ann Richards, dirigida por Anatole Litvak; «Sorrowful Jones», com Bob Hope; «Tatlock Millions», com Wanda Hendrix e John Lund; «Diamond In the Haystack», com a rendosa dupla Bing Crosby-Barry Fitzgerald.

— A Associated British tem grandes planos para 1948. Entre as suas produções programadas destacam-se «Queen of Spades», baseada numa história do russo Pushkin, que talvez seja estrelada por Anton Walbrook; «Silent Dust», que será estrelada por Claude Rains, e «Noose», baseada numa peça teatral de Richard Llewellyn, autor de «Como era verde o meu vale» e «Apenas um coração solitário».

— A Independent Artists completa a fotografia de «The Velvet Touch», que tem nos principais papéis Rosalind Russell, Leo Genn, Sydney Greenstreet e Claire Trevor. Esta pelcula assinala a entrada no mercado cinematográfico da nova produtora integrada pela «estréla» Rosalind Russell, Frederick Brisson e Dudley Nichols. Boas entradas!

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura, diáfano esplendor de primavera...



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.



CREME

RUGOL

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELIZA A PELE

Está à venda em todo o

Brasil o

**ALMANAQUE EU SEI
TUDO**

para 1948

Um monumento do Brasil antigo

(Cont. da pág. 31)

fui ver o portão principal, que fica do lado oeste, isto é, de frente para terra.

As portas pesadíssimas dificilmente rodaram sobre as dobradiças, quando as empurrei. Um pouco para o interior, vi, no teto, a abertura por onde descia uma segunda porta, tipo guilhotina, destinada a isolar a guaraníção, se por acaso o portão fosse tomado pelo inimigo, sem embargo do fôsso que rodeia a fortaleza pelos lados sul e oeste, e do revelim, pequeno forte avançado, construído a fim de defender a entrada, nesse ponto.

O portão principal, como as frentes da capela e demais edifícios, não são simples paredes de pedra e argamassa. Têm desenhos em alto-relevo, apresentam arte. Pode-se correr o esquadro e a régua em todo o comprimento das muralhas, sem nelas descobrir um desvio. A regularidade das linhas é perfeita. Os homens do século 18 souberam erguer em plena selva amazônica um monumento que, quase dois séculos passados, ainda é motivo de admiração e louvores."

Hoje, porém, a Fortaleza de São José de Macapá não está mais nesse estado. Tem hoje uma pequena guarnição de umas duas dezenas de soldados. Sua capela e outras dependências foram pintadas e estão bem cuidadas. Não há mais morcegos esvoaçando em torno. Os soldados possuem uniformes vistosos, decorativos, pitorescos, do século XVIII, época em que a velha fortificação foi inaugurada. O comandante Vasconcelos, que é o responsável pela manutenção do monumento histórico que nos lembra os dias agitados do Brasil Colônia, com as constantes incursões de estrangeiros, mandou que os soldados assim se vestissem e fizessem para a minha objetiva fotográfica uma demonstração de como funcionavam os velhos canhões daquela época...

E aqui estão os documentos fotográficos que consegui obter do velho monumento da capital do território do Amapá, — a cidade de Macapá, a mais setentrional das nossas metrópoles, a qual, segundo as mais recentes estatísticas, possui hoje 9.973 habitantes.

A Rainha do Rancho

(Cont. da pág. 17)

chopp das damas foi suprimido. Lord Topa-Tudo, para machucar ainda mais Lord Fumega e seus infelizes comparsas, resolveu instituir um prêmio de cinco contos e um vestido bordado a ouro (o da princesa do enredo das Cruzadas) à bela carnavalesca que for eleita. Não é preciso pertencer ao quadro do clube para ser eleita. Basta que, passando de cem votos a votação, a candidata confirme que aceita a indicação do seu nome. O concurso será movimentado através desta seção, sem intuito de magoar os «Caprichosos», mesmo porque a frase contundente, linhas acima, não é nossa e sim de Lord Topa-Tudo, esse nosso amigo, que nos prestigiou com a escolla desta folha para patrocinar tão empolgante concurso.

Da mesma seção, dez dias depois:

«OS «CAPRICHOSOS» VAO FICAR SEM PORTA-ESTANDARTE! — Acha-se em primeiro lugar, no nosso concurso para rainha dos «Aristocráticos de Madureira», a prendada e distinta senhorita Marlene de Albuquerque, que tem grandes habilidades como porta-estandarte e que Lord Fumega assegurara que seria o maior dos trunfos dos «Caprichosos de Madureira», rival daquele novel mas já prestigioso rancho. Entretanto, a senhorita Marlene de Albuquerque não protestou até agora contra a votação que tem recebido. E parece que nem protestará. Aliás, sabemos que elementos do novo rancho estão confabulando com Marlene e é possível que ela aceite. O prêmio não é para desprezar.»

Da mesma seção, dois dias depois:

«UMA VITÓRIA DOS «ARISTOCRÁTICOS»! — MARLENE ACEITOU. — Os «Aristocráticos» acabam de obter uma grande vitória, que é, talvez, o prelúdio de outras que, em breve, hão de conquistar. Marlene, a eficiente porta-estandarte e ornamento social de Madureira, acaba de dar a sua palavra, aceitando o belo e honroso título de rainha dos «Aristocráticos». Com a aquisição desse valioso elemento, os «Aristocráticos» estão de parabéns, mas os seus rivais estão de pésames... Agora, querendo remediar as coisas, Lord Fumega, dando mostras de arrependimento, mandou restabelecer o chopp das damas, mas já é tarde... A hora é mesmo dos «Aristocráticos», diz Lord Topa-Tudo ao nosso jornal, que, em meio de toda essa fervura, não deseja outra coisa senão manter a imparcialidade de sempre.»

Na mesma seção, dois dias depois:

«GOLPE DE MALANDRAGEM, BAIXO E SUJO. — Os «Aristocráticos» acabam de ser feridos por um golpe de malandragem, baixo e sujo, desses que envergonham qualquer carnavalesco sério. Marlene de Albuquerque, a buliosa mulatinha, cuja reputação aliás sempre foi objeto de comentários maliciosos, depois de haver assumido compromisso espontâneo, aceitando o título de rainha dos «Aristocráticos», à última hora tirou o corpo fora, com o maior cinismo, tendo escrito a Lord Topa-Tudo esta carta, que é um documento revelador da sua falta de compostura moral: «Sinhor Aroueira (Lord Topa-Tudo): Vejome na cercesta de retirá minha palavraria, por cér menor de idade e minha tia qui me criô, querer que eu fique no crube do Lord Fumega. Diz que é pouca vergonha fazê sujeira aíem descurpe mas não podendo cê que é poco fazê. Marlene». O caso é que Lord Fumega,

segundo consta, teria dobrado a parada, prometendo uma bolada maior à mulatinha. De onde é que ele iria tirar tanto dinheiro? Os «Caprichosos» estão arrebentados. Hum, aqui há coisa.»

Dias depois, no mesmo matutino:

«CHOQUE ENTRE RANCHOS. — Apesar das ordens da polícia e do itinerário previamente traçado, dois ranchos de Madureira, na noite de ontem, perto da praça Mauá, tiveram violento choque, empanando, assim, o brilho do desfile das associações suburbanas, que acabou sendo dissolvido, por motivo de ordem pública. Houve grossa pancadaria, sendo que a mulatinha Marlene de Albuquerque, pretendida rainha dos «Caprichosos de Madureira», foi pisoteada e rasgada, tendo de ser recolhida ao Pronto Socorro com contusões generalizadas. Foram presos dois carnavalescos, os srs. Vicente Aroueira, o conhecido e prestigioso Lord Topa-Tudo, e Joaquim Marcelino, que atende pela alcunha de Lord Fumega. E' de crer que a prisão de Lord Topa-Tudo seja logo relaxada, pois se trata de uma injustiça. A vez de entrar na avenida Rio Branco era dos «Aristocráticos de Madureira», quando os «Caprichosos», audaciosamente, quiseram cortar-lhes o caminho. Contudo, embora não tendo havido o desfile e estando, preto, o infatigável e dinâmico presidente dos «Aristocráticos», — prisão que decreto será relaxada — afirma-nos Lord Picapau, vice-presidente em exercício, que, de qualquer modo, será realizada à noite a chopada da vitória, dedicada à imprensa carnavalesca, seguida de deslumbrante baile a fantasia, para o qual fomos gentilmente convidados. Lamentamos imensamente o incidente provocado por carnavalescos indignos, que perturbou o desfile e que não podemos silenciar, em face do nosso dever irrecorribel de informar ao público, através do registro sereno e imparcial dos fatos.»

Forças novas na política

(Cont. da pág. 10)

BABARO', O GORDISSIMO BABARO', QUER SABER QUE E' QUE HA' COM A BANHA...

Babaró não é um nome. E' uma alcunha. A alcunha de Alvaro Celso da Trindade, um vereador gordíssimo. Não gosta que o chamem pelo apelido... «Babaró», pelo qual é conhecido. Foi eleito pelo PR, do qual é militante desde 1930. Faz parte de seu diretório municipal. Frisa que não foi eleito como locutor e, sim, como político. Segue a orientação partidária. Como "speaker", agora, só irradia futebol aos domingos. Promotor da Justiça militar. Estreou na Câmara levantando o problema da banha em Belo Horizonte. Protestou contra o fato de um vereador haver usado a expressão carapuça, que declarou anti-parlamentar... fazendo o outro retratar-se. Dizem de pilharia que, há anos, irradiando um incêndio no edifício da Imprensa Oficial do Estado, anunciava, entre outras: "Atenção! As chamas avançam pela ala esquerda. Os bombeiros atacam pela direita! Espetacular manobra dos bombeiros. Os rapazes do fogo arrancam delírios da multidão! As chamas procuram envolver os rapazes do fogo! Perigo!"... e coisas outras no mesmo jeito. Tem 31 anos de idade.

O "BARRETO PINTO DE BELO HORIZONTE"...

Outro vereador eleito por via da popularidade radiofônica em Belo Horizonte foi Orlando Fialho Pacheco, mais conhecido como Pachequinho. Pertence ao PTN, partido orientado pelo prefeito de Belo Horizonte e ex-ministro do Trabalho, sr. Octacilio Negrão de Lima.

Em Belo Horizonte, são muitos os que zombam de Pachequinho.

— E' um irresponsável! — dizem alguns.

— E' o Barreto Pinto da Câmara Municipal! — dizem outros.

Há, porém, quem defenda Pachequinho, acusando os eleitores que votaram nele. Conta-se que um fotógrafo quis que ele tirasse uma fotografia de casaca e cuecas, tomando champanha, como o Barreto Pinto. Ele teria ido pedir licença ao seu chefe, sr. Negrão de Lima, — e voltara aborrecido, com uma negativa.

Entretanto, posou para outro fotógrafo em pose parecida, sonhando com uma "dona boa" que saía na capa de uma revista.

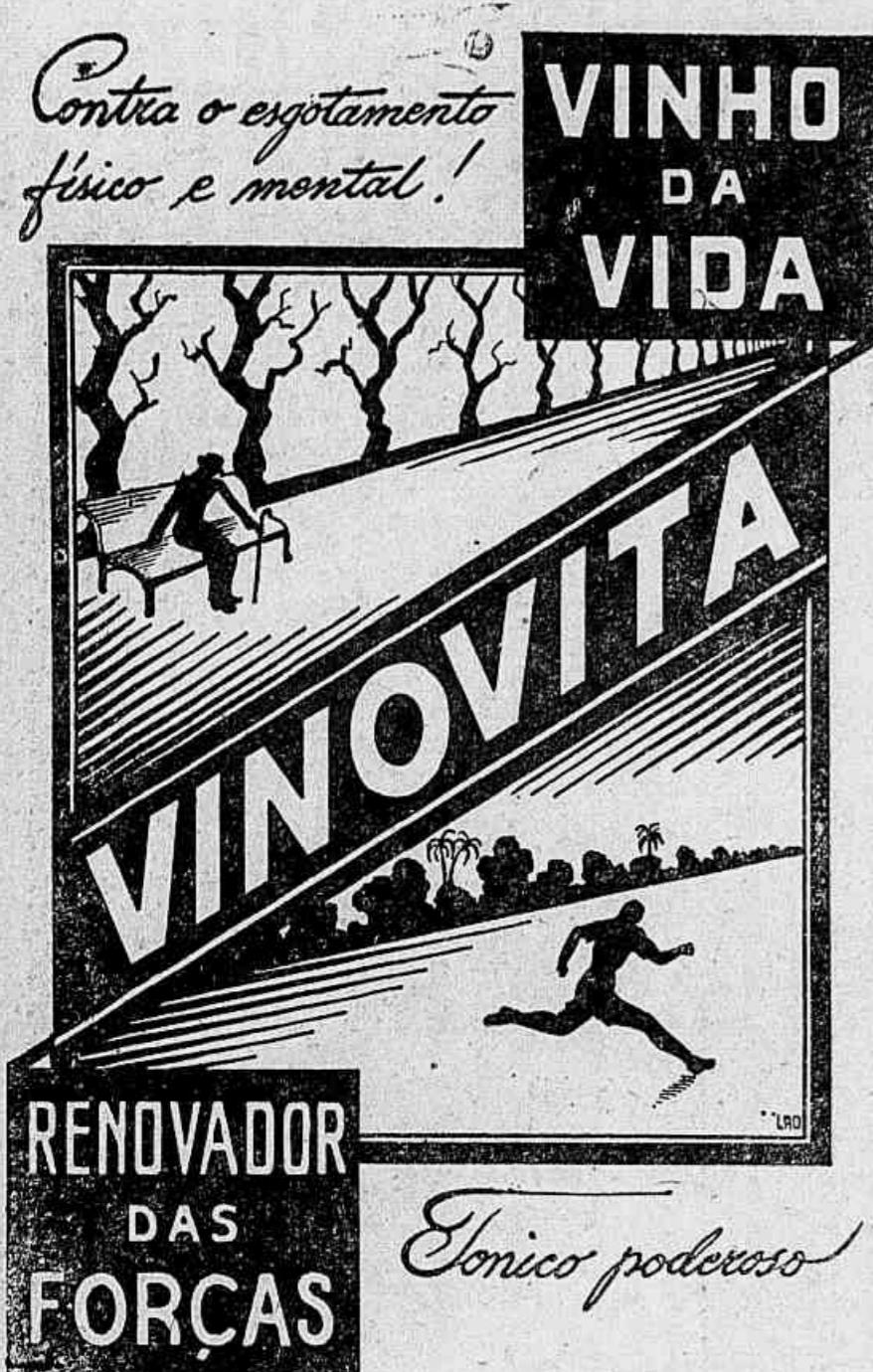
Acreditem ou não, aconteceu em Belo Horizonte...

KAFUNGA, O FUTEBOLISTA QUE JOGA COM AS CORES DO PSD...

Kafunga, um popular futebolista, foi também eleito vereador em Belo Horizonte. Ele jogou a partida eleitoral vestindo a camiseta do PSD. Seu verdadeiro nome é Olavo Leite Bastos. E' jogador famoso do Atlético Mineiro. Conquistou 1.300 votos, — votos que são dos seus amigos e torcedores, — como costuma dizer, e não do partido sob cuja legenda foi inscrito. Diz que não segue propriamente uma orientação partidária, e, sim, o interesse dos belorizontinos. A sua vida não se modificou com a vereança. Acha que a democracia apenas está tomado pé. Atuação discreta na Câmara, pouco se ocupando com questões políticas. Trabalhará pelos esportes, declarou. Tem 42 anos.

CONCLUSÃO

Eis ai, de relance, em breve reportagem, o que representam, como triunfaram e o papel que ora exercem essas forças novas da política nacional, beneficiadas pelas auras da popularidade granjeada pela música popular, pelo teatro, pelo rádio e pelo futebol. Esses casos são tão expressivos que não nos admiraremos se, no próximo pleito, Oscarito for candidato a senador... Popularidade ele tem mais que o Alencastro Guimarães ou o Heitor Beltrão. Quanto ao prestígio, as urnas é que dirão...



ADOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

LUTA PELA BELEZA

Na luta incessante pela sua beleza, pela sua boa aparência, pela sua estética, a mulher não poupa sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente a toda sorte de regimes, massagens, ginásticas, etc. Censura nenhuma ela merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção ou pela conservação de sua beleza ela nada mais faz que luta pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode, pois, sensurá-la em relação ao objetivo de sua luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios nem sempre eficazes e adequados de que ela lança mão para atingir esse objetivo. Quantas moças e senhoras tratam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobrancelhas, de sua boa aparência, enfim, esquecendo-se do principal; de sua saúde íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos crimes, tinturas, etc! Mas nenhuma providencia, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, de afastar perturbações, que são geralmente a causa primeira dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento visando assegurar a sua beleza, garante a regularidade de seu organismo, de combate os males do seu sexo e os afasta definitivamente recorrendo ao remédio que é fabricado de acordo com a natureza deles: REGULADOR XAVIER. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2, se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — lhe dará saúde, saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inegociável de sua beleza! Grave bem: REGULADOR XA-VI-ER.

"UM PORTO REMANSOSO"

Um folhetim sintético ilustrado
da "REVISTA DA SEMANA"

Novela de OLIVE HIGGINS PROUTY

Ilustrações de GEORGE TETZEL



Sam nunca sabia o que estariam fazendo...

Sam Brock nunca podia imaginar o que Nora e Joe estavam fazendo, quando despertava da sesta. Hoje, encontrava-os metidos nágua até os joelhos, num riacho, examinando a construção de uma represa de castores; amanhã, ajoelhados no chão, admirando algum enorme formigueiro; depois, em cima de uma árvore, apanhando uma colmeia abandonada... — Nora sempre foi curiosa sobre os bichos. — Sam disse um dia a Joe. — E nunca tivemos um guia, antes de você, que soubesse ao menos a metade do que ela pergunta. — Era hora de almôço. Estavam os três sentados em torno do fogo, onde Joe preparava um bolo de maca. Já passara uma semana desde a chegada dos Brock, e Joe já não tinha a menor dúvida quanto aos seus sentimentos em relação a Nora. Estava pronto por ela! Ainda sentia a ameaça, mas nada

— Ela sempre gostou de animais? — perguntou Joe.

fazia para evitá-la. Um sorriso dela ou o contacto dos seus dedinhos eram mais importantes do que qualquer outra coisa desse mundo. Toda vez que Sam começava a falar em Nora, Joe o animava. Por isso, aproveitou para perguntar: — Quer dizer que ela sempre gostou de bichos?

— E' sempre grudada nas vitrines das lojas de animais. Chegou até a querer estudar veterinária. Mas não permiti... Ela só queria por causa de uma coisa que aconteceu quando era pequena.

— Papai, por favor! Não fale nisso.

— Ora, minha filha. Deixe de tolices! Nora se afastou e Sam contou que quando ela era pequena escondera uma vez um gatinho numa caixa de sapatos e ele morrera sufocado. — Ela chorou muito...



— Fiz aquilo para tapear o médico!

Houve uma breve pausa, tensa, até que Nora perguntou: — Por que é que pensa que fiz aquilo?

— Naturalmente a minha situação tocou no seu ponto fraco.

— Nada disso! — E a franqueza de Nora acamou de novo a terra fina que ele acabara de revolver. — Foi só para tapear o médico.

— Para tapear o médico?

— Claro! Fui obrigada a mentir que você era meu noivo, para que ele resolvesse atendê-lo no meio da noite. Assim, tive de continuar o papel na hora da despedida.

— Oh, então foi o doutor quem tocou no seu ponto fraco? Cai numa boa, caí! — E Joe sentiu uma onda de

Era uma sensação agradável, animadora...

sangue quente no rosto. Continuou de cabeça baixa, mexendo a terra com um pedaço de pau. — Que idiota que sou! — murmurou, completamente confuso. — Não, não é, não! — Um homem de cabeça baixa sempre fazia pena em Nora. Tocou-o no ombro. — Olhe para mim, Joe. — Mas ele continuou revolvendo a terra. Nora, então, pousou a mão sobre a dele, e ele aproveitou... Por um bom minuto ficaram os dois de mãos dadas, mudos e paralisados. A onda de sangue diminuiu e, finalmente, desapareceu do rosto de Joe. E foi Nora quem quebrou o silêncio, embora sem o menor movimento: — Você não acha que já é tempo de soltar minha mão? — Joe soltou-a no mesmo instante. — Desculpe. Não devia ter feito isso. Esqueci quem sou.

Subiu à encosta para a cabana de Joe.

— Quem é você, Joe?

— Seu guia. Vou acabar de lavar as coisas. — Levantou-se e foi embora.

Naquela noite, quando o pai já dormia, Nora ficou sentada por muito tempo, pensando. Sentia uma coisa boa, morna, carinhosa. Joe retribia os seus sentimentos... agora tinha certeza. O dia seguinte era domingo. Chovia muito. De tarde, Nora despiu a roupa que usara a semana inteira e pôs um vestido de seda. Vestiu capa, chapéu e galochas e saiu em busca de Joe. Mas, subindo a encosta, certificou-se bem de que não fôr por causa de Joe que vestira aquela roupa mais feminina. Não, nada disso... fôr apenas porque ela mesma gostava...



— Não, não é não! — disse Nora, entrando.

Nora arranjara uma boa desculpa para visitar Joe. Queria uma informação qualquer sobre um bichinho que levava na cesta. Precisou bater duas vezes antes de ouvir o convite para entrar. Joe estava de costas para a porta, sentado numa cadeira, lendo. — E' você, Ed? — Não, não é, não! — Joe saltou. Cachimbo, cinzeiro, livro, foi tudo parar no chão. Virou-se e deparou com Nora. Estava de óculos com arcos de tartaruga, e Nora teve a impressão exata de estar diante de um estudante. — Ora, Joe, não seba que você usava óculos! — Não uso! — e ele os tirou do rosto. — Só para letras miúdas. Quer alguma coisa, Nora? — Quero, sim. Trouxe aqui uma coisa para

lhe mostrar. — E exibiu a cesta. A história da véspera não deixara sinais em Nora, decidiu Joe. Ela não se importava. Joe pensou nessas coisas enquanto ela tirava a capa. Então, olharam ambos para a cesta. — E' preciso cuidado para que ele não fuja — avisou ela. — E' um rato. Apanhei-o na lata de lixo. — Joe apanhou o bichinho pelo cachorro e disse: — E' um rato do campo. Tem a cauda mais curta que os caseiros, e o pelo mais escuro. Vou pô-lo lá fora. Ele sabe o caminho da volta.

— Não, é muito longe. Ele pode se perder. Eu o levaria comigo.

O ponto fraco era por qualquer criatura... rato ou

homem... pensou Joe, repondo o rato na cesta. Pouco depois, Nora falou: — Quero lhe dizer uma coisa, Joe. Sua vida particular não é da minha conta, mas seu emprego como nosso guia é. Sou muito franca e gosto de lidar com gente franca. E' muito desagradável eu vir aqui para falar com o meu guia e encontrar em lugar dele um legítimo estudante. E' o que você parece, para mim.

— Bem, mas não sou!

— Você, sem dúvida alguma, sabe fazer o seu papel. Quantos outros tem feito, Joe? Olhe bem para mim... você não é mesmo um guia, é?



— Todo o mundo pensa em você...



Preparando o chá. Joe observava Nora...



Estava dormindo mesmo. Teve certeza.

Em resposta à pergunta de Nora, Joe disse vagarosamente: — Estou fazendo tudo o que é possível para me tornar um bom guia. Será que falhei? — Oh, não! Você tem sido perfeito! Mas, mesmo assim, não consegue iludir ninguém. Todo mundo pensa em você. Todos têm teorias a seu respeito.

— Que espécie de teorias? — Alguns, explicou Nora, julgavam-no vítima de anésia. Outros, um presidiário fogagido. Um, chegava a julgá-lo escondido para fugir à convocação militar.

— Isso é falso! — gritou ele. — Dou-lhe a minha palavra como é falso. Há dois anos, quando aqui chegou, não havia qualquer convocação a evitar! Seja como for, estou registrado na circunscrição local. Pode dizer isso a todos!

— Está bem, está bem! E você quer saber qual é a minha teoria? Acho-o igual àquele velho duque, Thoreau. Ele amava as matas e os animais, como você, e foi viver sozinho numa cabana.

Joe deu uma risadinha. — Eu não resolvi vir para cá. Estava apenas fugindo de uma terrível situação... Que ainda existe! Deus, desejo que pudesse contar-lhe tudo. — Levantou-se, caminhou pelo aposento e parou em frente a ela. — Não, não posso. Não devo. Há interesses de outros em jogo. Se minha mãe soubesse que estou aqui, vivo, isso estragaria a lembrança que guarda de mim, e a opinião, também. Não sei por que lhe estou dizendo essas coisas. — E Joe fez uma careta aborrecida...

— Está muito bem, Joe. Eu sei guardar segredos. Escute, por que não faz um pouco de chá para nós?

— É mesmo — disse ele. Preparando a bebida, olhou-a pelo canto dos olhos. Ela pusera lenha no fogo e se esticara na espreguiçadeira, de olhos fechados, como que meio adormecida. Pronto o chá, encheu uma xícara e a colocou na mesa, ao lado dela. Nora não se moveu. Estava tranquila como uma criança adormecida, os lábios entreabertos, a cabeça caída para um lado... Ele sentiu que devia fazer algum ruído para despertá-la... a fim de deter a onda de emoção que o invadia. Ao invés disso, porém, chegou-se com cuidado até que ficou bem juntinho dela. No mesmo instante a respiração de Nora tornou-se compassada, profunda. Estava dormindo mesmo...



Nora sorriu: — Alô, Joe!



Um estremecimento e abriu os olhos...



— Até amanhã, seu bruto!

Ficaram os dois assim por muito tempo. Afinal ela estremeceu ligeiramente e abriu as pestanas, fitando-o em silêncio por um instante. Depois sorriu. — Alô, Joe! — Alô, Leonora! — Qualquer coisa a perturbou ao ouvir o nome que considerava ridículo, assim pronunciado por ele. Fechou os olhos rapidamente, talvez para ocultar os sentimentos, e continuou a respirar compassadamente... Outro minuto passou. Um tronco virou, partiu-se, e um jacto de fagulhas estrelantes se projetou da lareira. Joe inclinou-se e a beijou nos lábios... delicadamente... como que receando acordá-la. Não houve protestos. Ela se assustou um pouquinho, depois sentou-se, com expressão espantada.

— Céus! Creio que dormi. Onde está meu chá?
— Na mesa, ali ao lado.

— Bem, sente-se aqui e seja sociável — Provou um goleinho. — Está delicioso, sr. Jones. — Joe ficou pensando um pouco e depois disse: — E melhor que eu não seja mais seu guia... Estou apaixonado por você.

— É impressão sua, Joe?

— Estou dizendo que estou apaixonado por você — repetiu Joe, severo, mas pronunciando a frase ainda com mais gosto.

— Bem, não é crime nenhum. Por que tanta lugubridade?

— Porque não pode dar em nada.

— Oh! Será que é casado?

— Pior ainda. Estou oficialmente morto. Talvez haja até uma lápide com o meu nome, no sepulcro da família.

Vou lhe contar a história. — Nora levantou-se. — Não, não o permito. Espere até que tenha certeza de que confia em mim. — Vestiu a capa. — Já vou. E amanhã preciso de você. Ainda o considero um maravilhoso guia.

— Você é maravilhosa — murmurou Joe. — Imitador... Será que não sabe se exprimir com mais originalidade? — perguntou Nora.

— Sei, sim. Mas será que devo?

— Claro. Por que não? — E Nora recuou com uma expressão de desafio no olhar. — Muito bem. Vou mostrar! — Joe agarrou-a pelos ombros e procurou beijá-la novamente. Desta vez a coisa não foi tão fácil. Mas, afinal, conseguiu... Da porta, Nora o olhou muito séria:

— Até amanhã, seu bruto! — E saiu para a chuva grossa.



— Ora, ora, — rosnu Sam. — Chega!



Sam perguntou se estava machucada...



— Não, não. Por enquanto, não!

Sam Brock estava na sua cadeira, saboreando um charuto, quando Nora entrou. Beijou-o várias vezes na calva, depois esfregou o resto contra o dele. — Ora, ora — rosnu Sam. — Chega!

— Querido, adorável paizinho. — E Nora afagou os poucos cabelos do pal, que berrou: — Dê o fora! Que é isso? Para que isso tudo?

— Nada, nada. Estou contente, é só. — Foi para trás da cortina que separava a sua cama e começou a tirar as roupas molhadas. Estava contente, feliz! Muito feliz, terrivelmente feliz! Será que estava mesmo amando? Pouco depois suas reflexões foram interrompidas pelo badalar de um sino. Era Joe, anuncianto a hora do jantar. Ele estava perto. Ouvindo aquilo, Nora corou ligeiramente...

Nos dias que se seguiram, Sam Brock não notou a menor diferença nas maneiras e na atitude de Joe. Nem em Nora, tampouco. Não tinha a menor desconfiança do que estava acontecendo bem embaixo do seu nariz. E Nora desejava que tudo continuasse assim. Conhecia o pal muito bem. Ela sabia que no instante em que ele soubesse que ela e Joe estavam enamorados (e que pretendiam casar), quereria saber tudo sobre o passado de Joe, e usaria os seus brutais métodos para obter esses dados. Nora não podia arriscar enquanto ela própria não conhecesse os fatos. Sam, final, reparou na tendência de Nora para aceitar auxílio de Joe em muitas coisas que antes fazia sozinha... subindo um morro, vadeando uma corrente dágua, entrando e saindo da canoa. Um dia, quando Joe a estava ajudando a atravessar um regato,

Sam perguntou se estava machucada ou que diabo havia. Nora explicou que se julgava resfriada, pois sentia o corpo doído, etc... Honeste e franca como era, Nora acabou por dizer a Joe que também gostava dele. E acrescentou logo que ele não podia estar mais surpreso do que ela. Disse tudo num impulso... pois o pai estava apenas a poucos metros deles. Só tiveram oportunidade de ficar a sós no dia seguinte, quando Sam dormia. Foram para uma clareira retirada... Enquanto Nora estava ainda trêmula daquele primeiro beijo verdadeiramente livre, Joe começou a lhe dizer o seu nome legítimo. Mas Nora o deteve.

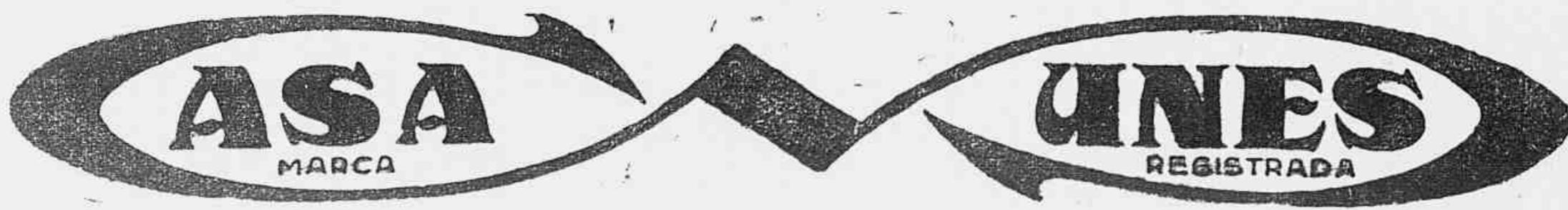
— Não, não! Ainda não, por favor. Pouco me importa qual seja o seu nome. O que me importa é que seja você, seja como Joe, Tom, Dick ou Harry...



MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes **ORIENTAIS** (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS A VULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

*Após o cafézinho,
um bom cigarro*



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz